

ANAIS



**II Encontro Potiguar de
Medicina Veterinária**

Regina Valéria da Cunha Dias
Adrielly Lorena Rodrigues De Oliveira
Alex Raísa Da Silva Viana
Glícia Fernanda Oliveira Almeida
Yara Stephanie Ramos Ribeiro
ORGANIZAÇÃO

**ANAIS DO II ENCONTRO POTIGUAR DE MEDICINA
VETERINÁRIA**

RESUMOS

Evento realizado de 08 a 12 de Junho de 2021
Mossoró, RN



2022



Esta obra foi editada pela EDUFERSA e está licenciado com uma Licença Creative Commons (CC BY-SA 4.0).

A Editora é signatária da Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004, que disciplina o Depósito Legal.

Evento realizado pelo Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, de 08 a 12 de junho de 2021, na cidade de Mossoró, RN.

O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade dos organizadores e autores.

Reitora

Ludimilla Carvalho Serafim de Oliveira

Josivania Soares Pereira, Kalyne Danielly Silva de Oliveira, Maria Rociene Abrantes, Ruan da Cruz Paulino e Vanessa Silva Santana.

Comissão Organizadora do evento

Adrielly Lorena Rodrigues de Oliveira, Aksa Ingrid Vieira Batista, Alex Raísa da Silva Viana, Aluisio De Souza Neto, Ana Luiza Cordeiro Gondim Guimarães, Camila Pontes Landim, Cibelle Martins Uchôa de Almeida, Francisco Fernandes Feitoza Neto, Glícia Fernanda Oliveira Almeida, Karla Karielly de Souza Soares, Larissa Daniele Aires Oliveira do Carmo, Lucas Micael Freire Pereira, Moisés Dantas Tertulino, Paula Vivian Feitosa dos Santos, Regina Valéria da Cunha Dias, Ruana Rafaela Lira Torquato Paiva, Sandy Beatriz Silva de Araújo, Vitória Rebouças, Yara Stephanie Ramos Ribeiro e Zacarias Jacinto de Souza Júnior.

Coordenador da Editora Universitária da UFERSA

Wildoberto Batista Gurgel

Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFERSA

Vanessa Christiane Alves de Souza

Conselho da Editora Universitária da UFERSA

Wildoberto Batista Gurgel, Antonio Diego Silva Farias, Emanuel Kennedy Feitosa Lima, Felipe Araújo Castro, Fernanda Matis, Fernando da Silva Cordeiro, Franselma Fernandes de Figueiredo, Luís César de Aquino Lemos Filho, Rafael Castelo Guedes Martins, Rafael Rodolfo de Melo e Vanessa Christiane A. de S. Borba.

Organização dos Anais

Regina Valéria da Cunha Dias, Adrielly Lorena Rodrigues de Oliveira, Alex Raísa da Silva Viana, Glícia Fernanda Oliveira Almeida e Yara Stephanie Ramos Ribeiro.

Equipe Técnica

Cleide de Souza (Bibliotecária), Mário Gaudêncio (Produção editorial e Diagramação), Francisca Nataligeuza Maia de Fontes (Secretária) e Priscila Ricelle (Capa).

Comitê Científico

Aluisio de Souza Neto, Camila Pontes Landim, Fabiano Rocha Prazeres Júnior, Fernando da Costa Fernandes, Giulia Costa Oliveira de Medeiros Santana, Ilanna Vanessa Pisto de Medeiros Oliveira, Jéssica Monique dos Santos Lima,

Revisão Gramatical

Anna Kristyna Araújo da Silva Barbosa

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Orlando Teixeira (BOT-SISBI)

- E56 Encontro Potiguar de Medicina Veterinária (2. : 2021 : Mossoró, Brasil).
Encontro Potiguar de Medicina Veterinária / organizado por Regina Valéria da Cunha Dias... [et al.]. – Mossoró : EDUFERSA, 2022.
103 p.
- Anais do II Encontro Potiguar de Medicina Veterinária (EPVET), promovido pelo Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.
Evento on line realizado de 08 a 12 de Junho de 2021, na cidade de Mossoró, RN.
E-ISBN: 978-65-87108-45-2
1. Medicina Veterinária. 2. Inspeção. 3. Parasitologia. 4. Pequenos animais. 5. Grandes animais. 6. Animais silvestres. I. Oliveira, Adrielly Lorena Rodrigues de. II. Viana, Alex Raísa da Silva. III. Almeida, Glícia Fernanda Oliveira. IV. Ribeiro, Yara Stephanie Ramos. V. Título.

CDD: 636.089

Cleide de Souza, CRB-15/718
(Bibliotecário-Documentalista)

Editora Afiliada



Av. Francisco Mota, 572 (Campus Leste, Centro de Convivência)
Costa e Silva | Mossoró-RN | 59.625-900 | +55 (84) 3317-8267
<http://edufersa.ufersa.edu.br> | edufersa@ufersa.edu.br



Av. Francisco Mota, 572 (Campus Leste, Centro de Convivência)
Costa e Silva | Mossoró-RN | 59.625-900 | +55 (84) 3317-8308 / 3317-1096
<https://bibliotecas.ufersa.edu.br> | <https://colecoes@ufersa.edu.br>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I: INSPEÇÃO	10
QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO LEITE NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB	11
PARTE II: PARASITOLOGIA.....	12
PRIMEIRO RELATO DE PARASITO DA SUBFAMÍLIA ANISAKINAE EM CACHALOTE PIGMEU (KOGIA BREVICEPS) ENCALHADA NA COSTA DO NORDESTE	13
PRIMASUBULURA JACCHI EM SAGUI-DE-TUFOS-BRANCOS (CALLITHRIX JACCHUS): RELATO DE CASO	14
PARTE III: PEQUENOS ANIMAIS.....	15
ÁCAROS EM CANIS LUPUS FAMILIARIS (LINNAEUS, 1758): ESTUDO RETROSPECTIVO	16
ACHADOS LABORATORIAIS DE UM FELINO COM HIPOTIREOIDISMO CONGÊNITO: RELATO DE CASO	17
ATRESIA ANAL ASSOCIADA À FÍSTULA RETOVAGINAL EM FELINO: RELATO DE CASO.....	18
CARCINOMA INDIFERENCIADO EM MEMBRO TORÁCICO CONTENDO MICROFILÁRIAS INTRANODULARES EM CÃO: RELATO DE CASO	19
CRIOCIRURGIA NO TRATAMENTO DE MELANOMA ORAL EM CÃO: RELATO DE CASO	20
DEMODOSE GENERALIZADA EM CANIS LUPUS FAMILIARIS LINNAEUS, 1758: RELATO DE CASO	21
DESCRIÇÃO ANATOMOPATOLÓGICA DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA EM CÃES COM DIROFILARIOSE.....	22
DIABETES MELLITUS EM CÃO (CANIS LÚPUS FAMILIARIS): RELATO DE CASO	23
DIAGNÓSTICO DE LEISHMANIA INFANTUM PELO USO DO MÉTODO DE REAÇÃO EM CADEIA DA POLIMERASE (PCR) EM CÃO	24
DIROFILARIOSE EM CÃES SINTOMÁTICO E ASSINTOMÁTICO NA REGIÃO LITORÂNEA CEARENSE: RELATO DE CASO	25
DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL FELINA: RELATO DE CASO	26
ETOGRAMA DE CÃO GERIÁTRICO DA RAÇA COCKER SPANIEL INGLÊS SOB CUIDADOS HUMANOS.....	27
GASTRITE CRÔNICA LINFOPLASMOCÍTICA ACOMPANHADA DE INFECÇÃO POR HELICOBACTER SPP. EM CÃO	28

HEMANGIOPERICITOMA EM CÃO: RELATO DE CASO.....	29
HEMANGIOSSARCOMA CUTÂNEO EM CÃO: RELATO DE CASO	30
HIPOSPADIA E ATRESIA ANAL EM FILHOTE CANINO: RELATO DE CASO	31
INTOXICAÇÃO POR IVERMECTINA EM CÃO: RELATO DE CASO	32
HIDROCEFALIA EM CÃO: RELATO DE CASO.....	33
LÚPUS ERITEMATOSO DISCÓIDE EM CÃO: RELATO DE CASO	34
OCORRÊNCIA DE LUXAÇÃO ANTERIOR DE CRISTALINO EM FELINO: RELATO DE CASO	35
OTITE INTERNA CAUSADA POR CORYNEBACTERIUM SP. EM CANINO: RELATO DE CASO.....	36
PERITONITE SÉPTICA EM CÃO: RELATO DE CASO	37
SARCOMA DE APLICAÇÃO EM FELINO: RELATO DE CASO	38
SÍNDROME DA DILATAÇÃO VÓLVULO-GÁSTRICA EM CÃO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO	39
TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL NASAL CANINO: RELATO DE CASO.....	40
ULTRASSONOGRRAFIA OCULAR COMO FERRAMENTA DIAGNÓSTICA NO DESCOLAMENTO DE RETINA DEVIDO HIPERTENSÃO EM CÃO: RELATO DE CASO.....	41
PARTE IV: GRANDES ANIMAIS.....	42
AMPUTAÇÃO DE FALANGES ACOMETIDAS POR OSTEOMIELEITE EM BOVINO: RELATO DE CASO.....	43
ASPECTO SANITÁRIO EM CRIAÇÕES DE OVINOS NA MICRO REGIÃO DE GUARABIRA E BANANEIRAS NA PARAÍBA	44
BRONCOPNEUMONIA EM NEONATO OVINO: RELATO DE CASO	46
COMPACTAÇÃO POR ENTERÓLITO EM PÔNEI: RELATO DE CASO.....	47
ENDOPARASITOS EM EQUUS CABALLUS (LINNAEUS, 1758) DE IPANGUAÇU, RN.....	49
ENDOPARASITOS EM SUS SCROFA DOMESTICUS (ERXLEBEN, 1777) DE MOSSORÓ, RN	50
EPIDERMITE EXSUDATIVA EM SUÍNOS: RELATO DE CASO	51
EVICERAÇÃO EM OVINO: RELATO DE CASO	52
FRATURA SALTER-HARRIS TIPO I EM BOVINO: RELATO DE CASO	53
HABRONEMOSE CUTÂNEA EM EQUINO: RELATO DE CASO	54
INCLUSÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE MARMELEIRO NA RAÇÃO DE FRANGOS DE CORTE ...	55
INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA E LAMINITE ASSOCIADA À RABDOMIOLISE EM EQUINO ATLETA: RELATO DE CASO	56
INTOXICAÇÃO POR FLUAZURON E FIPRONIL EM NEONATO BOVINO: RELATO DE CASO .	57

INTOXICAÇÃO POR IPOMOEA ASARIFOLIA EM OVINO: RELATO DE CASO	58
MASTITE EM ÉGUA CAUSADA POR KLEBSIELLA SP.: RELATO DE CASO	59
MELANOMA MALIGNO EM EQUINO MESTIÇO PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO, ALAGOAS: RELATO DE CASO.....	60
OSTEOMIELITE EM EQUINO: RELATO DE CASO	62
PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM EQUINOS DA RAÇA QUARTO DE MILHA ANTES E APÓS AS ATIVIDADES EQUESTRES DE VAQUEJADA.....	63
PLACENTITE EM ÉGUA QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO	64
POSTOPLASTIA EM BOVINO COM ACROPOSTITE-FIMOSE: RELATO DE CASO	65
PRESENÇA DE SERRATIA MARCECENS EM SECREÇÃO NASAL DE EQUINO MESTIÇO: RELATO DE CASO.....	66
QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO LEITE NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB.....	67
RECONSTRUÇÃO DA DELIMITAÇÃO RETO-VESTIBULAR EM ÉGUA COM LACERAÇÃO PERINEAL: RELATO DE CASO.....	68
SÍNDROME CÓLICA EM ÉGUA GESTANTE: RELATO DE CASO	69
SEPTICEMIA POR RINITE EM EQUINO: RELATO DE CASO	70
TÉTANO EM SUÍNO NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ/RN: RELATO DE CASO	72
ÚLCERA DE CórNEA EM EQUINO: RELATO DE CASO	73
ÚLCERA DE CórNEA PROFUNDA EM EQUINO: RELATO DE CASO	74
UROLITÍASE OBSTRUTIVA EM CAPRINO: RELATO DE CASO.....	75
USO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS NO TRATAMENTO DE PROCESSO INFLAMATÓRIO EM REGIÃO DO BOLETO EM EQUINO: RELATO DE CASO	76
PARTE V: ANIMAIS SILVESTRES	77
AVALIAÇÃO DA INTEGRIDADE DE MEMBRANA ESPERMÁTICA DE CUTIA (DASYPROCTA LEPORINA) ATRAVÉS DO TESTE HIPOSMÓTICO	78
AVALIAÇÃO PÓS-MORTE M DE ANIMAIS VÍTIMAS DE ATROPELAMENTOS NA BR-230 NO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA	79
DEFICIÊNCIA NUTRICIONAL EM PERIQUITO AUSTRALIANO: RELATO DE CASO	80
DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DO ESPERMATOZOIDE EPIDIDIMÁRIO DE CUTIA (DASYPROCTA LEPORINA)	81
ESTEREOLOGIA DO ENCÉFALO DE EMAS (RHEA AMERICANA AMERICANA LINNAEUS, 1758) ...	82

INFECÇÃO CAUSADA POR PSEUDOMONAS AERUGINOSA EM CAVIDADE NASAL DE PERIQUITO-AUSTRALIANO (<i>MELOPSITACCUS UNDULATUS</i>): RELATO DE CASO	83
INGLUVIOPLASTIA EM RING NECK (<i>PSITTACULA KRAMERI</i>): RELATO DE CASO	84
INTOXICAÇÃO CAUSADA POR ROSA DO DESERTO (<i>ADENIUM OBESUM</i>) EM DUAS CALOPSITAS (<i>NYMPHICUS HOLLANDICUS</i>): RELATO DE DOIS CASOS	85
MORFOMETRIA DO ENCÉFALO DE EMA (<i>RHEA AMERICANA AMERICANA LINNAEUS, 1758</i>)	86
OCORRÊNCIA DE PULEX IRRITANS E CTENOCEPHALIDES FELIS FELIS EM GAMBÁ-DE-ORELHA-BRANCA (<i>DIDELPHIS ALBIVENTRIS</i>) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO	87
ORNITHODOROS SPP. EM CUTIAS (<i>DASYPROCTA LEPORINA</i>) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO	88
ORNITHODOROS SPP. EM PORQUINHO DA ÍNDIA (<i>CAVIA PORCELLUS</i>) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO.....	89
OSTEOMIELEITE CAUSADA POR PODODERMATITE EM IRERÊ (<i>DENDROCYGNA VIDUATA</i>) (<i>LINNAEUS, 1766</i>): RELATO DE CASO	90
PRIMASUBULURA JACCHI EM SAGUI-DE-TUFOS-BRANCOS (<i>CALLITHRIX JACCHUS</i>): RELATO DE CASO.....	91
PRIMEIRO RELATO DE PARASITO DA SUBFAMÍLIA ANISAKINAE EM CACHALOTE PIGMEU (<i>KOGIA BREVICEPS</i>) ENCALHADA NA COSTA DO NORDESTE	92
PROLAPSO CLOACAL DECORRENTE DE DISTOCIA EM GALINHA DOMÉSTICA (<i>GALLUS DOMESTICUS</i>): RELATO DE CASO	93
PROLAPSO DE BOLSA JUGAL EM PHODOPUS CAMPBELLI: RELATO DE CASO	94
PULEX IRRITANS EM JAGUATIRICA (<i>LEOPARDUS PARDALIS</i>) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO	95
PULEX IRRITANS EM RAPOSA LYCALOPEX VETULUS: RELATO DE CASO	96
REDUÇÃO DE PROLAPSO CLOACAL EM ARARA-CANINDÉ (<i>ARA ARARAUNA</i>): RELATO DE CASO	97
REMOÇÃO DE OVOS RETIDOS EM JABUTI-PIRANGA (<i>CHELONOIDIS CARBONARIA</i>) ATRAVÉS DE CIRURGIA VÍDEO-ASSISTIDA: RELATO DE CASO	98
TRATAMENTO DE FERIDA LACERANTE EM COELHO ORYCTOLAGUS CUNICULUS: RELATO DE CASO.....	99
USO DA LASERTERAPIA COMO TERAPIA COMPLEMENTAR NO TRATAMENTO DE LUXAÇÃO ATLANTOAXIAL EM CALOPSITA (<i>NYMPHICUS HOLLANDICUS</i>): RELATO DE CASO	100

VASCULARIZAÇÃO DO ENCÉFALO EM EMAS (RHEA AMERICANA AMERICANA LINNAEUS, 1758)

..... 101

INTRODUÇÃO

A medicina veterinária é muito ampla na sua forma de atuar e, em cada uma delas, tem buscado o aprimoramento e a evolução visando sempre o benefício da saúde animal e da saúde humana.

No final de 2019 a maneira como nos relacionamos com o ambiente, com os animais e com as pessoas sofreu uma drástica mudança devido à pandemia, mas não foi total surpresa para o profissional veterinário que algo semelhante poderia ocorrer. O veterinário exerce inúmeras funções na sociedade que garantem o bem-estar e a saúde ambiental, do homem e a dos animais, portanto, é fundamental que esse profissional esteja sempre alinhado com as mais variadas pesquisas, as diferentes formas de interação homem-animal e suas consequências para a saúde de ambos. O médico veterinário existe como um meio de união entre os mundos humano e animal, cada vez mais interligados entre si.

Nesse contexto de pandemia e de alto risco biológico entre as interações humanas, o II Encontro Potiguar de Medicina Veterinária (II EPVET) veio para o ano de 2021 pensado de forma completamente remota, reinventando-se desde a primeira edição, para que nossa missão de contribuir para a formação do estudante de medicina veterinária e para atualização do médico veterinário atuante continue sendo realizada sem maiores prejuízos ou riscos para nossos participantes e colaboradores.

Glícia Fernanda O. Almeida

PARTE I: INSPEÇÃO

QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO LEITE NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB

SILVA, C. T.¹ MELO, A. H.¹
OLINTO, F. A.¹
ALBUQUERQUE, D. L.¹
OLIVEIRA, R. D.¹
FERREIRA, P. V.¹
NÓBREGA, I. F.¹
ALMEIDA, W. F. S.¹

A crescente demanda por produtos lácteos de alta qualidade vem levando a uma tendência progressiva de adaptação, por parte da indústria leiteira, às exigências ditadas pelo mercado consumidor. Dessa forma, em vários países, já existe o processo de valorização para produtores que fornecem leite aos laticínios com teores mais elevados de gordura e proteína. O objetivo desse trabalho foi determinar as características físico-químicas do leite cru, retirado diretamente das vacas em lactação no momento da ordenha manual com bezerro ao pé em propriedades da região de Sousa-PB. Foram coletadas 87 amostras provenientes de seis propriedades rurais e encaminhadas ao laboratório para as análises de determinação dos teores de gordura, Sólidos Não Gordurosos (SNG), proteína, lactose, Sólidos Totais, ureia, caseína. Em relação aos parâmetros físicoquímicos, a gordura por sua vez teve grande variação ficando com teores bem acima do mínimo em 74,71% das amostras, já a proteína não teve grande variação, ficando com 71,36% das amostras. A lactose e a caseína tiveram seus teores médios de 4,29% e 2,45%, não apresentando variações significativas, assim como 56,32% das amostras para SNG e 71,26% para Sólidos Totais se mantiveram acima dos padrões instituídos pela legislação. Pode-se concluir que o leite produzido na região de Sousa, em sua maioria obteve uma qualidade satisfatória perante a sua composição físico-química e sua CCS, tendo apenas algumas amostras fora da normalidade.

Palavras-chave: Composição; Leite; Mastite; Qualidade.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: cidineitrajano@yahoo.com.br.

PARTE II: PARASITOLOGIA

PRIMEIRO RELATO DE PARASITO DA SUBFAMÍLIA ANISAKINAE EM CACHALOTE PIGMEU (*Kogia breviceps*) ENCALHADA NA COSTA DO NORDESTE

MAIA, K. S.¹
ALMEIDA, C. V. S.¹
SILVA, C. G.¹
FREITAS, C. I. A.¹

No ambiente marinho, a água é um dos principais carreadores de diferentes patógenos de importância à saúde animal quer sejam parasitários ou infecciosos, podendo contribuir para seu encalhe, contaminação ou depauperação da higidez. A *Kogia breviceps* (de Blainville, 1838) é um cetáceo comumente conhecido por Cachalote pigmeu, um dos dois únicos membros do gênero *Kogia*, considerada solitária e vivem em águas profundas onde buscam suas presas, os cefalópodes, sendo endêmicas das águas dos oceanos Atlântico, Pacífico e Indiano em regiões temperadas e tropicais. O presente trabalho objetivou relatar a ocorrência de parasitos nematoides em *Kogia breviceps* (Cetacea: Kogiidae) proveniente de encalhe na costa do Rio Grande do Norte. Com autorização do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis), os parasitos foram coletados por necropsias realizadas pelo PCCB (Projeto Cetáceos da Costa Branca - RN/CE) em um exemplar de Cachalote pigmeu encalhado. Os parasitos foram fixados e conservados em álcool 70% em frascos com local e data da coleta, e enviados para o Laboratório de Estudos em Imunologia e Animais Silvestres (LEIAS) para realização da classificação parasitária. Foram selecionadas amostras de espécimes para serem identificados. Estes passaram pelo processo de compressão em A. F. A e diafanização em Lactofenol, seguido de preparação de lâminas em balsamo do Canadá para observação de algumas estruturas em microscopia para identificação seguindo chaves taxonômicas propostas para este grupo parasitário. De acordo com características próprias observadas nos espécimes, estes foram identificados como pertencentes ao filo nematoda; classe Chromadorea; ordem Rhabditida; família Anisakidae e subfamília Anisakinae, helminto descrito, inclusive, como de importância para a saúde pública como contaminante de pescado e zoonose. Com essa identificação, este trabalho relata a primeira ocorrência de um parasito nematode da Subfamília Anisakinae em um Cachalote pigmeu (*Kogia breviceps*) na região costeira do Nordeste. Ressaltando a importância do estudo para posterior utilização em diagnósticos laboratoriais parasitários. Por se tratar de um relato preliminar, o presente trabalho continuará com as identificações até a classificação de espécie, e obterá dados dos índices de prevalência, intensidade e abundância parasitária para uma publicação futura.

Palavras-chave: Cetáceo; Helminto; Nematoda; Parasito; Sanidade.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA. Contato: Kaynara1997@gmail.com.

Primasubulura jacchi EM SAGUI-DE-TUFOS-BRANCOS (*Callithrix jacchus*):

RELATO DE CASO

FIGUEREDO, M. B. S.¹
BATISTA, L. N.¹
FALCÃO, B. M. R.¹
SOUZA, J. G.¹
MENESES, R. M.¹
OLIVEIRA NETO, T. S.¹
OLIVEIRA, J. B.²
MEDEIROS, G. X.¹

Os saguis-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*) são primatas antropóides pertencentes à família *Cebidae* e subfamília *Callitrichinae*. São animais de pequeno porte, com peso que varia de 300 a 450 gramas e que se adaptam bem à vida em cativeiro. O estudo sobre parasitos gastrintestinais em primatas é de grande importância para o manejo da população de macacos e para a manutenção da saúde das pessoas, pois são animais comuns em cativeiro. Importante também, pois propiciam um conhecimento sobre o ambiente, bem como funciona como um indicador ecológico da saúde das populações. Relata um achado de parasitas e posterior identificação dos mesmos, encontrados no intestino grosso de saguis-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*). Estava sendo realizado no Laboratório de Anatomia Veterinária na Universidade Federal de Campina Grande um trabalho de pesquisa com saguis congelados, estes animais foram doados pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), no qual estava ocorrendo a identificação e localização dos órgãos cavidade abdominal, quando em um deles foi identificado no intestino grosso a presença de parasitas longos e finos, em maior quantidade no ceco, porém com grande presença tanto no cólon ascendente, transverso e descendente e no reto. Ao observar tal constatação fez-se a secção da parede de algumas partes do intestino grosso, e assim foram retirados incontáveis parasitas para serem identificados. Os mesmos foram lavados em água destilada e fixados em solução contendo formaldeído a 10 % para posterior identificação. Sendo assim, o material foi encaminhado para o Laboratório de Parasitologia no Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no qual foi realizada a identificação a partir da morfologia externa do parasita, principalmente a parte anterior do parasita e aparelho bucal, a partir da metodologia de Vicente et al. (1997) e de Anderson et al. (2009). Ao identificar, concluiu-se que se tratava de um parasita da espécie *Primasubulura jacchi*, uma vez encontrado em animais vivos, pode causar lesões ulcerativas da mucosa intestinal e diarreia. Conclui-se que é de suma importância o estudo e a pesquisa sobre o *Primasubulura jacchi* e outros parasitas em primatas, principalmente em *Callithrix jacchus*, pois existe um maior contato entre estes e o ser humano, sendo assim auxilia o médico veterinário na identificação e posterior tratamento específico.

Palavras-chave: Identificação; Nematoda; Parasitologia; Primatas.

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: moana_figueredo@hotmail.com.

² Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

PARTE III: PEQUENOS ANIMAIS

ÁCAROS EM *Canis lupus familiaris* (Linnaeus, 1758): ESTUDO RETROSPECTIVO

GOMES, L. V. L.¹
SILVA, J. N. D.¹
DUARTE, V. M. S.¹
PEIXOTO, J. Y. F.¹
MENEZES, E. P. F.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
LIMA, M. L. O.¹
PEREIRA, J. S.¹

As sarnas constituem ameaças ao bem-estar dos animais domésticos. São ocasionadas por ácaros que acometem a pele dos seus hospedeiros, dentre eles os cães. O contágio com os ácaros se dá de forma direta através do contato com um animal previamente infestado. Alguns desses ácaros tem potencial zoonótico desencadeando em humanos escabioses e demodicoses. O presente trabalho teve como objetivo avaliar a prevalência dos ácaros que acometeram cães *Canis lupus familiaris* (Linnaeus, 1758) de Mossoró-RN e região, nos últimos 20 anos. Realizou-se consultas aos livros de protocolo do Laboratório de Parasitologia Animal (LPA) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e obteve-se os dados. Durante o período de 1999 a 2019, foram considerados 107 cães, nos quais se realizou tricogramas e raspados cutâneo. As amostras biológicas foram processadas através de clareamento em solução de potassa 10%. As lâminas montadas foram analisados em microscopia óptica de luz. Quando observados ácaros, identificou-se os mesmos por morfologia segundo descrições de chaves taxônomicas específicas. Do número total de animais analisados, observou-se positividade para *Demodex* spp., *Sarcoptes* spp. e *Otodectes cynotis*. 89,72% (96 cães) foram positivos para *Demodex* spp.; 8,41% (9 cães) foram positivos para *Sarcoptes* spp. e 1,87% (2 cães) foram positivos para *O. cynotis*. A identificação dos ácaros que acometem *C. lupus familiaris*, na localidade geográfica estudada, contribui para implantação de medidas de controle e de prevenção, bem como evita o uso indiscriminado de fármacos, o que controla o aparecimento de resitência parasitária e permite conscientização e melhores cuidados do proprietário com o seu animal de companhia.

Palavras-chave: Ectoparasitismo; Sarna; Zoonoses.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: ligjavanesssa@hotmail.com.

ACHADOS LABORATORIAIS DE UM FELINO COM HIPOTIREOIDISMO CONGÊNITO: RELATO DE CASO

VIEIRA, P. O.¹
FRANCO, G. M. G.²
TAUMATURGO, M. O.²
PINHEIRO, A. S.³
BEZERRA, B. M. O.²

A glândula tireoide exerce um papel primordial diante do mecanismo de determinados hormônios, podendo comprometer a regulação dos mesmos quando alguma disfunção é detectada. Com o prejuízo na produção e secreção de tais hormônios, observa-se como principal resultado a diminuição na taxa metabólica, caracterizando-se assim na endocrinopatia denominada hipotireoidismo. Esse distúrbio é mais comum em cães, mas pode ser detectado em outras espécies também, como por exemplo, em felinos. O presente trabalho teve como objetivo relatar um caso de hipotireoidismo congênito em felino mediante a descrição dos achados laboratoriais, visto que essa é uma afecção peculiar na clínica de felinos. Foi atendido em um hospital veterinário na região metropolitana de Fortaleza/Ceará um felino, macho, seis meses de idade, pesando 800 gramas. A tutora relatou ao médico veterinário que há seis meses o animal fora abandonado na porta da sua casa, que felino cresceu muito pouco ao longo desse tempo e que há dois dias estava febril e se alimentando pouco. Ao exame clínico, o animal apresentou apatia, hipertermia, aumento de volume abdominal, úlcera no olho esquerdo e tamanho incompatível com sua idade. Diante do histórico e da avaliação clínica, o médico veterinário realizou no consultório o teste rápido para FIV/FelV e solicitou hemograma e dosagens de alanina aminotransferase (ALT), creatinina, hormônio estimulante da tireoide (TSH) e T4 livre. Também foi possível identificar um retardo no crescimento do felino, levantando a suspeita de hipotireoidismo congênito, confirmada através dos resultados de TSH que se apresentavam elevados (5,96 ng/ml) e T4 livre reduzidos (0,05 nd/dl), quando comparados aos valores de referência para espécie (TSH: 0,01-0,38 ng/ml; T4 livre: 0,78-4,12 ng/dl). Já os valores de ALT e creatinina apresentavam-se dentro da normalidade. O teste rápido realizado com amostra de sangue do animal para FIV/FelV apresentou resultado positivo para FIV. Dessa forma, além do hipotireoidismo, o felino possuía comprometimento do seu sistema imunológico devido a essa doença viral. No hemograma ainda foi possível observar que os valores da hemoglobina e do hematócrito se encontravam reduzidos, indicando assim anemia com discreta anisocitose e hipocromia. Essa foi provavelmente desencadeada pela diminuição dos níveis de eritropoietina, já que o hipotireoidismo afeta o efeito estimulatório dos hormônios tireoidianos nos precursores eritroides na medula óssea, bem como também ser uma resposta fisiológica ao decréscimo de demanda de oxigênio. Ainda se identificou leucocitose por neutrofilia com desvio à esquerda e trombocitopenia. Diante dos resultados obtidos, foi possível a suspeita de doença infecciosa associada ao quadro clínico. Pode-se concluir que é de suma importância o registro e diagnóstico referentes ao hipotireoidismo congênito em felinos, a fim de expandir os estudos e a literatura abrangendo tais casos, apesar de menos recorrentes na clínica de pequenos animais.

Palavras-chave: Felino; T4; Tireoide; TSH.

¹ Universidade Estadual do Ceará – UECE. Contato: patriciaovieira@gmail.com.

² Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

³ Hospital Veterinário Vetclinic.

ATRESIA ANAL ASSOCIADA À FÍSTULA RETOVAGINAL EM FELINO: RELATO DE CASO

SOUZA, A. K. A.¹
SILVA, A. C. F.¹
FILGUEIRA, F. G. F.¹
MELO, F. O.¹
OLIVEIRA, K. J. M.¹

A atresia anal é uma anormalidade congênita observada em todas as espécies e que pode se manifestar isoladamente ou associada a outras malformações congênitas, como a fístula retovaginal. É classificada conforme as alterações anatômicas, sendo divididas de tipo I, II, III e IV. Objetivou-se nesse estudo relatar o atendimento clínico de uma gata com atresia anal e fístula retovaginal, tipo IV, bem como descrever o tratamento cirúrgico e possíveis complicações pós-operatórias. Foi atendido um animal da espécie felina, fêmea, sem raça definida, com oito meses, pesando 2,02 kg. Durante a inspeção o animal se apresentou ativo, alerta e calmo, com parâmetros fisiológicos normais. Foi observado na avaliação física a ausência da abertura do ânus e durante a palpação abdominal não foi responsivo a dor. Após o diagnóstico presuntivo de atresia anal e fístula retovaginal, o paciente foi encaminhado para a cirurgia. Para a realização do procedimento anestésico foi utilizado como medicação pré-anestésica (MPA) Dexmedetomidina (0,02 mg/kg), indução com Cetamina (5 mg/kg), bloqueio local da epidural lombossacral, foi calculada na dose de 0,22 mg/kg utilizando 2/3 Lidocaína a 2%, 1/3 Bupivacaína a 0,5% e tramadol (1 mg/kg) 100mg/2mL. O relato trata-se de uma atresia anal associada à fístula retovaginal, classificada como tipo IV que é caracterizado pelo fechamento da saída anal e/ou em uma saída anormal das fezes por meio da vagina ou pela uretra. Foi realizado inicialmente a ovariosalpingohisterectomia e após esse procedimento realizou-se a reconstrução da fístula, que consistiu em uma incisão cutânea ao redor do orifício da membrana anal, em que o tecido subcutâneo adjacente foi divulsionado até a identificação do fundo cego do reto que se encontrava cranial ao orifício anal. O reto foi tracionado caudalmente, e a junção mucocutânea da abertura incisional foi fixada ao subcutâneo e pele da abertura anal cirúrgica utilizando pontos simples contínuo com fio de nylon 3-0. A fístula retovaginal foi identificada e desbrida, e por fim realizou-se um padrão de sutura simples contínuo com fio de nylon 3-0. Quinze dias após a cirurgia o animal retornou ao hospital para a avaliação do pós-operatório, onde foi retirado os pontos. A ferida apresentou uma boa cicatrização e o animal estava com um baixo peso corporal. No dia seguinte o tutor retornou com a queixa de que o animal só havia defecado uma única vez. O animal ficou internado, onde foi administrado para controle da dor, inflamação e infecção, dipirona, meloxicam, e metronidazol, respectivamente, além disso foi realizado enemas diários de óleo mineral e água morna na proporção de 50%, duas vezes ao dia, laxante osmótico, a lactulona, associado a palpação da região abdominal, onde houve expulsão das fezes retidas em que o animal passou a defecar, recebendo alta médica. Conclui-se que ainda que o prognóstico para atresia anal seja considerado desfavorável e o procedimento cirúrgico embora possa apresentar algumas complicações, devido os pacientes apresentarem más condições físicas, é o tratamento de eleição para a correção dessa anomalia, e que uma boa anamnese, associado a um bom exame clínico e aos exames complementares é de suma importância para o direcionamento do diagnóstico da fístula retovaginal e atresia anal.

Palavras-chave: Anomalia; Cirurgia; Congênita.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: andressalencardj@gmail.com.

CARCINOMA INDIFERENCIADO EM MEMBRO TORÁCICO CONTENDO MICROFILÁRIAS INTRANODULARES EM CÃO: RELATO DE CASO

BARROS, T. A.¹
LEAL, S. L. R. S.²
LIMA, D. W. F.²
SOUSA, M. L. R.²

O Carcinoma de Células Escamosas Cutâneo (CCEC) origina-se através da proliferação maligna de queratinócitos, ocorrendo principalmente em animais de países tropicais conforme a relação direta com a exposição crônica de raios ultravioleta. Iniciando no tecido epitelial de revestimento, a partir de células da camada basal, evoluindo em direção ao tecido conjuntivo subjacente pelo rompimento da membrana basal no limite entre o epitélio e o tecido conjuntivo. A Dirofilariose é causada pelo *Dirofilaria immitis*, distribuída principalmente em regiões litorâneas e próximas a áreas de mata, onde há uma maior quantidade de insetos transmissores. As fêmeas adultas do nematódeo liberam as microfilárias na circulação sanguínea do animal. Com esse trabalho objetivou-se relatar a ocorrência de um carcinoma indiferenciado, com presença de microfilárias intranodular em um cão, podendo assim contribuir para produções científicas futuras. Foi atendido em novembro de 2019, no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia (Hovet) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) em Mossoró-RN, um cão macho, não castrado, da raça Dálmata, com sete anos. O tutor relatou a presença de lesão ulcerativa em membro anterior direito que havia surgido há aproximadamente 20 dias. Ao exame físico foi constatada a presença de nódulo ulcerado com consistência firme, medindo cerca de oito centímetros, com secreção piosanguinolenta. Foram solicitados exames hematológicos e a citologia do nódulo, em consonância do estadiamento neoplásico (pedindo-se radiografia torácica e ultrassonografia abdominal). Os exames hematológicos constataram anemia e presença de *Anaplasma platys* e microfilárias. A amostra citológica observada apresentou-se constituída de células epiteliais indiferenciadas contendo intensa basofilia citoplasmática periférica, anel de sinete, macronúcleos e cariomegalia, achados que apontam para o diagnóstico de carcinoma indiferenciado, sendo também visualizada a presença de microfilárias. No raio x não foram visibilizadas estruturas que sugerissem metástase. Na ultrassonografia da região abdominal mostrou alterações no baço com o aparecimento de uma formação arredondada, sugerindo neoplasia/hipoplasia nodular, porém optou-se pela não realização da esplenectomia, apenas monitoramento através de ultrassonografia para avaliar a evolução dos achados. Procedeu-se a ressecção cirúrgica do nódulo presente no membro acometido, linfadenectomia de axilar e cervical superficial e retalho tubular, porém, por questões pessoais, o proprietário optou pela não realização do exame histopatológico. Após um mês da cirurgia e com acompanhamentos diários, por rompimento dos pontos inicialmente, ocorrendo a cicatrização por segunda intenção, estes foram retirados. Com o crescente aparecimento de neoplasias na rotina, é imprescindível o conhecimento sobre tal assunto para que com isso possam ser tomadas ações imediatas, melhorando a qualidade de vida e sobrevida do paciente.

Palavras-chave: Cão; Carcinoma; Cutâneo; Microfilária; Nódulo.

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Contato: tamya-ab@hotmail.com.

² Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – HOVET.

CRIOCIRURGIA NO TRATAMENTO DE MELANOMA ORAL EM CÃO:

RELATO DE CASO

VELOSO, L. S.¹
CABALERO, R. C.²
TERTULINO, M. D.¹
SOUSA, R. L. P.¹

A cavidade oral corresponde ao quarto local mais acometido por neoplasias no caso de pequenos animais. O melanoma oral é uma neoplasia que possui comportamento maligno e que se origina a partir dos melanócitos, caracterizando-se por muita ou pouca produção de melanina. Inicialmente, o melanoma é uma mancha preta que se transforma em massa firme, possui crescimento rápido e frequentemente ulceram. Devido ao seu acelerado desenvolvimento, infiltram localmente, resultando em lise óssea, perda de dentes, deformação facial, podendo também sofrer metástase. O tratamento preconizado é a maxilectomia ou mandibulectomia (parcial ou total), porém, o tratamento alternativo com a criocirurgia tem demonstrado resultados encorajadores. O presente trabalho relata o caso de um animal portador de melanoma oral tratado com criocirurgia com resultado satisfatório no que diz respeito à melhoria da sua qualidade de vida. Um canino, macho, da raça Schnauzer, 10 anos de idade, pesando 6 kg, foi atendido por estar apresentando inapetência, dor, perda de peso, hálito fétido e sangramentos associados ao aumento de volume na região maxilar há cerca de 60 dias, o tutor relatou que o animal já havia sido consultado por outros profissionais, os quais recomendaram a eutanásia. Ao exame físico observou-se moderada desidratação, magreza e apatia. Na inspeção da cavidade oral, foi visualizada uma massa de coloração avermelhada, com áreas enegrecidas, de consistência firme, localizada na região maxilar esquerda, ocupando todo o palato duro, bastante presença de tártaro e presença de secreção sanguinolenta de odor fétido. O hemograma evidenciou uma leve anemia e leucocitose neutrofílica, já os exames bioquímicos não demonstraram nenhuma alteração. Foi realizada uma biópsia incisional e o material classificado como melanoma. Diante do estado debilitado em que se encontrava o paciente e após ser esclarecido, o tutor optou pela realização da criocirurgia. Para a anestesia foi adotado um protocolo novo, utilizou-se TTDEX (telazol, dexmedetomidina e torbugesic) na MPA e indução, e para a manutenção anestésica utilizou-se isoflurano. Procedeu-se então ao congelamento da massa por sonda fechada plana com três ciclos de congelamento por 2 minutos cada. Ao todo foram realizadas três sessões de criocirurgia, com intervalo de 21 dias entre elas. Após a segunda sessão já foi possível perceber a remissão de toda a massa tumoral. O animal tratado está recuperando seus hábitos alimentares e peso, adquirindo mais qualidade de vida. Devido ao estado crítico em que se encontrava e à idade avançada, dificilmente sobreviveria e se recuperaria com a mesma velocidade de uma excisão cirúrgica, tratamento convencional indicado para casos em que ocorrem esse tipo de neoplasia.

Palavras-chave: Canino; Criocirurgia; Melanoma; Oral.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: lsv.lari@gmail.com.

² Universidade Federal da Bahia – UFBA.

DEMODOSE GENERALIZADA EM *Canis lupus familiares* Linnaeus, 1758:

RELATO DE CASO

MARQUES, I. S.¹
OLIVEIRA, F. C. S.¹
ARAUJO, S. B. S.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
CESÁRIO, B. C.¹
BARRETO, G. M. F.¹
PERREIRA, J. S.¹

A demodicose canina é uma dermatopatia parasitária, causada pelo agente etiológico *Demodex canis* (*D. canis*), um ácaro comensal da flora cutânea dos cães, alojado nos folículos pilosos e glândulas sebáceas. A ocorrência desta afecção se deve a proliferação exagerada do ácaro, sendo geralmente associada a um estado de imunossupressão. A transmissão ocorre da mãe para os seus filhotes no período da lactação. Essa enfermidade apresenta duas formas clínicas a citar: demodicose localizada e demodicose generalizada. A forma localizada é mais prevalente em animais jovens, enquanto, que a forma generalizada acomete adultos de 18 meses a 2 anos de idade. Os sinais clínicos incluem: alopecia, eritema, crostas, hiperpigmentação, pápulas, pústulas e pododemodicose. O diagnóstico é realizado por meio do raspado cutâneo profundo, tricograma, fita de acetato e biópsia de pele. A demodicose localizada tem caráter autolimitante, pois na maioria dos casos resolve-se espontaneamente, porém para a demodicose generalizada, indica-se o uso tópico de shampoo bactericida e o uso parenteral de fármacos do grupo das avermectinas, por exemplo. Objetiva-se descrever um caso de demodicose generalizada em um cão da raça Fox Paulistinha, macho, 4 meses de idade, pesando 12,8 kg. O animal foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Mossoró. Na anamnese a tutora relatou que o animal passou a apresentar alterações de pele a cerca de 20 dias, associada a prurido intenso. Ao exame clínico o paciente apresentava-se alerta, com mucosas normocoradas, TPC 2 segundos, grau de desidratação < 5% e lesões alopécicas diversas, como eritema, crostas, pápulas, pústulas, hiperpigmentação e pododemodicose distribuídos por todo o tegumento do animal. Foram solicitados exames hematológicos, raspado cutâneo profundo e o tricograma. No hemograma se obteve os seguintes achados: leucocitose (28.100/mm³/Ref. 9-15/mm³) por neutrofilia (21.637/mm³/Ref. 4.230-10.350/mm³) caracterizando um quadro de infecção bacteriana secundária. No raspado cutâneo foram visualizadas formas imaturas e adultas do *D. canis* e no tricograma ácaros aderidos ao pelo, confirmando o diagnóstico de demodicose generalizada. Diante dessa condição estabeleceu-se o tratamento com 4 aplicações de ivermectina 1% (0,4 mg/kg, por via SC, semanalmente) e shampoo manipulado a base de clorexidina 2,5% e *Aloe vera* 1% (2 vezes por semana, durante um período de 2 meses). Após 30 dias de tratamento, o animal foi submetido novamente à realização do raspado cutâneo e tricograma, nos quais constatou-se ausência do ácaro *D. canis*. Conclui-se que a demodicose generalizada é uma afecção complexa e apesar de ocorrer comumente em cães adultos, no caso em questão, se manifestou em um animal jovem com idade inferior a 1 ano. Ainda que tenha ocorrido uma manifestação clínica pouco frequente, o diagnóstico precoce e o tratamento correto, possibilitaram a cura clínica e o retorno ao bem-estar do animal.

Palavras-chave: Ácaro; Alopecia; *Demodex canis*; Raspado.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: irissilvamarques@gmail.com.

DESCRIÇÃO ANATOMOPATOLÓGICA DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA EM CÃES COM DIROFILARIOSE

HOLANDA, L. S.¹
VELOSO, S. K. S.¹
RODRIGUES, V. H. V.¹
BATISTA, J. S.²
MENDES, A. L. S.³

A dirofilariose, também conhecida por “doença do verme do coração”, é uma enfermidade causada por parasitas do gênero *Dirofilaria* que atinge principalmente o sistema cardiovascular dos animais, inclusive dos seres humanos, podendo resultar em óbito. Objetivou-se em demarcar as alterações anatomopatológicas em cães infectados por *Dirofilaria immitis*. Para a realização do estudo, foram utilizados 50 cães sem padrão de raça definida, encaminhados ao Laboratório de Patologia da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), em Mossoró, Rio Grande do Norte, que foram submetidos à necropsia entre janeiro de 2016 e junho de 2018. Destes, foram coletados fragmentos do coração, dos pulmões, do fígado e dos rins, e analisados histologicamente, qualificados de acordo com a intensidade da miocardite e da fibrose cardíaca. Os fragmentos foram fixados em formol 10%, incluídos em parafina, cortados a 5 μ de espessura e, por fim, corados pela hematoxilina-eosina (HE). No caso dos fragmentos do coração, foi utilizado como corante o tricômico de Masson para a observação do tecido conjuntivo fibroso. Ao todo, resultou-se em nove cães positivos, sendo os principais órgãos acometidos o coração, os pulmões, o fígado e os rins. Macroscopicamente, os animais positivos apresentaram hipertrofia cardíaca excêntrica e concêntrica, hidropericárdio, ascite, congestão visceral, particularmente do fígado, do baço e dos rins, hepatomegalia e edema pulmonar. Microscopicamente, os cães positivos apresentaram miocardite, fibrose intersticial cardíaca, hipertrofia de cardiomiócitos, pneumonite eosinofílica, degeneração e necrose dos hepatócitos, degeneração e necrose do epitélio tubular, nefrite, nefrose e glomerulonefrite. Concluiu-se, portanto, que 18% dos animais apresentaram alterações características da dirofilariose canina, sendo a *Dirofilaria immitis* a principal espécie infectante, devido à alta prevalência e ao potencial zoonótico que acomete especialmente o sistema cardiovascular e pulmonar de cães. Vale ressaltar, ainda, que a miocardite e a fibrose intersticial cardíaca são os fatores mais importantes na determinação da insuficiência cardíaca e, conseqüentemente, no óbito do animal acometido por dirofilariose.

Palavras-chave: Anatomopatologia; Cães; *Dirofilaria immitis*; Necropsia.

¹ Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU. Contato: leticiasoaresholanda24@gmail.com.

² Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA.

³ Centro Interdisciplinar de Saberes do Nordeste – CISNE.

DIABETES MELLITUS EM CÃO (*Canis lúpus familiaris*): RELATO DE CASO

NOGUEIRA, I. C. S.¹
TERTULINO, M. D.¹
VELOSO, L. S.¹
LEAL S. L. R. S.¹

A diabetes mellitus é uma doença metabólica que acomete o pâncreas endócrino caracterizada por uma deficiência na produção de insulina ou defeito em sua utilização, resultando em um aumento crônico nos níveis de glicose no sangue. É considerada a doença endócrina mais frequente em cães, com maior incidência em fêmeas, com idades entre 4 e 5 anos, e em raças como Schnauzer, Spitz alemão e Poodle, sugerindo que fatores genéticos desempenham um papel importante na determinação da susceptibilidade à doença. A deficiência relativa ou absoluta da secreção de insulina impede que os tecidos periféricos utilizem glicose, aminoácidos e ácidos graxos, levando a um estado intenso de catabolismo. O diagnóstico de diabetes mellitus baseia-se em três critérios: os quatro sinais clínicos clássicos (poliúria, polidipsia, polifagia, perda de peso), a presença de um nível elevado de glicose na corrente sanguínea e presença de glicose na urina. Normalmente a diabetes mellitus em cão é irreversível. O tratamento consiste em uma série de medidas que podem ser adotadas em conjunto ou separadamente, de acordo com o estado geral do animal. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de diabetes mellitus em cão, sem raça definida, fêmea, 12 anos de idade com histórico de emagrecimento abrupto e aumento do período de sono, ressaltando deste modo as principais alterações clínicas, laboratoriais, bem como o tratamento estabelecido. Foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia um cão, fêmea, sem raça definida, 12 anos, pesando 12kg com histórico de emagrecimento abrupto, aumento do período de sono, lesões dermatológicas, e antecedentes de dermatite alérgica. Ao exame clínico o animal apresentou-se dócil e com boa aparência, possuindo uma lesão alopecica e crostosa no membro torácico direito, opacidade de cristalino, e presença de secreção láctea purulenta na cadeia mamária direita, apresentando ectoparasitas, e cerume enegrecido em ouvido. Foi solicitado exames laboratoriais e o resultado da bioquímica sérica demonstrou o nível de glicose de 200mg/dL, isto é, nível elevado de glicose, estabelecendo, assim, o diagnóstico de diabetes mellitus. O tratamento estabelecido consistiu em dieta especial e administração de insulina exógena, para a pseudociese que foi diagnosticada em conjunto foi prescrito o medicamento sec lac, antilactogênico a base de metergolina. Foi realizado a glicemia com glucanato 9 dias após o início do tratamento, o animal apresentou uma curva de glicemia com valores de 592mg/dL, 417mg/dL, 321mg/dL, respondendo ao tratamento e apresentando boas condições clínicas. A diabetes mellitus é uma doença endócrina comum na rotina clínica de cães, sendo de fácil diagnóstico, na qual o sucesso do tratamento depende do entendimento e comprometimento do tutor em cumprir a rotina necessária ao tratamento da enfermidade.

Palavras-chave: Glicemia; Insulina; Endócrino; Glicose.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: Isacristina_naninha@hotmail.com.

DIAGNÓSTICO DE *Leishmania infantum* PELO USO DO MÉTODO DE REAÇÃO EM CADEIA DA POLIMERASE (PCR) EM CÃO

TERTULINO, M. D.¹
VELOSO, L. S.¹
ARAÚJO, S. B. S.¹
NOGUEIRA, I. C. S.¹
SOUSA, R. L. P.¹
ARAÚJO, C. C.¹

A Leishmaniose Visceral é uma enfermidade infecciosa não contagiosa causada pelo protozoário *Leishmania spp.*, apresentando diferentes manifestações clínicas e de grande importância epidemiológica pela sua capacidade zoonótica. O diagnóstico da doença baseia-se na sintomatologia apresentada e pela utilização de métodos diagnósticos, sendo os testes moleculares uma boa alternativa para auxílio ao diagnóstico da leishmaniose visceral canina (LVC). Ademais, a quantificação do parasita junto à presença ou ausência de sinais clínicos é essencial para confirmar a simples exposição ou infecção parasitária. O tratamento, no Brasil, inclui uma terapia multimodal como, por exemplo, a associação da Miltefosina (2 mg/kg) e Alopurinol (15 mg/kg). O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de Leishmaniose Visceral Canina a partir da utilização do Método de Reação em Cadeia da Polimerase (PCR). Um cão, Beagle, 2 anos de idade, fêmea, foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido com diagnóstico de Leishmaniose Visceral canina por meio dos métodos de ELISA e Reação de imunofluorescência indireta (RIFI), sendo assim, foi iniciado o tratamento com Alopurinol (15 mg/kg) a cada 12 horas, durante 4 meses. Após esse período, foi feito o uso da Miltefosina (2 mg/kg) a cada 24 horas durante 28 dias associado com Alopurinol. Posteriormente ao tratamento com a Miltefosina foi feita a quantificação parasitária por meio do Método de Reação em Cadeia da Polimerase (PCR) com amostra coletada da medula óssea, informando 34.726,91 cópias de DNA patógeno/ μ L de amostra extraída (sensibilidade de 95%), informando um bom resultado de pós-tratamento. Como faz parte do protocolo da enfermidade, a terapia de manutenção foi feita com Alopurinol durante 11 meses, sendo suspenso pelo início do aparecimento dos efeitos colaterais causados pelo uso prolongado da droga, e Domperidona (1 mg/kg) a cada 12 horas, durante 9 meses. O paciente passou a apresentar dor na região do flanco, sendo solicitada ultrassonografia abdominal, em que apresentou estrutura sugestiva de cálculo renal. Diante desse quadro, o protocolo terapêutico de manutenção foi feito apenas com a Domperidona. Com o paciente recuperado, foi quantificada novamente a densidade parasitária por meio de PCR, em que seu resultado foi muito maior que o anterior, constatando 275.577.184,00 cópias de DNA patógeno/ μ L de amostra extraída, sendo uma alta carga parasitária. Após a segunda verificação via PCR, suspendeu-se o uso da Domperidona como protocolo de manutenção e, pela densidade, foi necessário fazer uma nova aplicação de Miltefosina, no entanto, o proprietário não realizou uma nova verificação via PCR após o uso desta. Sendo assim, percebe-se a importância da utilização de métodos quantitativos para diagnóstico da Leishmaniose Visceral e, diferente de métodos como ELISA e RIFI, o PCR possui alta sensibilidade, é rápido e definitivo. Ademais, por meio da quantificação, é possível analisar se as medicações estão sendo efetivas.

Palavras-chave: Canino; Leishmaniose; PCR.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: moises.tertulino@gmail.com.

DIROFILARIOSE EM CÃES SINTOMÁTICO E ASSINTOMÁTICO NA REGIÃO LITORÂNEA CEARENSE: RELATO DE CASO

MELO, D. R. M. C.¹
BEZERRA, I. B.¹
MARCIERI, F.¹
JUCÁ, F. M.¹
CUNHA, V. L.¹
BEZERRA, B. M. O.¹

A dirofilariose é uma enfermidade transmitida por vetores culicídeos, sendo eles dos Gêneros *Culex*, *Aedes* e *Anopheles*. *Dirofilaria* spp. é um verme que possui tropismo pelo sistema cardiovascular, principalmente pelo ventrículo direito e as artérias pulmonares, porém apresenta uma repercussão sistêmica no hospedeiro. Sua transmissão ocorre por meio da picada do mosquito, que inocula a forma infectante do nematoda no tecido subcutâneo e muscular do hospedeiro, assim através dos vasos sanguíneos, atingem o coração. A doença possui distribuição cosmopolita, e a prevalência está aumentando em áreas consideradas de baixo risco, devido às alterações climáticas e fatores antropológicos, sendo esperada uma exposição à infecção cada vez maior por parte dos animais. Atualmente as técnicas de controle da enfermidade baseiam-se em formas preventivas, tais como, vacinas, coleiras e repelentes a fim de evitar contato com os vetores. A remoção cirúrgica e mecânica do nematoda da cavidade cardíaca mostrou-se como melhor forma de eliminação do parasita. Entretanto, são poucos médicos veterinários habilitados à realização dessa técnica. O objetivo foi relatar dois casos de dirofilariose em cães da raça labrador na cidade de Aquiraz (Ceará). Dois cães residentes de região litorânea no estado do Ceará, 2 anos de idade, raça labrador, um deles apresentava-se assintomático, e o outro possuía os sinais clínicos de engasgo, vômito, inapetência, dificuldade ao andar, cansaço e agitação. Diante disso, os cães foram submetidos a anamnese, exame físico e foram solicitados exames complementares, sendo eles: hemogramas e testes rápidos para dirofilariose que foram positivos para ambos. No hemograma, de ambos animais, foi possível observar elevada quantidade de proteínas plasmáticas totais, resultantes do aumento de globulinas, gerando a deposição de imunocomplexos na tentativa de combater as larvas, explicando assim o acúmulo dos mesmos nas articulações, gerando dor e dificuldade de movimento observados no cão sintomático. Outro achado referente ao animal assintomático foi discreta trombocitopenia, certamente relacionada a destruição plaquetária provocada pela microfilaria, enquanto que o sintomático apresentava anemia (4,3 milhões/mm) de padrão normocítica normocrômica, além de leucocitose (4,0 milhões/mm) por neutrofilia como tentativa do organismo combater a infecção. Foi recomendado pelo veterinário tratamento conjunto de ivermectina e doxiciclina para ambos os cães com foco nas larvas imaturas, além da remoção cirúrgica das larvas adultas. Devido às condições financeiras do tutor, foi escolhido o tratamento medicamentoso. No retorno, foi relatado que os animais responderam positivamente ao tratamento baseado-se na diminuição da sintomatologia apresentada pelo cão sintomático. E devido a melhora clínica o tutor optou por não realizar mais exames complementares. Conclui-se que a dirofilariose tem ocorrência mundial, principalmente, nas regiões litorâneas devido ao ambiente favorecer o desenvolvimento do vetor. Evidenciando a necessidade da promoção de campanhas para prevenção desta enfermidade e mostra-se necessária maior especialização de médicos veterinários, já que são poucos os aptos a remoção cirúrgica do nematoda.

Palavras-chave: *Dirofilaria* spp.; Nematoda; Cães.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: davirenan64@gmail.com.

DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL FELINA: RELATO DE CASO

TERTULINO, M. D.¹
VELOSO, L. S.¹
OLIVEIRA JÚNIOR, C. M.²
BORGES, R. S. M.¹
SOUSA, R. L. P.¹
LISBOA, M. H. M.¹
LEAL, S. L. R. S.¹
MATOS, E. A.³

A doença inflamatória intestinal é um quadro clínico caracterizado por distúrbios gastrointestinais de curso crônico e etiologia idiopática, onde há um acúmulo de células inflamatórias na lâmina própria da mucosa intestinal. O infiltrado inflamatório ocorre por causa de uma danificação na estrutura da membrana da mucosa intestinal aumentando a sua permeabilidade e permitindo que uma grande quantidade de antígenos se instale no local, com isso, ocorre o estímulo do processo inflamatório. Para realizar o diagnóstico é necessário eliminar a possibilidade de verminoses e gastroenterites, em seguida, suspeita-se da doença inflamatória intestinal e é confirmado com ultrassonografia e biópsia intestinal. O seu tratamento, segundo a literatura, é feito com glicocorticoide e rações hipoalergênicas. O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de um paciente com doença inflamatória intestinal. Um felino, sem raça definida, adulto jovem, macho, foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido onde o tutor relatou que após o procedimento de orquiectomia o paciente passou a apresentar vômito e diarreia e que o quadro já durava dois dias, não apresentando outras alterações significativas. Foi solicitado protocolo de desverminação Vetmax Plus® (0,5 ml/kg a cada 24 dias, durante 3 dias, repetindo uma dose após 15 dias), Metronidazol (25 mg/kg) a cada 12 horas, durante 10 dias e Probiótico (1g a cada 24 horas, durante 30 dias). Após 5 dias de tratamento o paciente não apresentou melhora significativa e foi solicitado ultrassonografia abdominal. No laudo, apresentou alteração na ecogenicidade e espessamento da parede do intestino, assim como danificação destas. Diante desse quadro, sugestivo de Doença Inflamatória Intestinal felina (DIIF), pensou-se em realizar procedimento histopatológico, como sugerido na literatura, para diagnóstico definitivo, no entanto, por ser um procedimento muito invasivo, optou-se por fazer o diagnóstico terapêutico. Sendo assim, foi prescrito Ração Royal Canin® Hipoalergênica até novas recomendações e Prednisolona (1 mg/kg), a cada 12 horas, durante 30 dias; após esse período, realizou o desmame dividindo a dose inicial pela metade durante 10 dias, em seguida diminuiu a segunda dose novamente pela metade e aumentou o intervalo de administração para 24 horas, durante 10 dias, e, por fim, reduziu a última dose pela metade e passou a fazer uso a cada 48 horas, durante 10 dias, suspendendo totalmente a medicação. Após o início do novo protocolo terapêutico, o paciente apresentou melhora dos sinais clínicos, podendo fechar o quadro para DIIF, doença está com prognóstico favorável após controle dos sintomas. Diante do exposto, pode-se perceber a importância do Médico Veterinário conhecer as particularidades de cada espécie e da colaboração do tutor em seguir com as condutas terapêuticas adequadas.

Palavras-chave: Gastroenterite; Gato; Imunologia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: moises.tertulino@gmail.com

² Instituto Federal do Amazonas – IFAM.

³ Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN.

ETOGRAMA DE CÃO GERIÁTRICO DA RAÇA COCKER SPANIEL INGLÊS SOB CUIDADOS HUMANOS

SILVEIRA, D. V.¹
LIMA, R. C. S.¹
ELEUTERIO, B. K. N.¹
CUNHA, W. P. C.¹
SILVA, A. M.¹
VAGO, P. B.²

Os cães domésticos (*Canis lupus familiaris*) são descendentes de lobos (*Canis lupus*) e, dessa forma, possuem comportamentos semelhantes como caçar, cavar, farejar e outros hábitos. Essas semelhanças comportamentais foram obtidas através de elaboração de etogramas de ambas as espécies. Qualquer ser vivo quando chega a velhice possui limitações, com os cães não é diferente, assim o costume de realizar algumas condutas pode ser influenciado pela condição corporal atual do canino, as quais diferem devido aos vários processos morfológicos que ocorrem nos órgãos com o passar dos anos. O objetivo foi identificar comportamentos naturais de um indivíduo da espécie *Canis lupus familiaris* e as alterações relacionadas à idade avançada. No presente trabalho de pesquisa, foi confeccionado um catálogo comportamental de um canino da raça Cocker Spaniel Inglês, com 13 anos de idade, macho, castrado, em coabitação com outros animais. Para a compilação do catálogo comportamental do cão, foi utilizado o etograma com a combinação Animal Focal + *Ad libitum*. O método para confecção do etograma utilizado foi a observação comportamental dentro de seu local de residência sem interferência. Os dados foram coletados durante quatro dias, sendo eles, dois dias antes do cão se alimentar e dois dias após a refeição, mas ambos no período diurno; o tempo de observação foi de duas horas por dia com três intervalos de 27 minutos. Também foi utilizada para o agrupamento dos dados uma planta baixa da casa onde o animal residia para registrar quais cômodos o animal passava mais tempo. Pode-se observar um total de 42 comportamentos nos quatro dias de análise, os quais foram agrupados da seguinte forma: ingestão de água; defecação; urinar; interação com o tutor; limpar os olhos; permanecer deitado; deitado com a cabeça levantada; deitado com a cabeça abaixada; roçar focinho no pano; espreguiçar; bater cabeça; cheirar plantas; andar em círculos; apresentar espasmo de membro; balançar as orelhas; lamber focinho e membros e interação com outros animais. Dos comportamentos analisados, notou-se que os mais repetidos foram os de repouso, no qual o cão se encontrava deitado na maior parte do tempo. Além desses, foram observados comportamentos repetitivos e sem funcionalidade como por exemplo, lamber a pata. Os comportamentos solitários como o de balançar as orelhas, cheirar objetos e andar em círculos também foram consideravelmente vistos. Os comportamentos fisiológicos como urinar e defecar foram vistos poucas vezes durante as observações, mas o indivíduo bebeu bastante água durante a avaliação. Ademais, relatou-se que o cão foi diagnosticado com atrofia progressiva da retina (APR) e, por conta disso, o animal esbarrava em muitos móveis pela casa. Com o estudo conclui-se que o cão apresenta comportamentos diversos e repetitivos, classificados como estereotípias, na qual indicam que o animal se encontra em situação de estresse e/ou ansiedade por viver em um ambiente de bem-estar pobre, além de não apresentar acomodamento ideal para a condição fisiológica do animal.

Palavras-chave: *Canis familiaris*; Comportamento animal; Etograma; Idoso.

¹ Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO. Contato: daniellevieirads@gmail.com.

² Faculdade Terra Nordeste – FATENE.

GASTRITE CRÔNICA LINFOPLOSMOCÍTICA ACOMPANHADA DE INFECÇÃO POR *HELICOBACTER* SPP. EM CÃO

OLIVEIRA, F. C. S.¹
ARAÚJO, S. B. S.²
MARQUES, I. S.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
FELIX, N. S.¹
COSTA, O. A.¹
CESÁRIO, B. C.¹
BARRETO, G. M. F.¹

As doenças gástricas são diagnosticadas com relativa frequência em pequenos animais, dentre elas está a gastrite, que pode ser decorrente de diversos fatores como, agressão de origem alimentar, farmacológica ou de origem sistêmica. A gastrite linfoplasmocítica é um tipo de gastrite crônica e ocorre devido a uma reação inflamatória e/ou imunológica a antígenos, microrganismos e/ou alimentos. É de rara ocorrência quando comparada às doenças intestinais inflamatórias, podendo ou não estar associada à infecção por *Helicobacter* spp. O objetivo foi relatar o caso de um cão com gastrite crônica linfoplasmocítica acompanhada de infecção por *Helicobacter* spp. Foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) um cão, três anos e dez meses de idade, macho, da raça Rottweiler, não castrado, pesando 32,0 kg, com histórico de desconforto abdominal crônica, náuseas e episódios de vômitos, há aproximadamente oito meses. A tutora relatou que o animal passou por outro atendimento veterinário anteriormente, sendo prescrito apenas omeprazol (0,65 mg/kg, via oral (VO), uma vez ao dia, uso contínuo), porém, não foi observado melhora do quadro clínico do animal. Ao exame clínico não foram observadas alterações. Foram realizados exames hematológicos, onde não foi observado alteração no eritrograma; já no leucograma, observou-se a presença de leucocitose (eosinofilia, linfocitose e monocitose), não foi observado alterações no perfil renal e hepático. Além disso, foi realizado exame ultrassonográfico, onde foi possível identificar alterações compatíveis com gastrite. Foi solicitado também exame endoscópico digestivo com biópsia, para confirmação diagnóstica de gastrite. A endoscopia digestiva alta foi realizada, e nesta, colheu-se fragmentos da mucosa gástrica para submeter a exame histopatológico, e também, foi realizado o teste de urease, onde foi considerado positivo, confirmando a infecção pela *Helicobacter* spp. O laudo histopatológico foi conclusivo para gastrite crônica linfoplasmocítica moderada associado à fibrose. Diante desses resultados, optou-se por instituir o protocolo terapêutico com base na associação de antibióticos - Amoxicilina + Clavulanato de potássio (20 mg/kg, VO, a cada 8 horas, 21 dias) e Metronidazol (15 mg/kg, VO, a cada 12 horas, 21 dias), e protetor de mucosa gástrica - Omeprazol (0,65 mg/kg, VO, a cada 24 horas, uso contínuo), para tratamento da bactéria. Após o tratamento, o animal retornou para reavaliação, e a tutora relatou que o mesmo ainda apresenta vômito quando suspende o Omeprazol. Optou-se por instituir uma terapia usando ração hipoalergênica até novas recomendações, e Prednisolona (1,5 mg/kg, VO, a cada 12 horas, 15 dias), visto que, a gastrite linfoplasmocítica na maioria dos casos é decorrente de alergia alimentar. **Conclusão:** Portanto, é importante ressaltar a necessidade do diagnóstico histopatológico nos animais que apresentem sintomas de êmese de forma crônica, sem alterações em exames complementares, podendo-se assim, instituir um tratamento específico adequado, resolvendo o processo patológico.

Palavras-chave: Canino; Endoscopia; Gástrica; Histopatológico; Vômito.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: cedma_oliveira@hotmail.com.

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

HEMANGIOPERICITOMA EM CÃO: RELATO DE CASO

BEZERRA, L. S.¹
BATISTA, T. M. A.¹
BARROS, P. R.¹
SOUZA, A. Z. B.¹
FARIA, N. S.¹
OLINDA, R. G.¹

O hemangiopericitoma é uma neoplasia cutânea de origem mesenquimal, classificada como um tipo de sarcoma de tecidos moles, sem fatores predisponentes e que acomete principalmente cães, sendo raramente relatada em outras espécies de animais domésticos. Acredita-se que suas células neoplásicas derivem dos pericitos, células que estão localizadas ao redor dos vasos sanguíneos, sendo relatado em áreas onde a pressão arterial é mais alta, fato que justifica a sua localização habitual nas porções distais dos membros, podendo atingir muito raramente a região do dorso. Esse neoplasma apresenta-se geralmente como massas solitárias ou multilobuladas, de consistência firme ou macia, bem circunscritas e grandes. Em relação ao seu comportamento biológico apresenta crescimento lento e é bastante invasiva, porém possui baixa capacidade metastática, e o seu prognóstico é considerado variável, visto que são relatados muitos casos de recidivas após a ressecção cirúrgica. Diante disso, o objetivo deste trabalho é relatar um caso de hemangiopericitoma em um canino. Foi atendida uma cadela, Yorkshire, de 14 anos de idade, com histórico de aparecimento de nódulo cutâneo em região do coxim plantar esquerdo. Macroscopicamente, o nódulo de pele apresentava superfície lisa, alopecica e multilobulada, medindo aproximadamente 3,0 cm de diâmetro. A superfície de corte era de consistência firme, homogênea e brancacenta. Foi realizada a cirurgia excisional com a ressecção do tumor, que foi enviado para exame histopatológico. Na análise microscópica, foi observada uma infiltração de células neoplásicas não encapsuladas e lobuladas, em derme superficial e profunda. Essa massa encontrava-se arranjada em padrão sólido, que por vezes formavam redemoinhos perivascularares de células fusiformes a ovóides. As células tumorais estavam sustentadas por abundante matriz colagenosa. O citoplasma era escasso e eosinofílico, com bordas pouco definidas. A relação núcleo-citoplasma era elevada. Os núcleos eram grandes e com baixo grau de pleomorfismo, em sua maioria hipocromáticos, com cromatina frouxa, nucléolo evidente e único. O índice mitótico era baixo, em média de 2 por campo em aumento de 40x. Os aspectos histomorfológicos foram compatíveis com o padrão descrito para hemangiopericitoma, sendo a ressecção cirúrgica o tratamento de escolha, e que se mostrou eficaz, cujo o animal não apresentou recidivas, passando-se cerca de 1 ano. Outras modalidades terapêuticas, em associação à remoção cirúrgica do neoplasma, são consideradas nos casos de hemangiopericitoma, como a amputação do membro acometido, quimioterapia e radioterapia, no entanto, são usualmente pouco empregadas. Como diagnóstico diferencial, admitem-se outras neoplasias de origem mesenquimal de padrão macroscópico semelhante, dentre elas principalmente os tumores de bainha de nervos periféricos e o hemangiossarcoma. Conclui-se com o presente relato que o diagnóstico histopatológico se constitui a ferramenta padrão para o diagnóstico dessa neoplasia, assim como de avaliação do prognóstico. Ademais, a ressecção cirúrgica se mostrou como a melhor conduta terapêutica, evitando a possibilidade de ocorrência de metástase, verificada por exame radiológico, assegurando, assim, maior tempo de sobrevida ao paciente.

Palavras-chave: Hemangiopericitoma; Histopatologia; Oncologia.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: lorenasantos.medvet@gmail.com.

HEMANGIOSSARCOMA CUTÂNEO EM CÃO: RELATO DE CASO

ARAÚJO, L. R. T.¹
MEDEIROS, D. S. D.¹
BEZERRA, F. V. F.¹
BARRETO, G. M. F.¹
SILVA, M. M. G.¹
LIMA, N. T. S.¹
PEREIRA, T. M. S.¹
PACÓ, T. R.¹

O Hemangiossarcoma (HSA) consiste em uma neoplasia maligna do endotélio dos vasos, ocorrendo frequentemente em caninos idosos, sendo altamente metastáticos quando em sua forma visceral. Apesar de atípico, o HSA pode se apresentar na forma cutânea, como sítio primário ou metastático, podendo acometer a derme ou subcutâneo. Os nódulos de HSA podem apresentar tamanho variado, coloração variando de cinza pálida a vermelho escuro, formato nodular e mole. Comumente são encontradas áreas hemorrágicas com presença de necrose. O objetivo foi relatar a ocorrência de hemangiossarcoma cutâneo em cão. Foi atendido no HOVET/UFERSA um cão SRD, fêmea, 08 anos, 12,7 kg. O tutor relatou a presença de nodulação em região abdominal e posterior ulceração desta. Ao exame clínico o animal apresentou nódulo abdominal escuro e hemorrágico. Os exames laboratoriais revelaram leucocitose por neutrofilia e monocitose. O exame ultrassonográfico demonstrou a presença de estrutura nodular com parênquima heterogêneo, grosseiro e de impossível mensuração na região abdominal, com presença de vascularização. Realizou-se ainda citologia aspirativa para fins de diagnóstico neoplásico. Na histopatologia foi verificado macroscopicamente fragmento de pele com nódulo esbranquiçado, medindo 0,8 cm, tendo superfície de corte firme, compacta e homogênea. Na microscopia foram observadas células neoplásicas mesenquimais, não encapsuladas, infiltrativas e mal delimitadas, obliterando a derme, essas células mesenquimais se apresentaram dispostas em canais vasculares, tendo formato predominantemente fusiforme, citoplasma abundante; núcleos com cromatina grosseira, nucléolos proeminentes; moderada anisocitose e anisocariose. Realizou-se o estadiamento do tumor com o auxílio de exame ultrassonográfico e radiografias para verificação de metástase. A leucocitose neutrofílica é um achado comum nos casos de HSA, essas células neoplásicas liberam citocinas ou fatores de crescimento hematopoiéticos de forma autônoma. A monocitose se apresenta como resposta ao quadro inflamatório em que os monócitos agem removendo restos de tecidos necrosados. A estrutura nodular em tecido cutâneo abdominal visualizado em exame ultrassonográfico possui características que sugerem massa/neoplasia. A citologia aspirativa mostrou-se inconclusiva, tal resultado é comum devido a característica heterogeneidade da neoplasia, visto que podem haver áreas mistas, consistindo em hematomas, áreas fibrosadas e áreas de hematopoese extramedular. Histologicamente essas células demonstraram aspectos que caracterizam o HSA com a disposição em canais vasculares, formato fusiforme, citoplasma abundante, núcleos hipercromáticos, nucléolos bem evidentes, moderada anisocitose e anisocariose. Os exames de imagem revelaram a ausência de metástases. Ao exame histopatológico diagnosticou-se HSA grau I e o paciente foi encaminhado para realizar excisão cirúrgica do tumor com conseqüente acompanhamento. Conclui-se que o diagnóstico definitivo do HSA ocorre através da histopatologia, entretanto, as alterações verificadas nos demais exames laboratoriais e de imagem auxiliam no percurso clínico para o desfecho do diagnóstico e instituição do tratamento adequado.

Palavras-chave: Endotélio; Histopatologia; Neoplasia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: luisa.teixeira@outlook.com.

HIPOSPADIA E ATRESIA ANAL EM FILHOTE CANINO: RELATO DE CASO

FÉLIX, N. S.¹
CESÁRIO, B. C.¹
SILVA, F. H. A.¹
SILVA, E. C. O.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
MARQUES, I. S.¹
LIMA, D. W. F.¹
OLIVEIRA, L. P. C.¹

A hipospadia é uma condição na qual a uretra se abre ventral e caudalmente em relação ao orifício normal, sendo uma anomalia de desenvolvimento da uretra em macho. A uretra nesses casos pode abrir-se ao longo de toda sua extensão, portanto, pode ser classificada em glandular, peniana, escrotal, perineal e anal. Os animais comumente apresentam outras patologias congênicas do desenvolvimento, a saber hipoplasia do corpo cavernoso da uretra, prepúcio incompleto, pênis subdesenvolvido ou anormal. A atresia anal pode ser definida como uma alteração anatômica resultante da ausência de comunicação entre o reto e o períneo a partir de um defeito congênito, o que culmina na oclusão do reto. Ambas as patologias apresentam tratamento cirúrgico. Objetiva-se relatar um caso de hipospadia e atresia anal em um cão, Pinscher, 7 dias de idade, 300 gramas. O paciente foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Semi-Árido- UFERSA. Segundo o tutor, o cão urinava e defecava por um mesmo orifício, localizado em lugar anormal. Ao exame clínico, o animal exibia parâmetros fisiológicos dentro dos limites para a espécie. No exame do sistema digestório, foi observada ausência do ânus, além de fezes diarreicas e amareladas, excretadas por orifício anormal. Já no exame do sistema gênito-urinário, foi verificada abertura uretral localizada na região perineal e urina com tonalidade clara. Foi sugerida a realização de radiografia e ultrassonografia (US), como exames complementares. Na US abdominal não foram observados ovários e útero, sendo descartada a possibilidade de pseudo-hermafroditismo. Além disso, foram visibilizados parede vesical normoespessa; rins de tamanhos normais, simétricos e de contornos regulares, ecogenicidade das corticais e arquitetura mantida. As alças intestinais possuíam diâmetro preservado, estavam preenchidas por conteúdo hiperecoico e homogêneo e com peristaltismo normal; segmentos do cólon com diâmetro preservado, paredes normoespessas e discreto conteúdo fecal, semelhante ao visto na radiografia. Portanto, a suspeita clínica foi de hipospadia, sendo classificada como perineal, e atresia anal, mais sugestiva fistula reto-uretral, que não pôde ser confirmada devido não realização de radiografia contrastada. Foi receitada lactulona, na dose de 0,5mL/kg a cada 12 horas, via oral (VO), por 5 dias e recomendada a anoplastia, procedimento este, necessário para a correção da atresia anal. Após analgesia, teve início a cirurgia. Para tanto, foi realizada uma incisão cutânea ventral a cauda, divulsionando o tecido subcutâneo, permitindo localização do reto e abertura do mesmo, o qual foi fixando a pele com fio não absorvível 4-0 e padrão de sutura simples separado. Foram prescritas medicações para uso no pós-cirúrgico, sendo amoxicilina associada a clavulanato de potássio, na dose de 20 mg/kg a cada 12 horas, VO, por 10 dias; metronidazol na dose de 15 mg/kg a cada 12 horas, VO, por 7 dias e tramadol na dose de 2 mg/kg a cada 12 horas, VO, por 5 dias. A cirurgia ocorreu como esperado e ao fim foi recomendada posterior orquiectomia e penectomia, porém, o tutor não retornou. A atresia anal e a hipospadia têm como tratamento de eleição as cirurgias mencionadas. Para isso, é de alta relevância a realização de exames complementares, objetivando saber se o paciente apresenta compatibilidade com a vida, além de garantir que sejam descartados os diagnósticos diferenciais.

Palavras-chave: Anoplastia; Ânus; Congênito; Uretra.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: natann-013@hotmail.com.

INTOXICAÇÃO POR IVERMECTINA EM CÃO: RELATO DE CASO

SOUSA, R. L. P.¹
TERTULINO, M. D.¹
BORGES, R. S. M.¹
VELOSO, L. S.¹
CARMO, L. D. A. O.¹
OLIVEIRA JÚNIOR, F. S.²

As intoxicações medicamentosas são situações comuns na clínica de pequenos animais devido à grande disponibilidade dos medicamentos de uso humano e seu fácil acesso no comércio local. Ademais, a população tem o hábito de administrar medicação sem prescrição do Médico Veterinária aos seus animais, o que constitui uma prática extremamente perigosa, em que muitas vezes causam prejuízos aos animais e em alguns casos o óbito. A Ivermectina é uma mistura de avermectinas obtidas de um actinomiceto, estruturalmente semelhante à milbemicina. É ativa contra nematódeos e artrópodes. Essa droga estimula o ácido gama-aminobutírico (GABA), e bloqueia a transmissão interneuronal/motoneuronal dos nematódeos e a transmissão neuromuscular dos artrópodes. O presente trabalho busca relatar um caso de intoxicação por Ivermectina em um cão, pinscher, fêmea, com 2 anos de idade e pesando 2 kg. Ao atendimento o animal apresentava os seguintes sinais clínicos: ataxia, nistagmo, cegueira parcial e desorientação. O proprietário fez uso ivermectina a 1% por via oral em dose equivalente a 5 mg/kg para tratamento de ectoparasitas *Rhipicephalus sanguineus*, sendo o descrito pela literatura a dose ideal no intervalo entre 0,2 a 0,4 mg/kg logo, a dose administrada equivale a quantidade excedente a usual, significando assim risco à saúde. O tratamento estabelecido é somente o sintomático, isso por que não existe um antídoto específico para esse tipo de intoxicação. O animal foi tratado com fluidoterapia (solução fisiológica), furosemida, glicose a 25% e foi administrado Hepvet® (protetor hepático). Após 7 dias do ocorrido o animal apresentou-se clinicamente bem, mas como sequela manifestou uma leve ataxia. Diante o exposto, conclui-se sobre a importância da conscientização da população quanto aos perigos que existem ao se fazer uso de medicamentos sem prescrição médica.

Palavras-chave: Avermectina; Canino; Toxicologia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: raylanneleticia96@gmail.com.

² Médico Veterinário autônomo.

HIDROCEFALIA EM CÃO: RELATO DE CASO

SANTOS, E. E. A.¹
OLIVEIRA, L. P. C.¹
LEAL, L. R. S.¹

Conceitua-se hidrocefalia como sendo uma distensão ativa do encéfalo relacionada a passagem inadequada do líquido cefalorraquidiano (LCR) desde seu ponto de produção até seu trajeto final na circulação; sendo o acúmulo excessivo, dentro ou mesmo fora do sistema ventricular do encéfalo, que geralmente está associada a hipotrofia ou atrofia do tecido nervoso próximo aos ventrículos. O sistema ventricular consiste em áreas que são desprovidas de células, no entanto possuem a presença do LCR; o plexo coróide nos ventrículos laterais, terceiro e quarto o produz. Objetiva relatar caso de hidrocefalia e análise histopatológica de filhote da espécie canina. Animal da espécie canina, filhote, 3 meses de vida, macho, sem raça definida, peso de 5,4 kg, chegou ao Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) no dia 21/10/2019, com queixa de apatia, anorexia, adipsia desde o dia anterior, com visão reduzida, andar em círculos, sem antecedentes. No exame físico constatou-se magreza, carrapatos, coração arritmico, narinas secas, poliúria e reação a ameaça reduzida. Era visível o tamanho do seu crânio aumentado em relação a sua idade, e também proporcionalmente irregular ao seu corpo, o que gerou a suspeita de hidrocefalia, juntamente com os sintomas apresentados. No eritrograma constatou-se anemia micrócítica e normocrômica. Institui-se o tratamento medicamentoso com prednisolona na dose de 1 mg/kg, furosemida na dose de 3 mg/kg, tramadol na dose de 3 mg/kg e dipirona na dose de 25 mg/kg, todas medicações realizadas a cada 12 horas, durante 10 dias, animal encaminhado ao neurologista, no entanto com piora do quadro e visando menos sofrimento optou-se pela eutanásia. Na necropsia bem como no histopatológica foi possível notar que o animal descrito apresentava alterações que condiziam com sua situação, hematomas em região torácica, bem como indícios de pneumonia, além de seu encéfalo apresentar reduzida quantidade de sucos e giros e presença de bastante LCR, características da hidrocefalia. Microscopicamente notou-se desorganização neuronal na substância cinzenta, com neurônios distribuídos aleatoriamente, em que não ocorre formação do padrão laminar dos neurônios; evidência de edema cerebral, caracterizado pela dilatação dos espaços perivasculares de Virchow-Robim e perineural. Existia necrose neuronal a partir da presença de neurônios retraídos com citoplasma acidófilo e núcleo picnótico. Conclui-se no que se diz respeito a hidrocefalia é possível notar que o animal possuía evidência desta, desde seus sintomas, até mesmo na análise histológico de lâmina de seu encéfalo, o que demonstra um achado bastante importante na clínica médica de pequenos animais, pois a partir de casos como este pode se instaurar um prognóstico para os demais casos que houverem, minimizando sintomas e sofrimento do animal.

Palavras-chave: HOVET; Picnótico; Virchow-robim.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA: Contato: elo_estefanny@hotmail.com.

LÚPUS ERITEMATOSO DISCÓIDE EM CÃO: RELATO DE CASO

BEZERRA, L. S.¹
BATISTA, T. M. A.¹
LIMA NETO, F. L.¹
PINTO, G. T.¹
ANGELINO, J. M. C.¹
SOUZA, T. C.¹
OLINDA, R. G.¹

Dentre as afecções imunomediadas mais frequentemente diagnosticadas na clínica dermatológica de pequenos animais, o lúpus eritematoso merece destaque, ficando atrás apenas do pênfigo foliáceo, em termos de recorrência. Sabe-se que as dermatoses imunomediadas, como as síndromes lúpus e os diferentes tipos de pênfigo, podem apresentar manifestações clínicas semelhantes entre si, não sendo raros os erros de diagnóstico. O lúpus eritematoso é uma dermatopatia autoimune que pode apresentar-se de forma benigna, com lesões cutâneas bem localizadas, a qual recebe a denominação de lúpus eritematoso discóide (LED), e uma forma multissistêmica, atingindo vários segmentos do organismo, denominada de lúpus eritematoso sistêmico (LES). O LED manifesta-se como uma dermatite nasal, e os sinais clínicos mais comuns são a despigmentação, o eritema e a descamação do plano nasal, podendo se expandir raramente para região periocular e junções mucocutâneas da face. Sua etiologia ainda é desconhecida, mas alguns fatores como a exposição solar e a predisposição genética parecem desempenhar um papel na patogenia. O lúpus eritematoso discóide pode acometer humanos, gatos, equinos e cães, e no caso destes, algumas raças como Pastor Alemão, Husky Siberiano e Collie são mais suscetíveis. Diante disso, o objetivo desse trabalho é relatar um caso de lúpus eritematoso discóide em um canino. Foi atendido um cão, sem raça definida, de 14 anos de idade, apresentando lesão ulcerada e crostosa em região de ponte nasal. Foi realizada biópsia incisional da lesão erodida e o fragmento coletado foi enviado para exame histopatológico. Macroscopicamente, o fragmento de pele exibia uma área focalmente extensa de ulceração, e ao corte, era de consistência firme e de coloração difusamente brancocenta. Na análise microscópica, foi observado o espessamento da epiderme, evidenciando o processo de acantose, e existia uma ampla zona de infiltrado inflamatório predominantemente mononuclear, constituído principalmente por plasmócitos, linfócitos e macrófagos na derme superficial e ocasionalmente infiltrando-se na camada basal da epiderme e ao redor dos folículos pilosos, caracterizando dermatite de interface liquenóide. As células basais da epiderme estavam em processo de apoptose, apresentando-se eosinofílicas, encolhidas, individuais e dispersas. Além disso, marcada incontinência pigmentar estava presente. Havia ainda uma área focal de ulceração da epiderme, preenchida por crosta serocelular. Com base na anamnese e nos achados histopatológicos, foi firmado o diagnóstico de lúpus eritematoso discóide. A terapêutica nos casos de lúpus baseia-se no uso de imunossupressores e imunomoduladores, sendo geralmente empregado o uso de corticoterapia sistêmica e tópica. Como diagnósticos diferenciais, admitem-se outras doenças autoimunes ou não, como o pênfigo foliáceo, a síndrome úveodermatológica, o linfoma epiteliotrópico, a leishmaniose e ainda as outras síndromes lúpus. Conclui-se com o presente relato que o diagnóstico dessa patologia se reveste de importância, pois possibilita a diferenciação de outras doenças autoimunes, permite a correta determinação de prognóstico e direciona o clínico veterinário para a conduta terapêutica apropriada.

Palavras-chave: Autoimune; Dermatopatia; Dermatopatologia.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: lorenasantos.medvet@gmail.com.

OCORRÊNCIA DE LUXAÇÃO ANTERIOR DE CRISTALINO EM FELINO:

RELATO DE CASO

BEZERRA, I. B.¹
MELO, D. R. M. C.¹
JUCÁ, F. M.¹
CUNHA, V. L.¹
BARROS, P. R.¹
MATOS-BRITO, B. G.¹

O cristalino, também conhecido como lente, é uma estrutura que compõe o aparelho ocular. Situa-se anteriormente ao humor vítreo e posteriormente à íris, estando suspenso pelas fibras zonarias. Esta estrutura é responsável pela refração dos raios luminosos a fim de gerar a imagem na retina. Dentre as patologias do cristalino, destacam-se cataratas, luxações e subluxações. Catarata é o nome designado a qualquer opacidade do cristalino, podendo ser classificada conforme sua etiologia, idade de ocorrência e estágio de desenvolvimento, enquanto as luxações e subluxações são categorizadas principalmente de acordo com sua localização (anterior e posterior), podendo ser originadas de forma espontânea ou traumática. As luxações e subluxações são resultantes do aumento de tensão sobre as fibras zonarias, ocasionando um rompimento da zônula e o deslocamento do cristalino. Ambas patologias oculares são raras em felinos. Dentre os sinais clínicos comumente observados em animais com luxação evidenciam-se afacia crescente e iridodonesse. Salientar a importância dos exames oftalmológicos com enfoque na ultrassonografia para complementar diagnóstico de enfermidades que acometem o aparelho ocular. Gata, fêmea, de 14 anos, foi levada ao veterinário devido à opacidade total do olho esquerdo com provável cegueira do olho afetado segundo o tutor. Na anamnese, o tutor informou ainda que o animal apresentava histórico de brigas e quedas de prateleiras altas. Ao exame clínico, realizou-se exames oftálmicos em ambos os olhos. Utilizou-se o corante vital fluoresceína em forma de colírio para avaliar defeitos epiteliais da córnea e da conjuntiva. Com a fluoresceína foi possível verificar a inflamação ocular, mas sem ulceração. A tonometria também foi realizada, avaliando a pressão intraocular com o Tonômetro de Schiötz, resultando em 2 mmHg. Após o exame clínico foi diagnosticado luxação anterior de lente e catarata no olho esquerdo, enquanto o direito se encontrava sem alterações. Foi solicitada uma ultrassonografia ocular como exame complementar. O ultrassom foi realizado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), onde identificou-se, além da luxação anterior de cristalino e a catarata, um descolamento total de retina que não pôde ser observado apenas no exame clínico, salientando a importância do exame ultrassonográfico para obtenção de mais achados. Após a confirmação do diagnóstico, o veterinário indicou o tratamento cirúrgico para o reparo da luxação. Todavia, o tutor optou por não realizar a cirurgia, visto que havia deslocamento total de retina. A luxação anterior de lente em felinos é de certa raridade, sendo possível diagnosticar através do exame clínico e o auxílio da ultrassonografia. Esse exame complementar permite visibilizar diversas afecções oculares, como no caso, o descolamento de retina. Ele mostra-se de extrema importância para o diagnóstico precoce e tardio de enfermidades que acometem o sistema ocular, sendo possível a visibilização das estruturas afetadas, para que possa ser instituído o tratamento mais adequado para cada caso, objetivando minimizar quaisquer danos e evitar o comprometimento total do órgão.

Palavras-chave: Catarata; Felino; Luxação; Ultrassom.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: isabellebmedvet@hotmail.com.

OTITE INTERNA CAUSADA POR *Corynebacterium* sp. EM CANINO:

RELATO DE CASO

OLIVEIRA, F. E. S.¹
LOURENÇO, G. L.¹
SILVA, J. S.¹
MAIA, J. N.¹
FEIJÓ, F. M. C.¹
ALVES, N. D.¹
SANTOS, C. S.¹

A otite interna é uma inflamação do ouvido interno e normalmente está associada a doença vestibular dos cães. Muitos casos de otite não respondem ao tratamento, podendo acarretar em lesões neurológicas ou perda da audição. Diante disso há a necessidade da identificação do agente microbiano para a obtenção de um diagnóstico preciso e de um medicamento eficaz. Este trabalho objetivou realizar uma avaliação microbiológica do conduto auditivo de canino acometido por otite interna crônica, visando identificar a espécie bacteriana e determinar a susceptibilidade aos antimicrobianos. Uma cadela, SRD, 16 anos deu entrada no Hospital Veterinário com histórico de otite crônica e recidivante. Ao exame físico a cadela apresentava cabeça inclinada, nistagmo, andar em círculos e permanência em decúbito. Foi prescrito Ciprofloxacina por via otológica para terapia em casa. Foram coletadas amostras de material do conduto auditivo por meio de suabe estéril. A amostra foi semeada em Ágar Sangue, Ágar Mac Conkey e Ágar Saboroud, após a semeadura as placas de Ágar Sangue e Mac Conkey foram incubadas em estufa bacteriológica a 37° e o Ágar Saboroud foi armazenado em estufa BOD a 28°C. A cultura foi positiva apenas no Ágar Sangue. As colônias foram colocadas em lâmina e submetidas a coloração de Gram para identificação da morfologia ao microscópio óptico, na qual foram identificados bacilos Gram-Positivos. As provas bioquímicas utilizadas para identificação de bacilos Gram-positivos foram: Prova O/F, Catalase, Motilidade, NaCl a 6,5%, Esculina e formação de hemólise. A bactéria também foi submetida ao teste de antibiograma para determinar a susceptibilidade a diversos antimicrobianos. Após os testes concluiu-se que o agente causador de otite era *Corynebacterium* sp. e que os antimicrobianos aos quais a bactéria foi sensível eram: Ciprofloxacina, Tetraciclina, Amicacina, Cefepime e Gentamicina. Após o tratamento foi relatada regressão dos sinais clínicos, ausência de nistagmo, animal em estação e redução da inclinação da cabeça. Após o tratamento, o paciente apresentou melhora do quadro clínico de otite crônica. De acordo com o teste de antibiograma, a bactéria apresentava sensibilidade a ciprofloxacina, antimicrobiano prescrito pelo clínico, portanto os procedimentos microbiológicos constituem uma importante ferramenta de diagnóstico em processos infecciosos crônicos ou resistência a terapia antimicrobiana, pois permite a identificação do agente infeccioso e determinação de um antimicrobiano eficaz para o tratamento.

Palavras-chave: Antimicrobianos; Bactéria; Cultura; Tratamento.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: fran.erlley@hotmail.com.

PERITONITE SÉPTICA EM CÃO: RELATO DE CASO

LIMA, N. T. S.¹
BARRETO, G. M. F.¹
ARAÚJO, L. R. T.¹
SILVA, M. M. G.¹
PACÓ, T. R.¹

A peritonite em cães consiste em uma severa complicação de afecções na cavidade abdominal. A enfermidade é definida como uma inflamação do peritônio, geralmente com prognóstico reservado, em muitos casos evoluindo para choque séptico e morte. Ela é classificada em asséptica, séptica e mista, sendo a séptica a mais comum, em que há proliferação rápida de microorganismos patogênicos, determinando um processo infeccioso grave. O Objetivo foi relatar a ocorrência de peritonite séptica em cão. Foi atendido no HOVET/UFERSA um cão da raça poodle, fêmea, 10 anos, 8,6 kg, com histórico de ovariohisterectomia há 3 meses. O tutor relatou polaciúria, anorexia, adpsia e episódios de vômito. No exame clínico o animal apresentava-se hipotérmico, com o abdomen distendido e rígido à palpação. Nos exames laboratoriais foi verificada uma leucocitose com desvio à esquerda e a análise do líquido abdominal apresentou aspecto turvo e alta celularidade. Ao exame ultrassonográfico o baço apresentou-se com dimensões aumentadas, ecogenicidade mista e ecotextura heterogênia com contornos irregulares devido à presença de estrutura nodular em região de corpo esplênico medindo aproximadamente 5.1 cm x 4.8 cm, sem sinal de vascularização. Constatou-se a presença de líquido livre abdominal com moderada celularidade associado ao aumento de ecogenicidade da gordura abdominal. A distensão abdominal provocada pela presença de líquido livre na cavidade abdominal é resultado do aumento da permeabilidade capilar e a hipotermia pode estar presente nos processos septicêmicos. No hemograma leucocitose com desvio à esquerda é o achado mais comum. Na análise do líquido da efusão o aspecto turvo e alta celularidade são indicativos de exudato séptico. A estrutura nodular é sugestiva de abscesso esplênico pelo crescimento acelerado e ausência de vascularização. O líquido abdominal com presença de elevada celularidade e o aumento da ecogenicidade da gordura abdominal é sugestivo de peritonite/esteatite. Foi instituída a terapia a base de diurético e antibiótico, além da drenagem do líquido peritoneal; no entanto, um dia após o início da terapia o animal veio a óbito. Conclui-se que a peritonite pode ser uma complicação decorrente de intervenções cirúrgicas na cavidade abdominal, os exames laboratoriais e de imagem são importantes para o diagnóstico que deve ser precoce para um prognóstico mais favorável e estabelecimento do tratamento.

Palavras-chave: Abscesso; Efusão; Sepsis.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: nagilathalyta@hotmail.com.

SARCOMA DE APLICAÇÃO EM FELINO: RELATO DE CASO

BATISTA, T. M. A.¹

BEZERRA, L. S.¹

OLINDA, R. G.¹

O sarcoma de aplicação em felino (SAF) trata-se de um neoplasma mesenquimal provocado pela administração de vacinação em gatos ou de antibióticos e anti-inflamatórios não esteroides, principalmente por via subcutânea. Sendo um sarcoma agressivo por ter caráter biológico maligno, representa atualmente um grande desafio para os médicos veterinários na clínica de felinos. Sugere-se que o mecanismo oncogênico esteja associado aos adjuvantes vacinais e as frequentes aplicações no mesmo sítio de vacinação, relacionado principalmente a vacinas antirábicas ou contra vírus da leucemia felina (FeLV). A resposta inflamatória crônica e ativação de mecanismos imunológicos desencadeados pela estimulação persistente provocada pelo alumínio, mineral usado como adjuvante nas vacinas. Esse pode predispor o felino a um rearranjo desfavorável do tecido conjuntivo fibroso de reparação, conduzindo-o ao desenvolvimento do neoplasma. Estima-se que um em cada 1.000 a 10.000 gatos desenvolvem o processo neoplásico no sítio da aplicação, comumente acometendo os locais da região interescapular, cervical dorsal, flanco e região femoral. O neoplasma tem características de invasividade e elevada taxa de crescimento, consequentemente as lesões são grandes, irregulares, multilobares e firmes. Portanto, este trabalho tem por objetivo relatar um caso de sarcoma de aplicação em um felino no município de Mossoró-RN. Foi atendido uma gata, SRD, com histórico de tumor de pele com crescimento rápido após aplicação de medicação. Foi realizado uma biópsia incisional do neoplasma para realização de exame histopatológico. Os fragmentos apresentavam aspecto pardacento, recoberto por pele, com a superfície irregular medindo 0,3-0,6 cm de diâmetro. No exame microscópico, foi observado proliferações de células mesenquimais malignas em região de subcutâneo. As células neoplásicas eram fusiformes, ovaladas a estreladas, arranjadas em feixes entrelaçados, sustentadas por denso estroma fibroso a mixomatoso. O citoplasma era escasso, eosinofílico e pouco definido. O núcleo variou de fusiforme a ovalado, com cromatina vesiculosa e nucléolo evidente e único. O índice mitótico constatou em média três mitoses por campo em maior aumento (40x). Havia ainda infiltrado inflamatório linfocítico reativo intratumoral multifocalmente, além de focos de necrose. Adicionalmente, foram observadas áreas de padrão histopatológico compatível com fibrossarcoma e outras regiões com mixossarcoma e lipossarcoma, caracterizando o tumor de padrão misto do SAF. Realizou-se a exérese do neoplasma como conduta terapêutica de eleição com ampla margem cirúrgica. Outros tratamentos como a quimioterapia, radioterapia, imunoterapia e inibidores de tirosina quinase acarretam melhores resultados prognósticos quando associados à cirurgia. Assim, conclui-se que o exame clínico e a anamnese do paciente associado ao exame histopatológico, são fundamentais para o diagnóstico de SAF e para a determinação dos fatores prognósticos e preditivos do felino.

Palavras-chave: Felino; Histopatológico; Neoplasma; Sarcoma.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: thaiisaraujob@gmail.com.

SÍNDROME DA DILATAÇÃO VÓLVULO-GÁSTRICA EM CÃO DOMÉSTICO:

RELATO DE CASO

SILVA, F. H. A.¹
LIMA, D. W. F.¹
VIEIRA, A. K. R.¹
FÉLIX, N. S.¹
ALVES, L. S.¹
BENEVIDES, B. C. S.¹
VIANA, A. R. S.¹
CALADO, E. B.¹

A síndrome da dilatação vólculo-gástrica (DVG) em cães é uma enfermidade grave, aguda e com elevado risco de óbito. Ocorre prevalentemente em raças grandes e gigantes, com taxa de mortalidade de 30% a 40% em pacientes tratados. A DVG é caracterizada por disfunção do esfíncter gastroesofágico e piloro resultando em acúmulo de gases e fluídos gástricos com dilatação ou torção deste órgão. Ocorre diminuição da perfusão gástrica e esplênica com obstrução do retorno venoso abdominal. O prognóstico é considerado desfavorável em situações de necrose gástrica ou, ainda, se a gastrectomia não for empregada. Objetiva-se relatar caso de DVG em uma cadela, dálmata, 14 anos de idade e 17,5 kg. A paciente foi atendida no hospital veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, Mossoró-RN, com histórico de desconforto e aumento de volume abdominal, depressão e mímica de vômito improdutivo cerca de 4 horas após alimentação. Ao exame clínico, observou-se frequência cardíaca de 64 bpm, pulso filiforme, mucosas hipocoradas, tempo de preenchimento capilar 2 segundos, desidratação estimada em 8% e temperatura retal 38,8°C. À palpação abdominal, havia sensibilidade dolorosa e abaulamento. À percussão, observou-se produção de sons timpânicos característicos de acúmulo de gases. Foram solicitados exames complementares de hemograma completo, ultrassonografia abdominal e radiográficos abdominais nas incidências ventro-dorsal e látero-lateral direita e esquerda. Os principais achados foram considerável acúmulo de gases em estômago e sinais de compartimentalização gástrica em projeção radiográfica ventro-dorsal. Com base no histórico, sinais clínicos e exames complementares diagnosticou-se dilatação vólculo-gástrica. Instituiu-se, emergencialmente, descompressão gástrica por meio de trocaterização trans-cutânea, fluidoterapia e a paciente foi encaminhada para correção cirúrgica. Administrou-se como medicação pré-anestésica metadona 0,3mg.kg⁻¹ via intramuscular, indução anestésica com propofol 4mg.kg⁻¹ e cetamina 1mg.kg⁻¹ via intravenosa, manutenção com isoflurano, além da administração de dexametasona 6mg.kg⁻¹ por via intravenosa, no trans-operatório. Procedeu-se com celiotomia mediana pré-umbilical, identificação do vólculo gástrico, gastrocentese, recolocação do estômago à sua posição anatômica, bem como do baço, inspeção das superfícies gástrica e esplênica, não foram observadas, macroscopicamente, áreas necrosadas ou lesões de reperfusões. Executou-se a gastropexia incisional, incisando longitudinalmente a região ventral ao antro pilórico entre as curvaturas maior e menor, assim como peritônio e músculo transverso do abdômen na parede ventrolateral direita, posteriormente foi feita sutura em padrão simples contínua entre a incisão gástrica e a incisão da parede abdominal com fio poliglactina 910, tamanho 3-0. Celiorrafia e dermorrafia, foram realizadas após inspeção da cavidade abdominal. No pós-operatório, foram administrados codeína 1mg.kg⁻¹ *t.i.d.* por 5 dias, amoxicilina com clavulanato 22mg.kg⁻¹ *b.i.d.* por 10 dias, ranitidina 2mg.kg⁻¹ *b.i.d.* durante 7 dias e dipirona sódica 25mg.kg⁻¹ *t.i.d.* por 4 dias. Conclui-se que apesar do prognóstico reservado, pelo elevado risco de óbito. O diagnóstico e a intervenção clínico-cirúrgica rápidos e eficientes foram imprescindíveis à resolução do quadro clínico e sobrevivência da paciente.

Palavras-chave: Abdômen; DVG; Gastrotomia; Torção.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: herbeson2706@hotmail.com.

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL NASAL CANINO: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, F. C. S.¹
MARQUES, I. S.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
BARRETO, G. M. F.¹
LIMA, N. T. S.¹
NASCIMENTO, N. M. S.¹

O tumor venéreo transmissível (TVT), também chamado de linfossarcoma de Sticker, é uma enfermidade que acomete os cães e apresenta relação com o aparelho genital, no entanto, pode ser encontrado na forma extragenital em outras partes do corpo, tais como mucosas e pele, em ambos os sexos. A transmissão ocorre de forma mecânica, através de montas naturais e também por lambedura excessiva da área genital. Já há relatos de lesões em nariz, boca, conjuntiva, cavidade oral e até mesmo na pele. Tem aspecto carnudo e altamente vascularizado, podendo ser ulcerado, de consistência friável, possuindo um aspecto de couve-flor que sangra facilmente. O TVT encontra-se entre as principais neoplasias que acometem os cães. Objetiva-se relatar o caso de um cão com TVT nasal, com acometimento de palato duro. Foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) um cão, adulto, macho, sem raça definida, não castrado, pesando 17,0 kg, com histórico de edema em região nasal, de aumento progressivo, levando o animal a apresentar dificuldade respiratória (queixa principal), espirros e epistaxe. A tutora relatou que o animal foi resgatado da rua há seis meses, e já se apresentava com essa alteração em plano nasal. A tutora também relatou que o animal passou por atendimento veterinário anterior, onde foi prescrito antibiótico (amoxicilina + clavulanato de potássio, por dez dias, e anti-inflamatório (prednisolona) por três dias, porém, não foi observado melhora do quadro clínico do animal. Ao exame clínico foram observadas alterações como a presença do aumento de volume na região nasal, de consistência firme, dificuldade respiratória, e na inspeção da cavidade oral, foi percebido também um aumento de volume em palato. Foi realizado exame radiográfico de crânio, e neste, as alterações observadas foram sugestivas de processo inflamatório/infeccioso/neoplasia associada a lise óssea adjacente. Como o laudo radiográfico não foi conclusivo, resolveu-se optar por mais uma tentativa de antibioticoterapia com doxiciclina 100 mg (10 mg/kg, VO, BID, 28 dias), e prednisolona 3 mg/ml (0,5 mg/kg, VO, BID, 7 dias). Decorridos cinco dias da consulta, o animal retornou para reavaliação, e o mesmo não apresentando melhora clínica. Nesse momento, coletou-se amostras de sangue para realização de um hemograma completo e bioquímica sérica, onde não foi verificado nenhuma alteração nos parâmetros analisados. Diante disso, foi realizada citologia aspirativa por agulha fina (CAAF) da massa (nódulo) nasal, através da qual foi possível o diagnóstico de TVT linfocítico. O animal foi encaminhado para tratamento quimioterápico, sendo este, realizado com sulfato de vincristina na dose de 0,75 mg/m², IV, uma vez por semana, totalizando quatro sessões. Após, duas sessões, já foi percebida redução significativa de tamanho na face, o que cursou com evidente conforto respiratório. Conclui-se que o TVT deve estar entre os diagnósticos diferenciais de secreção nasal, distrição respiratória ou epistaxe. E, ainda, a utilização do sulfato de vincristina, como forma de tratamento, isoladamente, na dosagem de 0,75 mg/m² obteve sucesso na regressão do TVT nasal em um cão.

Palavras-chave: Cão; Neoplasia; Sticker; TVT.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: cedma_oliveira@hotmail.com.

ULTRASSONOGRAFIA OCULAR COMO FERRAMENTA DIAGNÓSTICA NO DESCOLAMENTO DE RETINA DEVIDO HIPERTENSÃO EM CÃO: RELATO DE CASO

SOUZA JUNIOR, Z. J.¹
PACÓ, T. R.¹
ROCHA, C. C.¹
FIXINA, G. M.¹
SILVA, J. A. P.¹
ANTUNES, J. M. P.¹

A oftalmologia é um importante ramo na medicina veterinária devido à alta frequência de afecções oculares em espécies domésticas. Considerando a limitação do exame físico na avaliação das estruturas mais profundas do olho a ultrassonografia ocular é vista como uma ferramenta de grande contribuição no diagnóstico de diversas doenças oftálmicas além de colaborar no estadiamento da doença, escolha da terapia, acompanhamento e prognóstico. O presente relato trata de um caso onde a ultrassonografia foi essencial para o diagnóstico de descolamento de retina em cão. Aos doze dias do mês de novembro de 2019, uma paciente canina, fêmea, sem raça definida e 2 anos e 6 meses de idade foi atendida no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia (HOVET UFERSA) com histórico de cegueira repentina. O tutor relatou que em meados do mês de outubro o animal estava colidindo contra superfícies da casa e com a cabeça inclinada para a esquerda. Ao exame clínico foi percebido que o animal não apresentava visão bilateral e perda do reflexo pupilar no olho esquerdo, após isso, o animal foi encaminhado ao setor de diagnóstico por imagem no mesmo hospital, onde foi realizada uma ecografia ocular em ambos os olhos. Na ultrassonografia observou-se uma membrana hiperecoica separada do fundo do bulbo ocular direito por um espaço anecoico e uma membrana convexa em forma de V presa ao disco óptico, separada do fundo do olho esquerdo também por um espaço anecogênico, mas neste, havia ainda presença de ecos puntiformes sugestivos de hemorragia subretiniana. Os achados ultrassonográficos encontrados são compatíveis com diferentes graus de descolamento de retina, comumente associado a trauma ou causas sistêmicas como hipertensão arterial. A presença de hemorragia subretiniana relatada e por critério de exclusão sugere-se causa hipertensiva, no entanto o paciente não retornou para aferição da pressão sanguínea. Considerando que as técnicas cirúrgicas a laser para descolamento de retina só estão disponíveis em grandes centros, a terapia é voltada à hipertensão arterial sistêmica na tentativa de reverter as alterações oftálmicas e evitar que outros sistemas sejam afetados. O prognóstico do paciente é reservado quando não diagnosticado precocemente por meio de exames complementares, mostrando a importância do exame ultrassonográfico neste contexto para que o paciente tenha uma melhor chance de recuperação.

Palavras-chave: Oftalmologia; Diagnóstico; Ecografia; Estadiamento.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: zacariasjdsj@gmail.com.

PARTE IV: GRANDES ANIMAIS

AMPUTAÇÃO DE FALANGES ACOMETIDAS POR OSTEOMIELE EM BOVINO: RELATO DE CASO

CESÁRIO, B. C.¹
LIMA, I. M. L.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
DIAS, R. V. C.¹
CALADO, E. B.¹

A osteomielite é uma das principais infecções, identificadas por radiografias, que acometem as extremidades distais dos membros de bovinos. Comumente, é causada por bactérias que levam a uma inflamação, a qual acomete elementos do córtex e a medula dos ossos. Sua origem pode dá-se a partir de lesões traumáticas, cirúrgicas ou via hematógena. O tratamento da osteomielite digital consiste na amputação do dígito acometido, aplicação de antibióticos e uso de bandagens. Objetiva-se relatar um caso de amputação de dígito em bovino, fêmea, 4 anos, holandês. O animal foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), em Mossoró. Segundo a queixa principal, o bovino claudicava do membro pélvico direito (MPD), sendo, por isso, aplicado antibiótico e anti-inflamatório e feita limpeza dos cascos, porém, sem melhoras. Ao exame clínico geral, o paciente possuía todos os parâmetros fisiológicos dentro da normalidade. Ao exame do aparelho locomotor, o bovino apresentou claudicação grau 4 com edema e rubor na coroa do casco do MPD. Durante realização da limpeza dos cascos foi identificado um ferimento interdigital no membro em questão. Solicitou-se exames radiográficos, nos quais verificou-se áreas de menor densidade óssea, circundadas por áreas de calcificação, além de osteólise e periostite levando a perda da arquitetura óssea normal da segunda falange lateral e terceiras falanges medial e lateral do membro. Fechou-se, portanto, o diagnóstico de osteomielite. Com isso, o bovino permaneceu internado por 6 dias, sendo encaminhado para o setor cirúrgico no segundo dia. Então, foi feito o tratamento da ferida no casco acometido (clorexidina 2%, por via tópica e bandagem a cada 24 horas, por 2 dias) e 1 aplicação de soro antitetânico por via intramuscular (IM). Realizou-se a cirurgia com o bovino em decúbito lateral, sedado e analgesiado. Para tanto, foi feita tricotomia, limpeza e bloqueio anestésico do local cirúrgico. Depois, iniciou-se o procedimento com incisão de pele e tecidos subcutâneos até o osso, seguida da dissecação da pele. Posicionou-se a serra de Gigle no espaço interdigital da segunda falange e removeu-se as falanges acometidas. Após ligadura da artéria digital, aplicou-se pentabiótico em pó e concluiu-se com a sutura da pele. Como pós cirúrgico foram feitas 2 aplicações de Oxitetraciclina, via IM, a cada 48 horas, na dose de 30 mg.kg⁻¹; 4 aplicações de vitamina B1, via IM, a cada 24 horas (primeira aplicação de 5ml e demais de 10ml); 4 aplicações de dexametasona, via intravenosa (IV), na dose de 0,2mg.kg⁻¹, a cada 24 horas; 4 aplicações de flunixin meglumine, via IV, na dose de 2,2mg.kg⁻¹ e bandagem no casco do MPD, a cada 24 horas, por 4 dias. Após a cirurgia, o animal ficou 4 dias em decúbito esternal e apresentou um quadro de enfermidade respiratória, que causou seu óbito. Conclui-se que esmo as cirurgias ortopédicas sendo realizadas com pouca frequência no atendimento de bovinos a campo, considerando-se o bem-estar e o valor comercial do animal, o procedimento pode ser viável. Além disso, são necessários mais relatos sobre a resolução cirúrgica da osteomielite em bovinos, visando contribuir informativamente para esta conduta.

Palavras-chave: Bovino; Cirurgia digital; Infecção; Inflamação; Radiografia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: brunacastroce@outlook.com.br.

ASPECTO SANITÁRIO EM CRIAÇÕES DE OVINOS NA MICRO REGIÃO DE GUARABIRA E BANANEIRAS NA PARAÍBA

SARMENTO, W. F.¹
OLINTO, F. A.¹
SILVA, C. T.¹
ALBUQUERQUE, D. L.¹
OLIVEIRA, R. D.¹
ARRAIS, K. L. A.¹
ALMEIDA, H. C.¹
MELO, A. H.¹

Os sistemas de produção caprina e ovina na região nordeste têm se caracterizado por apresentar baixos índices produtivos em decorrência, principalmente, de práticas de manejo inadequado, más condições sanitárias, baixa capacidade de investimento, irregularidades na disponibilidade de alimentos ao longo do ano. Objetivou-se descrever o perfil sanitário da ovinocultura em duas regiões do estado da Paraíba. Sendo visitadas 100 propriedades e descritas as características das instalações, as práticas sanitárias através de diagnósticos, foram realizadas visitas técnicas para avaliação dos manejos adotados nas unidades de produção, seguida de uma entrevista estruturada com aplicação de questionários aos produtores nos 14 centros produtores do Estado da Paraíba: Solânea, Bananeiras, Araruna, Alagoa Grande, Dona Inês, Areia, Tacima, Lagoa de Dentro, Araçagi, Alagoinha, Mulungu, Belém, Riachão e João Pessoa. Os resultados mostraram que nas propriedades visitadas os produtores utilizam das instalações preventivas piquete maternidade (18%), quarentena (10%), Pedilúvio (3%) piquete de observação (2%), enfermaria (2%), para manejo preventivo 30% não utilizam da pratica de casqueamento, cura de umbigo 27% parcial com isso observa-se que nas propriedades visitas os produtores não apresentam condições satisfatória em relação a prevenção de doenças e conseqüentemente podendo ocasionar prejuízos na atividade e redução de peso no animais e estas falhas no manejo sanitário sendo causas predisponentes para enfermidades infecciosa e parasitarias. De acordo com as informações apresentada as principais doenças linfadenite 28%, coccidiose 26%, conjuntivite 24%. Principais parasitas que acometem os animais verme 50%, bicheira 27%, carrapato 8% as verminoses sendo assinaladas por serem de difícil controle, sejam pelas poucas informações sobre o correto período dos tratamentos ou escolha das drogas antiparasitárias. Entre as práticas de vacinação e controle de verminoses somente 19% utilizam, 34% não utilizam, parcial 31% estes índices estão relacionados ao nível de instruções dos produtores e a não assistência técnica pública ou privada que não funciona na região. Os principais achados clínicos foram sugestivos de doenças infecciosas e parasitárias. Conclui-se que a ovinocultura destes centros produtivos apresenta instalações problemáticas, o manejo sanitário é deficiente e as tecnologias disponíveis são pouco utilizadas, impossibilitando a prevenção e controle de doenças. É essencial que existam esforços coordenados da iniciativa privada em consonância com o governo estadual e federal para alavancar a ovinocultura no estado.

Palavras-chave: Instalações; Manejo; Ovinos; Sanidade.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: wlyssesferreira17@gmail.com.

AVALIAÇÃO DE BIOMARCADORES BIOQUÍMICOS ANTES E APÓS A VERMIFUGAÇÃO EM BOVINOS ANELORADOS

SANTOS, R. S.¹
SANTOS, A. B. L.¹
PIMENTEL, M. M. L.¹
OLIVEIRA, G. A.¹
SALGUEIRO-CRUZ, R. K.¹

O agronegócio bovino vem ganhando cada vez mais espaço, gerando renda para todo o Brasil. O estresse tem sido descrito como um dos fatores que podem prejudicar essa qualidade, além de outros como a vermifugação desenvolvida no manejo sanitário. A qualidade da carne bovina pode ser prejudicada pelas verminoses que podem comprometer a produtividade dos rebanhos em diferentes graus e atingir perdas econômicas já que pode induzir o atraso do crescimento, a diminuição do ganho ou a perda de peso e a predisposição a outras doenças. O erro na utilização de anti-helmínticos incluindo lesões nas vias de aplicação e a não adoção de outras medidas de controle das verminoses, fazem com que estas se constituam um dos principais fatores responsáveis pelo baixo desfrute do rebanho bovino nacional. Objetivou-se avaliar os biomarcadores bioquímicos (cortisol e creatina quinase) antes e após a vermifugação em bovinos anelorados. O estudo foi realizado em uma fazenda localizada no município de Branquinha. Foram coletadas amostras sanguíneas por venopunção sem anticoagulantes na veia coccígea com tubos à vácuo descartáveis de 80 animais, os quais foram divididos em dois grupos. O (G1) animais vermifugados com ivermectina 1%, e o (G2) grupo controle utilizando solução fisiológica. As coletas foram feitas em diferentes momentos do mesmo dia. O momento pré-(M-0); após 10 min (M-1); e após 4 horas da vermifugação (M-2). Foram avaliados o cortisol e a creatina Kinase (CK). Apesar do aumento dos valores dentro grupo tanto para a dosagem de cortisol como para CK não foi observado diferença estatística com nível de significância de (5%) no teste de Tukey. Os valores de CK oscilaram dentre os grupos e os momentos de análise, porém sem apresentar significância estatística. Sendo este, o primeiro relato deste biomarcador em bovinos durante um manejo de vermifugação. No GV-1, ocorreu um aumento do M-0 para o M-1, porém os valores reduziram após 4 horas da aplicação do vermífugo (M-2). Já com a aplicação do soro fisiológico (GV-2), foi possível observar uma redução do M-0 para o M-1 e uma elevação após 4 horas da aplicação, sendo este o maior valor registrado. O aumento do valor pode ser justificado pela via de administração, a qual é rica em adipócitos, o que possibilita a permanência da solução fisiológica no local por mais tempo. Os valores de cortisol variaram significativamente dentre os grupos, mas não entre os momentos. Foi possível observar uma elevação entre o M-0 e o M-1 em ambos os grupos, porém as concentrações retornaram aos níveis iniciais após 4 horas da administração do tanto do vermífugo quanto do soro fisiológico A aplicação com Ivermectina 1% para vermifugação em bovinos é um agente estressor, que altera discretamente, e por um curto espaço de tempo, os níveis séricos de CK e cortisol. Conclui-se que por ser uma prática necessária para manter o status sanitário de saudável, no que tange ao controle das verminoses, os benefícios à saúde e o bem-estar superam o pequeno estresse gerado durante a vermifugação.

Palavras-chave: Bovinocultura; Creatinoquinase; Cortisol; Manejo; Verminoses.

¹ Centro Universitário CESMAC. Contato: @raquelssvet@gmail.com.

BRONCOPNEUMONIA EM NEONATO OVINO: RELATO DE CASO

PAIVA, R. R. L. T.¹
CESÁRIO, B. C.¹
ALMEIDA, C. M. U.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
LIMA, J. M. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
FERREIRA, H. I. P.¹

A infecção respiratória tem sido causa de morte e redução da produtividade em ovinos, em vários países. Inúmeros patógenos entre vírus, bactérias, fungos e helmintos têm sido isolados desses quadros como agentes primários ou secundários a algumas comorbidades. Dentre estas, a broncoaspiração é considerada um dos principais fatores predisponentes de afecções respiratórias e ocorre pela infiltração de partículas alimentares e fluidos em vias aéreas inferiores. Em neonatos alimentados artificialmente com mamadeiras ou baldes, o leite ingerido pode não seguir o percurso orogástrico fisiológico e adentrar pela via respiratória, servindo de substrato para os microorganismos comensais do trato respiratório inferior e do próprio leite. Objetiva-se relatar um caso de broncopneumonia em neonato ovino causada por broncoaspiração. Um ovino SRD, fêmea, dois meses de idade, com histórico de anorexia progressiva, apatia, episódios de tosse seca intermitente e dificuldade respiratória, foi encaminhado ao Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Mossoró. O neonato foi adquirido como animal de estimação e há dois dias não se alimentava normalmente. Por esta ocasião, a proprietária administrou forçadamente o leite, piorando o quadro. Ao exame clínico observou-se o animal apático, dispneico, taquipneico (208 bpm), hipertérmico (40°C), desidratado (grau de 6%) e com estertor úmido na ausculta pulmonar. Coletou-se amostras de sangue para a realização de um hemograma completo e bioquímica sérica, onde verificou-se desidratação leve (Hemácias 17,5 milhões mm^3 - ref. 8-16 milhões mm^3 ; proteínas totais 7,4 g/dL - ref. 6-7,5 g/dL), leucocitose (26.300/ mm^3 - ref. 4-12 mil mm^3), com desvio a esquerda (Neutrófilos 19.462 mm^3 - ref. 400-6000 mm^3) e fibrinogenemia moderada (600 mg/dL - ref. 100-500mg/dL). Os sinais clinicopatológicos apresentados pelo animal, associado ao resultado laboratorial obtido, permitiu o diagnóstico definitivo de broncopneumonia. O tratamento instituído foi fluidoterapia (Solução NaCl 0,9%, intravenosa - IV), dexametasona (0,2 mg/kg, IV, *sid*, 3 aplicações), flunixin meglumine (2,2 mg/kg, IV, *sid*, 5 aplicações), enrofloxacino (5 mg/kg, intramuscular - IM, *sid*, 7 aplicações), sulfametoxazol potencializada com trimetoprim (15 mg/kg, IM, *sid*, 7 aplicações), clenbuterol (0,8 mcg/kg, via oral - VO, *sid*, 6 aplicações), n-Acetilcisteína spray (2 borrifadas, VO, *bid*, 5 aplicações) e nebulização (1 ml de óleo canforado com 1 ml de solução de NaCl a 0,9%, *sid*, 7 sessões). Decorridos 7 dias de tratamento realizaram-se novos exames hematológicos e os resultados achados nas amostras estavam dentro dos parâmetros fisiológicos para a espécie. Visto a remissão total dos sinais clínicos, o animal recebeu alta. Conclui-se que é crescente o número de neonatos pequenos ruminantes alimentados de forma artificial, por serem adotados como animal de companhia ou pela própria produção intensiva da espécie. A inexperiência dos tutores quanto ao manejo adequado dos animais, favorece o número crescente de afecções nesse segmento. Em virtude disso, é necessário saber sobre as conseqüentes afecções, bem como seu pronto diagnóstico e tratamento para uma completa recuperação do animal, que nesses casos apresenta, além de tudo, o valor sentimental.

Palavras-chave: Broncoaspiração; Ruminantes; Tosse.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: ruanatorquato@gmail.com.

COMPACTAÇÃO POR ENTERÓLITO EM PÔNEI: RELATO DE CASO

BATISTA, V. H. T.¹
MELO FILHO, J. O.¹
SILVA, B. A.²
LIMA, S. M. J.²
FRANÇA, A. C. S.²
PEREIRA, E. T.²
FERREIRA, H. I. P.²

As obstruções intestinais têm sido apontadas como principal causa de internamento e óbitos de equinos por todo o mundo. Estas ocorrem pela oclusão do lúmen intestinal causando aumento da pressão intraluminal pelo acúmulo de conteúdo entérico sólido, líquido e gasoso nos segmentos propensos à obstrução. As causas mais comuns dessa enfermidade são enterólitos e areia. Os enterólitos são concreções que podem estar localizadas em toda extensão do intestino grosso e são compostos principalmente de fosfato de amônia com magnésia em torno de um núcleo. O trabalho tem como objetivo relatar uma compactação causada por enterólito em pônei. Deu entrada no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, um pônei, fêmea, 10 anos de idade, pesando aproximadamente 250 Kg. Na anamnese, o proprietário relatou que o animal se alimentou de concentrado no fim do dia, e no dia seguinte, apresentou sinais clínicos de cólicas, desconforto, rolamentos e dificuldade de se alimentar. No exame clínico, o animal apresentava mucosas normocoradas, hipomotilidade intestinal, frequência cardíaca 46 bpm, frequência respiratória 16 ppm, temperatura retal 37,7°C, apatia, e compactação no cólon ventral e transversal, além de presença de gás no intestino delgado observados na palpação retal. O tratamento clínico instituído foi sondagem nasogástrica, fluídoterapia parental e oral, analgesia com Dipirona (25 mg/Kg, *s.i.d.*, intravenoso - IV) e foi realizado uma tiflocentese para evacuação de uma parte do gás presente no intestino delgado. No entanto, após um dia na clínica, sem evolução do quadro do paciente, foi encaminhado para cirurgia. Durante o procedimento, após a abertura da cavidade abdominal, foi observado que a transição do cólon transversal para o cólon menor aparentava estar totalmente obstruído por conteúdo fibroso compactado, sendo este retirado, promovendo a desobstrução. No pós-operatório foi utilizado analgésico, Flunixin (1,1 mg/Kg, *s.i.d.*, IV), durante 7 dias; Dimetilsufóxido (1g/Kg, *s.i.d.*, IV), durante 4 dias; Dexametasona (0,1 mg/kg, *s.i.d.*, IV), durante 3 dias. A antibioticoterapia foi instituída com Metronidazol (15 mg/kg, *s.i.d.*, IV), durante 4 dias; Gentamicina (4,4 mg/kg, *s.i.d.*, intramuscular - IM), durante 10 dias e Penicilina (20.000 UI/Kg, *s.i.d.*, IM), durante 10 dias. A limpeza da ferida cirúrgica era realizada diariamente, com degermante Clorexidine a 2% e aplicações de pomada Alantol e spray cicatrizante Prata. Após 20 dias de internamento, com uma evolução significativa no quadro clínico e respondendo ao tratamento instituído, o animal recebeu alta, totalmente recuperado. Dessa forma, fica claro que o sucesso do tratamento se deu ao diagnóstico precoce, e ao encaminhamento do animal à cirurgia em tempo hábil. No entanto, é imprescindível a correção no manejo e na qualidade nutricional da alimentação fornecida a este animal para evitar recidivas.

Palavras-chave: Compactação; Enterólito; Pônei.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: victorhugoteixeira53@gmail.com.

² Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET/UFERSA.

DIAGNÓSTICO DE PROCESSO INFLAMATÓRIO CRÔNICO NA REGIÃO DO BOLETO EM EQUINO: RELATO DE CASO

SOUSA, L. F.¹
SILVA, B. A. P.¹
SOUSA, M. R. F.¹
DIÓGENES, M. N.¹

O equino é um animal utilizado para trabalho no campo e práticas esportivas, pode ser considerado, portanto, um atleta. As patologias da extremidade distal dos membros podem levar desde a diminuição da performance até a inutilização total do animal. As mais comuns estão relacionadas com os tecidos moles, como lesões ligamentares, tendinosas e musculares associadas a processos inflamatórios. Portanto, é de suma importância a realização correta e precoce do diagnóstico para que a reabilitação seja feita o quanto antes. Nesse sentido, a medicina veterinária desempenha um papel fundamental no diagnóstico e tratamento das afecções do sistema locomotor destes animais. Objetivou-se com esse estudo relatar o caso de um equino, fêmea, de 3 anos, da raça Quarto de Milha, destinada à prática de vaquejada. O animal foi atendido no município de Eusébio-CE com histórico de claudicação grau III no membro anterior direito e fístula drenando secreção purulenta na região do machinho. No exame clínico inicial foi constatado tenossinovite dos tendões flexor digital superficial e profundo. Foram solicitados os exames de raio X e ultrassonografia da região do boleto e canela pelo Médico Veterinário responsável. Os achados radiográficos foram: áreas de osteólise no sesamóide e presença de entesófitos na origem dos ligamentos inter sesamoideos e colaterais. No exame ultrassonográfico pode-se visibilizar alterações compatíveis com moderada tendinite do tendão flexor digital superficial, tenossinovite do tendão flexor digital profundo, desmites do ligamento acessório, do tendão flexor digital profundo, do ligamento suspensor do boleto e ligamentos colaterais, sesamoideos reto e oblíquo, além de processo inflamatório/infeccioso entre a superfície da pele ao bordo palmar do tendão flexor digital superficial. Com base nos achados, instituiu-se como terapia antibiótica, Enrofloxacina (5mg/kg) intravenosa BID/7 dias, e anti-inflamatória, Meloxicam (0,6 mg/kg) via oral SID/5 dias seguido por Firocoxib (0,1mg/kg) via oral SID/14 dias. O tratamento local foi caracterizado por massagem por 60 dias, após a tricotomia do boleto, com DMSO e pomada composta por Penicilina, Estreptomicina e Ureia. Durante o tratamento foi evidenciada uma diminuição progressiva da inflamação. O animal foi liberado para exercícios leves 90 dias após o tratamento. Conclui-se que esta é uma lesão comum nos cavalos de desporto que pode ser diagnosticada através das técnicas radiográfica e ecográfica, no entanto, são necessários mais estudos que avaliem tanto a resposta ao tratamento escolhido como o retorno à atividade desportiva, de forma a perceber quais os fatores que mais influenciam o prognóstico.

Palavras-chave: Diagnóstico; Equino; Inflamação; Tenossinovite.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: liviafreitas14@hotmail.com.

ENDOPARASITOS EM *Equus caballus* (Linnaeus, 1758) DE IPANGUAÇU,

RN

SILVA, J. N. D.¹
OLIVEIRA, W.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
DANTAS, I. L. M.¹
ROLIM, C. M. M.¹
GOMES, L. V. L.¹
PEREIRA, J. S.¹

Desde a antiguidade, os equinos vêm sendo utilizados pelo homem, destacando-se nos séculos passados pela atividade de locomoção e aração que estes animais possibilitavam, sendo atualmente explorados para jogos, esportes, produção animal e pela medicina para produção de soros e vacinas. Porém, as parasitoses gastrintestinais vêm interferindo na criação destes animais, ocasionando-os anemia, perda de peso, diminuição no desempenho produtivo e reprodutivo, além de poderem gerar de um leve desconforto abdominal a um alto grau de cólicas intensas que podem leva-los a morte, fato que exige um controle sanitário eficiente. O presente trabalho objetivou identificar a prevalência de parasitos gastrintestinais em *Equus caballus* (Linnaeus, 1758) provenientes de haras no município de Ipanguaçu, RN. As amostras fecais foram coletadas diretamente da ampola retal com uso de luvas e lubrificante. As fezes foram colocadas em sacos plásticos individualmente e identificadas com nome, idade, sexo, referência do haras no qual foram colhidas e posteriormente, acondicionadas em caixas isotérmicas e encaminhadas para análise, ao Laboratório de Parasitologia Animal (LPA) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Para identificação dos ovos e oocistos foi utilizada a técnica de flutuação de contagem de ovos por gramas de fezes (OPG/OOPG) com câmara de McMaster para leitura. No processamento destas amostras, utilizou-se 4g de fezes em 56 ml de solução hiper saturada de cloreto de sódio. Os ovos recuperados foram multiplicados pelo fator de conversão 50x. Para identificação dos gêneros de endoparasitos que acometeram os cavalos, foi realizada técnica de coprocultura em Pool, onde se homogeneizou as fezes com material para aeração, deixando em cultivo por 10 dias. Todas as amostras foram lidas em microscopia óptica de luz. Dos 27 animais analisados, 7 amostras (25,93%) foram negativas; 18 (66,67%) foram positivas para ovos do tipo strongilídeos; 1 (3,70%) para ovos do tipo *Strongyloides* sp. e 1 (3,70%) para ovos do tipo *Parascaris* spp. Das coproculturas realizadas, obteve-se: 90% de larvas L3 correspondentes a Ciatostomíneos do tipo A e 10% correspondentes a *Strongylus vulgaris*. A identificação da prevalência dos endoparasitos encontrados em *E. caballus* auxilia no estabelecimento de medidas de manejo e tratamento adequados as parasitoses nestes hospedeiros, bem como auxilia no controle do aparecimento de resistência parasitária nos cavalos estudados. Também alerta proprietários e veterinários de Ipanguaçu/RN, para que cavalos portadores de parasitos resistentes não compartilhem áreas com outros animais hospedeiros resistentes, a exemplo de asininos. Estes podem compartilhar com cavalos os mesmos gêneros de parasitos identificados e assim não desenvolverem parasitoses, devido a sua resistência, mas acabam atuando como reservatórios de endoparasitos, para os cavalos mencionados.

Palavras-chave: Ciatostominae; Coprocultura; Equídeo; *Strongylus* spp.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: julianedantas1@hotmail.com.

ENDOPARASITOS EM *Sus scrofa domesticus* (Erxleben, 1777) DE MOSSORÓ, RN

PAIVA, R. R. L. T.¹
SILVA, J. N. D.¹
MARQUES, I. S.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
ROLIM, C. M. M.¹
GOMES, L. V. L.¹
DANTAS, I. L. M.¹
PERREIRA, J. S.¹

Os suínos são afetados por muitas espécies de parasitos, o que resulta em consideráveis perdas financeiras para cadeia produtiva como, falha na conversão alimentar, crescimento retardado, aumento da susceptibilidade a outras enfermidades e condenação de vísceras durante o abate. Além disso, esta espécie alberga endoparasitos que representam risco potencial para o homem. *Balantidium coli*, por exemplo, é um protozoário ciliado de importância zoonótica, capaz de invadir a mucosa intestinal e acarretar casos clínicos sintomáticos, que pode ser fatal para os animais, principalmente suínos e também seres humanos. A compreensão das doenças parasitárias começa com o conhecimento das espécies presentes em uma população. O presente trabalho objetivou efetuar um levantamento de endoparasitos em suínos procedentes de criações familiares do município de Mossoró, RN. Foram analisadas amostras de fezes de onze suínos, coletadas em duas propriedades suinícolas distintas. Os animais examinados eram criados em sistema de confinamento em baias com piso de concreto e separados por lotes de acordo com cada fase de crescimento. As amostras, retiradas do reto de cada animal, foram embaladas, identificadas e devidamente acondicionadas em caixas térmicas com gelo e encaminhadas ao laboratório de Parasitologia Animal da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LPA/UFERSA). Estas amostras biológicas coletadas foram submetidas às técnicas de sedimentação espontânea de Hoffman (1934) e a de flutuação de Willis (1921). As análises coproparasitológicas e identificação dos helmintos foram realizadas de acordo com bibliografia específica (HOFFMAN, 1987; FOREYT, 2005) e com auxílio da microscopia óptica de luz. Dos onze suínos, seis (54,55%) estavam negativos para ambas as técnicas. Quanto a positividade, através do método de sedimentação espontânea, foram diagnosticados três (27,27%) animais com *Cystoisospora* sp.; três (27,27%) com *Trichuris* sp. e um (9,1%) com ovos do tipo strongilídeos. Através da técnica de flutuação diagnosticou-se quatro (36,36%) animais com *Entamoeba* sp.; quatro (36,36%) com *Balantidium coli* e um (9,1%) com *Trichuris* sp. Devido à escassez de estudos sobre os endoparasitos que acometem suínos em Mossoró, Rio grande do Norte (RN), sendo a última notificação realizada por Ahid et al. (2011), há nove anos atrás, através do presente trabalho, atualiza-se as condições parasitária suinícola da cidade de Mossoró-RN, bem como atenta os produtores para os cuidados com manejo e tratamento destes animais já que os mesmos têm apresentado infecção por parasitos com potencial zoonótico, a exemplo de *B. coli*.

Palavras-chave: Helmintofauna; Suíno; Zoonose.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: ruanatorquato@gmail.com.

EPIDERMITE EXSUDATIVA EM SUÍNOS: RELATO DE CASO

SILVA, M. M.¹
GUIMARÃES, A. L. C. G.¹
FERREIRA, H. I. P.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹

A epidermite exsudativa ocorre como infecção aguda ou super aguda causada pela bactéria *Staphylococcus hyicus*, acometendo especialmente leitões lactentes ou recém desmamados que apresentam apatia, diarreia e pele avermelhada com ulcerações primárias que dão origem a vesículas secundárias repletas de exsudato amarronzado. A mortalidade associada a essa enfermidade é resultado de desidratação e septicemia. Esta afecção normalmente acomete um rebanho vulnerável através da introdução de um portador, sendo necessária a existência de uma porta de entrada nos animais causada por picadas de pulgas, lesões por castração, brigas ou caudectomia, afetando sucessivas leitegadas de matrizes não imunes. Ambientes sujos e altamente infectados também são um fator predisponente. Os sinais clínicos são suficientes para o diagnóstico da epidermite exsudativa, entretanto, a confirmação pode ser obtida por meios histológicos e bacteriológicos colhidos das áreas lesionadas. O uso de antibacterianos na terapia medicamentosa se mostra eficaz, se for levado em conta a resistência que a bactéria apresenta e o estágio da doença. Objetiva-se relatar um caso de surto de epidermite exsudativa em um rebanho suíno. Foram encaminhados 2 animais ao Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia, na Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais da UFERSA, uma fêmea e um macho, suínos da mesma leitegada, com 3 meses de idade. Na anamnese foi relatado que no dia anterior os animais apresentaram manchas vermelhas na pele, ao redor das orelhas e na região perineal com prurido. Além disso, estavam inquietos, com anorexia e pústulas nas regiões afetadas. Ao exame físico, os animais estavam alerta, em estação e com parâmetros dentro dos valores considerados fisiológicos para a espécie. De acordo com o histórico e exame clínico, foram diagnosticados com epidermite exsudativa, optando-se pelo tratamento medicamentoso com Oxitetraciclina em pó, antibiótico do grupo das tetraciclinas, fornecido dissolvido na ração 10g/animal durante 10 dias consecutivos. Através do tratamento realizado, os animais obtiveram total recuperação, recebendo alta após 12 dias de internamento. Conclui-se que a eficiência do tratamento está relacionada ao atendimento precoce e a baixa resistência do agente ao antibiótico utilizado, demonstrando o uso consciente de antibiótico na propriedade. Como prevenção, foi realizado um trabalho de conscientização do produtor para limpeza das baias de modo adequado, tendo em vista que era realizada a limpeza úmida diária favorecendo a permanência do agente no ambiente. Dessa forma, evita-se novos casos dessa doença que acarreta perdas econômicas para a produção animal através de gastos excessivos com medicamentos e morte dos animais.

Palavras-chave: Antibiótico; *Staphylococcus hyicus*; Suinocultura; Dermatopatia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: milenaameelo@hotmail.com.

EVISCERAÇÃO EM OVINO: RELATO DE CASO

AQUINO, C. A. Q.¹
BATISTA, V. H. T.¹
PEREIRA, E. T.¹
SILVA, B. A.¹
LIMA, J. M. S.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
FERREIRA, H. I. P.¹

A ovinocultura é responsável por gerar economia em muitas regiões brasileiras, dentre elas, destaca-se a nordeste, com grande potencial de crescimento nesse segmento. Afecções gastrointestinais são cada vez mais corriqueiras na clínica médica de pequenos ruminantes e correspondem por perdas significativas para a produção. Traumas severos à musculatura abdominal são causados, geralmente, pelo impacto de objetos rombos ou estiramento excessivo desses músculos, podendo levar a formação de hérnias (CÂMARA, 2016), sendo que a intensidade e extensão da lesão poderão provocar solução de continuidade das camadas mais externas da pele e, com isso, a projeção das vísceras para fora da cavidade abdominal. Objetiva relatar o processo de estabilização de um ovino eviscerado, bem como a correção de uma hérnia abdominal traumática. Foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET, na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), um ovino, SRD, fêmea, com aproximadamente 2 meses. Na anamnese, o proprietário relatou que o animal estava a pasto, teria sido encontrado pela manhã em decúbito, e observou a presença do aumento de volume na região lateral direita do abdômen, que possivelmente seria decorrente de trauma na região. Ao exame físico geral, o animal encontrava-se em estação, apático, desidratado (grau de desidratação de 10%), desnutrido, com mucosas hipocoradas. A suspeita foi de que este animal tenha sofrido o trauma decorrente de acidentes com cercas, havendo enfraquecimento da musculatura com evolução para herniação e lesão de continuidade, o que favoreceu a evisceração. Inicialmente, realizou-se os primeiros cuidados visando a estabilização do animal para posterior procedimento cirúrgico, com fluidoterapia (solução ringer com lactato), dexametasona (0,2mg/kg, intravenoso - IV), flunixinina meglumina (2,2mg/kg, IV) e ceftiofur (2,2mg/kg, intramuscular - IM). Coletou-se amostras de sangue para a realização de um hemograma completo e bioquímica sérica, onde verificou-se anemia (Hemácias 5,06 milhões mm³ - ref. 8-16 milhões mm³; hematócrito 13% - ref. 24-50%; proteínas totais 3g/dL - ref. 6-7,5g/dL). Após a realização da tricotomia, assepsia e bloqueio local, foi feita a incisão, sobre a hérnia, em forma de elipse, identificando-se o tecido eviscerado: o omento. Foi realizada ligadura em segmento viável, retirada do tecido comprometido e reposicionamento das alças. Procedeu-se com correção do saco herniário, fechamento da musculatura em padrão Sultan e dermorrafia em padrão Wolff. No pós-operatório instituiu-se o uso de flunixinina meglumina (2,2mg/kg, IV, *s.i.d.*, 5 aplicações), dexametasona (0,2mg/kg, IV, *s.i.d.*, 3 aplicações) e ceftiofur (2,2mg/kg, IM, *s.i.d.*, 7 aplicações), além de higienização diária. O animal permaneceu internado para acompanhamento e no 3º dia de tratamento foi realizada transfusão na tentativa de correção da anemia apresentada. O desequilíbrio hemodinâmico, assim como o estado caquético do animal, favoreceu para o insucesso na terapia adotada e no 4º dia ele veio a óbito. Conclui-se que a evisceração é uma emergência cirúrgica que exige um procedimento rápido e eficaz, visando a estabilização do paciente e aumentando as chances de sobrevivência do animal. No entanto, o tempo para a intervenção, assim como doenças concomitantes, podem comprometer o sucesso da terapia.

Palavras-chave: Hérnia; Omento; Ovinocultura; Trauma.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: carlos.aqno16@gmail.com.

FRATURA SALTER-HARRIS TIPO I EM BOVINO: RELATO DE CASO

PAIVA, R. R. L. T.¹
CESÁRIO, B. C.¹
ALMEIDA, C. M. U.¹
REBOUÇAS, V.¹
FÉLIX, N. S.¹
SILVA, F. H. A.¹
LIMA, I. M. L.¹
FIRMINO, P. R.²

As fraturas em membros são mais comumente encontradas em animais jovens, causando consideráveis perdas econômicas. Em ruminantes, na maioria dos casos, são observadas no metacarpo e metatarso. A decisão do tratamento da fratura é feita após considerar o valor econômico ou genético do animal, a localização, o tipo de fratura, custos com o tratamento e o prognóstico. Entretanto, para os animais de grande porte, a eutanásia tem sido a opção mais frequentemente utilizada, principalmente em casos de fraturas de ossos longos. Objetiva-se, relatar um caso de resolução de fratura em bovino, fêmea, raça Gir, 11 meses de idade, com peso aproximado de 100 kg. O animal foi atendido na propriedade localizada no município de Upanema, Rio Grande do Norte (RN). Na anamnese, o tratador relatou que na manhã do atendimento a bezerra foi encontrada as margens do piquete, arrastando o membro pélvico direito no chão e sem conseguir movimentar-se normalmente. Ao exame clínico o animal manifestava intensa claudicação do membro pélvico direito, mantendo-o recaído sobre o solo quando em estação. À palpação foi observada intensa sensibilidade na região da tíbia e uma quebra na integridade do osso, percebida pela maior mobilidade e crepitar dos fragmentos ósseos. Procedeu-se, então, com o exame radiográfico, no qual observou-se uma avulsão na linha de crescimento do osso, do tipo não articular, classificada como fratura de Salter-Harris tipo I. Em virtude do valor genético da bezerra, decidiu-se trata-la através da imobilização do membro e com a terapia de suporte. O animal foi então submetido à imobilização com gesso sintético (Scotchcast™ Plus 3M™), desde a região do boleto até a região acima da patela, sendo o membro auxiliado por uma muleta de Thomas, permanecendo assim por aproximadamente 70 dias. Instituiu-se também terapia sistêmica à base de flunixin meglumine (2,2 mg/kg, IV, Sid, 7 aplicações) e suplementação de Cálcio (20 ml/dia, VO, 60 aplicações). Como medidas auxiliares, a bezerra foi isolada do rebanho e teve seus movimentos restringidos em um piquete pequeno com disponibilização de água, sal mineral e ração *ad libitum*, além de climatização adequada. No decorrer do período de imobilização foi realizado o acompanhamento radiográfico do membro acometido, para avaliar o processo de mineralização. Ao analisar essas avaliações seriadas, percebeu-se que não estava ocorrendo a coaptação adequada, mas em virtude do peso do animal e da gravidade da lesão optou-se por não mexer na imobilização. Decorrido o período prescrito, retirou-se a imobilização e realizou-se novo exame radiográfico onde percebeu-se que havia a formação de um calo ósseo. O animal continuou a claudicar, mas adaptou-se ao meio e voltou às atividades normais juntamente ao rebanho. Conclui-se que apesar de a imobilização ser praticada com pouca frequência na clínica de ruminantes, a sua realização mostrou-se uma alternativa válida para o tratamento de fraturas Salter-Harris tipo I em detrimento da eutanásia.

Palavras-chave: Avulsão; Imobilização; Ruminante.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA. Contato: ruanatorquato@gmail.com.

² Médico Veterinário autônomo.

HABRONEMOSE CUTÂNEA EM EQUINO: RELATO DE CASO

MELO FILHO, J. O.¹
BATISTA, V. H. T.¹
LUZ, N. R. N.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
PEREIRA, E. T.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, H. I. T.¹

O ciclo evolutivo do Habronema é indireto, usando como vetor a mosca doméstica (*Musca domestica*) e a mosca dos estábulos (*Stomoxys calcitrans*). Normalmente, estas larvas são ingeridas pelos equinos, mas algumas vezes elas são depositadas próximas aos olhos ou em feridas na pele causando habronemose cutânea, caracterizando-se pela intensa proliferação de um tecido granulomatoso que não cicatriza. As lesões aparecem em locais comuns de traumatismos, como o rosto, próximo a região medial dos olhos, linha média do abdômen, patas, anca, pescoço e, nos machos, em torno do pênis e prepúcio. Inicialmente são visualizadas como pequenas pápulas com centro erodido. O desenvolvimento é rápido e podem atingir 30 cm de diâmetro em poucos meses. Um dos primeiros sinais clínicos é o prurido intenso, que pode levar ao auto traumatismo. Em seguida tem-se um granuloma castanho avermelhado não cicatrizante. Mais tarde a lesão pode se tornar fibrosa e inativa. O trabalho tem como objetivo relatar um caso de habronemose cutânea em equino. Foi atendida no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) uma égua, da raça Quarto de Milha, com 4 anos de idade. Na anamnese, o proprietário relatou que o animal apresentava lesões ulceradas na região do olho, e após 15 dias, surgimento de lesões na região do boleto esquerdo e do tórax. Ao exame clínico foi constatada presença de larvas de habronema nas lesões. Desta forma foi instituído o tratamento com pasta vermífuga do grupo das lactonas macrocíclicas por via oral, *s.i.d.*, sendo repetido o tratamento após 7 dias da primeira aplicação; Ivermectina 8ml, via intramuscular, *s.i.d.*, novamente com realização após 7 dias, e dexametasona, na dose de 0,1mg/kg, via intravenosa, *s.i.d.*, durante 3 dias. Além disso, foi realizada lavagem do ducto nasolacrimal com uso de sonda uretral número 4 (quatro) e solução de NaCl 0,9%. Foi feita bandagem com intuito de diminuir o nível de contaminação das lesões e ajudar na evolução da cicatrização. Na primeira bandagem foi colocado sulfato de cobre para cauterização química, esta, permanecendo por 72 horas. Após esse período foi realizada limpeza diária da ferida e troca de bandagem. O animal apresentou melhora significativa e recebeu alta para continuar o tratamento em casa. Entretanto, retornou ao hospital, pois estava mordendo o local das lesões. Ao retornar foi realizado o mesmo tratamento de troca de bandagem e limpeza diária com solução degermante contendo 1% de iodo ativo, spray prata nas lesões que não era possível fazer bandagem, vermífugo e pomada com pó Triclorfon (Metrifonato). Desta forma, após 15 dias de tratamento foi possível observar que houve regressão das lesões no boleto, tórax e da região do olho e, não havendo mais larvas da habronemose, o animal recebeu alta médica totalmente recuperado. A Habronemose é uma doença que acomete bastante a espécie, a prevenção é satisfatória, a presença de fezes é um atrativo para as moscas. Portanto, a correta higienização de baias e piquetes é essencial. Identificar os fatores causadores de lesões nos animais, e realizar o devido manejo ambiental, ajuda a minimizar a infestação de moscas.

Palavras-chave: Equinos; Lesões; Parasitose; Habronema.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: janilsom322@gmail.com.

INCLUSÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE MARMELEIRO NA RAÇÃO DE FRANGOS DE CORTE

SILVA, C. T.¹
SILVA, J. H.²
OLINTO, F. A.¹
ALBUQUERQUE, D. L.¹
OLIVEIRA, R. D.¹
MELO, A. H.¹
ALMEIDA, H. C.¹
ALMEIDA, W. F. S.¹

O uso indiscriminado de antibióticos na alimentação de aves representa um dos maiores entraves à produção de carne, tanto para a exportação, quanto para o mercado interno. Objetivou-se estudar o efeito do óleo essencial de marmeleiro em substituição ao promotor de crescimento e anticoccidiano sobre o desempenho de frangos de corte da linhagem *Cobb 500* no período de 1 a 42 dias de idade. Um total de 1.260 pintos de corte foi distribuído num delineamento inteiramente casualizado com seis tratamentos, cada um com seis repetições de trinta e cinco aves. Os tratamentos consistiram das seguintes dietas: T1=controle positivo (CP) + antimicrobianos, T2=controle negativo (CN) - antimicrobianos e os T3, T4, T5 e T6 foram o resultado da combinação da dieta CN com, respectivamente, os níveis de OEM de 0,007; 0,014; 0,028 e 0,056%. Na análise de EMA observou-se que houve efeito linear ($P < 0,05$) crescente dos níveis de óleo na fase de 1 a 7, e 22 a 35. Na fase de 36 a 42 não se observou efeito. Concluiu-se que os óleos essenciais podem ser utilizados como antimicrobiano, na dieta de frangos de corte proporcionando um melhor desempenho. Em todas as fases (1 a 7; 1 a 21; 1 a 42 dias de idade as aves que receberam ração com óleo essencial de marmeleiro reduziram o consumo de ração e o ganho de peso de 1 a 7 e de 1 a 21 dias de idade, 1 a 42 dias de idade, a dieta controle positivo apresentou maiores médias no ganho de peso. Na análise de conversão alimentar as aves alimentadas com OEM apresentaram uma melhora em comparação aos tratamentos testados na fase de em todas as fases. O nível ótimo de inclusão 0,030% do OEM na ração de frangos de corte.

Palavras-chave: Antimicrobiano; Frango; Produção; Saúde.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: cidineitrajano@yahoo.com.br.

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA E LAMINITE ASSOCIADA À RABDOMIOLISE EM EQUINO ATLETA: RELATO DE CASO

ROCHA, M. V.¹
LEITE, N. M.¹
SOUSA, M. R. F.²
UCHÔA, F. J. G.³
SILVA, K. E. A.⁴
ARAÚJO, T. F.¹
OLIVEIRA, N. N. B.¹
VAGO, P. B.¹

A rabdomiólise é uma síndrome que se caracteriza por um processo de degeneração muscular de etiologia multifatorial e manifestações clínicas variáveis, decorrente da lise das células musculares esqueléticas e com liberação para a circulação sanguínea de constituintes intracelulares, como a mioglobina. Os episódios podem variar de subclínicos à grave, em que ocorre a necrose muscular maciça e insuficiência renal por mioglobinúria, com a urina apresentando coloração vermelha, achocolatada ou preta. No tocante ao diagnóstico, é detectado por meio do histórico e exame físico minucioso, aliados aos exames laboratoriais complementares. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso clínico de insuficiência renal aguda e laminite associada à rabdomiólise em equino atleta. Foi atendido no Hospital Veterinário Metropolitano (HVM) uma égua da raça Mangalarga Machador de 10 anos de idade, com 450Kg, que era destinada a competições de marcha. Na anamnese foi relatado que a paciente havia participado de uma competição com duração de três dias e, após a última passagem, apresentou sudorese, tremores, respiração ofegante, dor e não conseguia manter-se em estação. Ao chegar no HVM, a égua apresentou relutância para se locomover e, logo após entrar na baia, deitou-se e permaneceu em decúbito lateral. No exame clínico foi observado taquicardia com arritmia (104 bpm), taquipneia (48 mrm), mucosas hipercoradas e ressecadas, tempo de preenchimento capilar de 3 segundos, tremores musculares e urina com coloração acastanhada. Em virtude do histórico e sinais clínicos suspeitou-se de rabdomiólise. Para confirmação foi realizada colheita de sangue para realização dos exames hematológicos. Foi instituída fluidoterapia com soro Ringer com lactato acrescido de lidocaína a 1% com o propósito de reduzir a arritmia, oxigenoterapia buscando manter a saturação de O₂ acima de 90% e utilização dos fármacos: morfina (0,2 mg/kg, IV, QID durante 3 dias), flunixin meglumine (1,1mg/kg, IV, SID, durante cinco dias) e dipirona sódica (0,1 mg/kg, IV, BID, durante cinco dias). Os resultados dos exames revelaram leucopenia (4.800/mm³) com monocitose (1344/mm³), uremia (95,44 mg/dL) e aumento significativo nos valores de creatinina sérica (5,3mg/dL), aspartato aminotransferase (1545U/L), alanina aminotransferase (99,5U/L) e creatinofosfoquinase (6.555U/L), confirmando a suspeita clínica de rabdomiólise e indicando quadro de insuficiência renal aguda. No segundo dia de internamento, seguiu-se com a terapia acrescida de vitamina C (0,04mg/kg, IV, SID, durante 5 dias), porém, o animal apresentou um agravamento significativo do caso, culminando no quadro de laminite severa com exungulação dos cascos dos membros torácicos. Diante da piora do quadro clínico e prezando pelo bem-estar do animal, o proprietário autorizou a realização da eutanásia. Conclui-se que a rabdomiólise ocorre em animais submetidos a excesso de exercício físico em relação ao nível de condicionamento e desequilíbrio nutricional. Ademais, pode desencadear patologias secundárias como a insuficiência renal aguda e laminite.

Palavras-chave: Equinos; Miopatia; Nefropatia; Rabdomiólise.

¹ Faculdade Terra Nordeste – FATENE. Contato: mylanoufc@gmail.com.

² Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

³ Hospital Veterinário Metropolitano – HVM.

⁴ Universidade Estadual do Ceará – UECE.

INTOXICAÇÃO POR FLUAZURON E FIPRONIL EM NEONATO BOVINO:

RELATO DE CASO

PAIVA, R. R. L. T.¹
CESÁRIO, B. C.¹
FÉLIX, N. S.¹
SILVA, J. N. D.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
SILVA, M. M.¹
LIMA, I. M. L.¹
FIRMINO, P. R.²

O carrapato *Boophilus microplus* é um ectoparasito responsável por consideráveis prejuízos à bovinocultura. O controle deste ectoparasita está fundamentado na utilização dos carrapaticidas, sendo estes os principais responsáveis pelas intoxicações em animais de produção no Brasil. Esses toxicantes apresentam propriedades que podem levar os animais a desenvolverem sinais clínicos, podendo evoluir para o óbito. Além disso, existem vários fatores de risco, destacando-se a aplicação *pour on*. O fluzuron e o fipronil são produtos usados como antiparasitários para bovinos, que agem quebrando o ciclo de evolução do carrapato, uma vez que o fipronil atua na inibição seletiva dos receptores do ácido gama amino butírico (GABA), associado a canais de cloreto; e o fluzuron interfere no desenvolvimento normal do carrapato, por se tratar de um inibidor de crescimento. As intoxicações por compostos que contêm carrapaticidas, embora ofereçam elevados riscos a todos os mamíferos, têm sido pouco relatadas em animais de produção. Objetiva-se relatar um caso de intoxicação por carrapaticida à base de fluzuron e fipronil em neonato bovino, fêmea, raça Gir, 5 meses de idade, com peso aproximado de 60 kg. O animal foi atendido na propriedade localizada no município de Upanema, Rio Grande do Norte. Segundo a queixa principal, no final da tarde, a bezerra apresentou apatia, contrações abdominais e salivação excessiva, permanecendo em decúbito. O tratador suspeitou de envenenamento, pois neste dia, pela manhã, aplicou carrapaticida *pour on* no lote de animais vizinho ao piquete onde o neonato estava. Visto a gravidade do quadro, solicitou atendimento clínico na propriedade. Ao exame físico, observou-se que o animal apresentava desidratação (grau 5%), taquicardia, taquipneia, apatia e estava em decúbito. Na ausculta, percebeu-se espasmos intestinais acompanhados de contrações abdominais, tenesmo e prolapso retal. Frente ao histórico e a sintomatologia clínica, suspeitou-se de intoxicação por carrapaticida. O clínico informou-se quanto ao produto utilizado, verificando que o mesmo era constituído de fluzuron e fipronil, e estabeleceu o tratamento. O animal foi então submetido à terapia sistêmica à base de sulfato de atropina (0,1mg/kg, intravenoso - IV, *s.i.d.*), dexametasona (0,2mg/kg, IV, *s.i.d.*), dipirona (25mg/kg, IV, *s.i.d.*) e fluidoterapia com solução de NaCl 0,9% (5L, IV) enriquecida com 500ml de suplementação vitamínica. Como medidas auxiliares, a bezerra foi isolada do rebanho e teve seus movimentos restringidos em um piquete pequeno, ficando sob observação. Decorridas 2 horas da instituição do tratamento, o animal estava alerta e colocou-se em estação. Prosseguiu-se com os cuidados e, 12 horas após, o animal apresentou significativa melhora e voltou às atividades normais juntamente ao rebanho. Conclui-se que os carrapaticidas são largamente utilizados e indispensáveis na pecuária, no entanto, é imprescindível que sejam respeitadas as medidas de segurança do produto e o uso orientado por profissional, para evitar casos de intoxicação como o descrito. Também, são necessários mais relatos sobre o assunto, objetivando auxiliar, informativamente, o buiatra no diagnóstico.

Palavras-chave: Bezerra; Carrapaticida; Envenenamento; Ruminante.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: ruanatorquato@gmail.com.

² Médico Veterinário autônomo.

INTOXICAÇÃO POR *Ipomoea asarifolia* EM OVINO: RELATO DE CASO

ALMEIDA, C. M. U.¹
CESÁRIO, B. C.¹
GUIMARÃES, A. L. C. G.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
FERREIRA, H. I. P.¹

A intoxicação por *Ipomoea asarifolia* é mais frequente em ovinos do que em outras espécies, afetando principalmente jovens e lactentes. Em bovinos, os sinais clínicos manifestam-se entre 2 e 4 dias após ingestão da planta, enquanto nos ovinos e caprinos aparecem decorridas algumas semanas da ingestão. O princípio ativo ainda é desconhecido, entretanto está associado a uma síndrome tremorgênica, com aparecimento de sinais clínicos neurológicos que posteriormente generalizam-se. Além disso, estudos descrevem o aparecimento de sinais clínicos em bezerros e cordeiros lactentes, que permaneciam confinados enquanto suas mães saíam para pastear em áreas onde existia a planta, sugerindo-se que o princípio ativo da *I. asarifolia* seja eliminado pelo leite. Com isso, objetiva-se relatar um caso de intoxicação em ovino causada pela ingestão de *Ipomoea asarifolia*. Foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) um ovino, SRD, fêmea, com 18 dias de idade. Na anamnese o proprietário relatou que o animal estava há 2 dias deitado no cercado sem conseguir se levantar, com tremores nos membros e pescoço, e com dificuldade em se alimentar. Foi administrado, ainda na propriedade, anti-inflamatório, fluidoterapia e oferecido alimento em pequenas quantidades para tentar reestabelecer o animal. Ao exame clínico observou-se apatia, dificuldade de locomoção, tremores generalizados, nistagmo e opistótono. Coletaram-se amostras de sangue para a realização de hemograma e bioquímica sérica, onde não foram verificadas alterações hematológicas, mas visualizou-se hipoproteinemia (proteínas totais 5 g/dL - ref. 6-7,5 g/dL) e aumento da GGT (87,4 U/L – ref. 20-52 U/L). Dessa forma, a anamnese associada ao histórico em que a mãe saía para pastear em áreas onde existia a planta, permitiu o diagnóstico de intoxicação por *Ipomoea asarifolia*. O tratamento instituído foi administração de fluidoterapia (1 L de Ringer, com suplementação de 10 ml de glicose e 100 ml de polivitamínico bioxan, intravenoso - IV), flunixin meglumine (1,1 mg/kg, IV, *S.I.D.*, 3 aplicações), dexametasona (0,2mg/kg, IV, *S.I.D.*, 3 aplicações) e monovim B1 (1 ml/kg, intramuscular - IM, *S.I.D.*, 3 aplicações). Decorridos 3 dias de tratamento foi possível perceber recuperação do animal visto a remissão dos sinais clínicos, na qual prosseguiu-se com a alta hospitalar. Conclui-se que o paciente recuperou-se adequadamente, visto que nos casos de intoxicação é de suma importância o atendimento precoce, antes do estabelecimento de alterações sistêmicas que possam complicar o tratamento e a recuperação do animal.

Palavras-chave: Intoxicação; *Ipomoea asarifolia*; Ovinocultura.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: cibelle.uchoa@hotmail.com.

MASTITE EM ÉGUA CAUSADA POR *Klebsiella* sp.: RELATO DE CASO

RIBEIRO, Y. S. R.¹
SANTOS, W. L. A.¹
OLIVEIRA, F. E. S.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
FERREIRA, H. I. P.¹
ALVES, N. D.¹
FEIJÓ, F. M. C.¹

A mastite se trata de uma inflamação da glândula mamária que acomete principalmente os bovinos, sendo caracterizada por causar grandes perdas econômicas e redução da produção. A etiologia dessa doença é multifatorial, sendo os principais agentes *Streptococcus* sp., *Staphylococcus aureus*, e *E. coli* (Zimmermann, 2017). O trabalho objetiva relatar a identificação do microrganismo responsável por um caso de mastite em uma égua adulta proveniente do Hospital Veterinário Jerônimo Dix – Huit Rosado Maia (HOVET) através de provas bioquímicas, e a sensibilidade do mesmo para antimicrobianos. Em janeiro de 2020 foi dada entrada no HOVET uma égua da raça Quarto de Milha, com seis anos de idade e apresentando sintomatologia característica de mastite. A amostra foi coletada em tubo estéril, semeada em caldo BHI e Ágar MacConkey e armazenada em estufa bacteriológica a 37 °C durante 24 horas. Após o crescimento os microrganismos foram caracterizados por morfologia, coloração de Gram, e fisiologia através de provas bioquímicas como Catalase, prova OF, Uréia, Citrato, Indol, H₂S, Lisina e Motilidade. Puderam-se observar nos resultados: bacilos Gram negativos, bactéria fermentadora, motilidade negativa, Indol negativo, H₂S positivo, uréia positiva e lisina positiva. Já na macroscopia as colônias eram mucoides, brilhantes, com bordas regulares e coloração rosa no MacConkey. A partir disso determinou-se que se tratava de uma *Klebsiella* sp. Para o antibiograma foram utilizados os seguintes fármacos: amicacina, cefepime, tetraciclina, ceftriaxona, amoxicilina + ácido clavulânico, sulfametoxazol+trimetropim, ciprofloxacina, cefalotina, gentamicina, ampicilina, clorafenicol, aztreonam, piperacilina+tazobactam, ceftazidima e ceftazidima. A bactéria apresentou sensibilidade apenas para amicacina. **Conclusão:** Desta forma deve-se alertar os médicos veterinários sobre a possibilidade de microrganismos multirresistentes atuando na mastite em éguas. Além disso, mostra a importância da utilização das provas bioquímicas e do antibiograma para um diagnóstico mais preciso e para um tratamento mais eficaz da patologia.

Palavras-chave: Antibiograma; Antimicrobianos; Microrganismos.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: yara.stephanne15@gmail.com.

MELANOMA MALIGNO EM EQUINO MESTIÇO PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO, ALAGOAS: RELATO DE CASO

MENEZES, L. E. S. N.¹
CARVALHO JÚNIOR, J. S. G.¹
CARVALHO, K. S.¹
BARBOSA, E. F. G.¹
BEZERRA, R. M. A. M.¹
BARBOSA, F. P. S.¹
PIMENTEL, M. M. L.¹
CRUZ, R. K. S.¹

Melanoma é uma neoplasia benigna ou maligna que resultam em alterações nos melanócitos, comumente observado em equinos. Essas neoplasias representam 5-14% das lesões cutâneas de equinos. No entanto, uma teoria inicial afirma que neoplasia de origem melanocítica em equino sugere que tumores melanocíticos dermais e viscerais são manifestações de uma doença do armazenamento em lugar de neoplasia maligna e ocorre como resultado do acúmulo de melanina nos melanófagos durante o processo de despigmentação. No entanto, melanócitos são células dendríticas que estão presentes na epiderme e que sintetizam a melanina. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de melanoma maligno em equino mestiço com histórico de apatia e perda de peso progressivo. Foi atendido no setor da Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais da Clínica Escola de Medicina veterinária do Centro Universitário Cesmact, em Marechal Deodoro-AL, um equino, macho, sem raça definida, de pelagem cremela, com 8 anos de idade, apresentando uma massa tumoral ulcerada, com cerca de 7 centímetros de diâmetro, na porção rostral do antímero esquerdo da cabeça. Foi realizada punção aspirativa por agulha fina (PAAF) e coleta de sangue para hemograma e provas de função renal. Realizou-se ainda a biópsia desses fragmentos, conservação em formol a 10% e em seguida o encaminhamento para o setor de histopatologia. Na citologia do material obtido por PAAF, foi observada grande quantidade de células redondas ou levemente alongadas, de diferentes tamanhos e com variável quantidade de grânulos verde-escuros no citoplasma (melanina). Na descrição do histopatológico observou-se intensa proliferação de células neoplásicas com acentuado pleomorfismo, obtendo o diagnóstico morfológico de melanoma maligno, ou mais precisamente, nevo melanocítico, por ter ocorrido em um equino jovem sob a forma. Conclui-se que o melanoma maligno é uma neoplasia que possui grande importância, pois é uma neoplasia agressiva e seu protocolo de tratamento não é totalmente eficaz, em casos de alto grau de malignidade, associando-se ao fato do seu caráter invasivo. Após a confirmação do diagnóstico, o proprietário foi então esclarecido sobre a importância do tumor e optou por manter o animal na propriedade, mesmo sabendo da baixa porcentagem de sobrevivência do mesmo.

Palavras-chave: Equino; Maligno; Melanoma; Tumor.

¹ Centro Universitário CESMAC. Contato: luiznm99@yahoo.com.br.

OBSTRUÇÃO INTESTINAL POR FITOBEZOAR EM OVINO: RELATO DE CASO

PAIVA, R. R. L. T.¹
CESÁRIO, B. C.¹
ALMEIDA, C. M. U.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
LIMA, J. M. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
FERREIRA, H. I. P.¹

Estudos para elucidação de patologias intestinais obstrutivas são escassos em ruminantes e raramente descritos para a espécie ovina, o que dificulta na prática, um diagnóstico precoce e um tratamento eficaz. Sabe-se que a etiologia da obstrução intestinal pode ser diversa, incluindo intussuscepção, vólculo, neoplasia e o fitobezoar. A oclusão do lúmen por fitobezoários aparentemente ocorre por alimentação rica em lignina, mastigação insuficiente ou por motilidade inadequada. Independente da causa, a enfermidade cursa com coproestase, timpanismo, refluxo gastrintestinal, desidratação, alcalose metabólica e óbito. Há vários métodos de diagnósticos e o tratamento, a depender do caso, pode ser conservador ou cirúrgico. Objetiva-se relatar um caso de obstrução intestinal por fitobezoar em um ovino, fêmea, SRD, dois anos de idade. O animal foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Mossoró. Na anamnese o proprietário relatou que o animal em questão estava triste, isolado do rebanho e comendo pouco há quatro dias. Ao exame clínico observou-se apatia, anorexia, baixo escore corporal e desidratação (grau >5%). Foram coletadas amostras de sangue e fluido ruminal para exames complementares. Verificou-se leucocitose (18.200 mm³ - ref. 4-12 mil mm³) por neutrofilia (14.924 mm³ - ref.400-6000 mm³), hipoglicemia (47 mg/dL - ref. 50-80 mg/dL), fluido ruminal alcalino (pH 8 - ref. 6.8-7.2), aquoso, com coloração verde-amarronzado, odor pútrido e com a microbiota comprometida (pouco protozoários, sedimentação e flutuação ausente). Como não foi possível fechar o diagnóstico, adotou-se o tratamento de suporte para estabilização do quadro do animal com flunixin meglumine (2,2 mg/kg, intravenoso – IV, S.I.D), oxitetraciclina (20 mg/kg, intramuscular - IM, S.I.D) e fluidoterapia enteral e endovenosa, ambas enriquecidas com complexo vitamínico e precursores de glicose. Contudo, apesar do tratamento instituído, o animal passou a ficar mais apático e evoluiu para decúbito permanente. Notou-se também que o abdômen estava cada vez mais abaulado. Posteriormente, o ovino, começou a apresentar grande quantidade de refluxo e veio a óbito antes que se pudesse intervir. Com isso, seu corpo foi prontamente encaminhado ao setor de necropsia da UFERSA e submetido ao exame *post mortem*. Na avaliação geral da cavidade abdominal, observou-se distensão rumenal por líquido, dilatação gasosa de alças intestinais, até um ponto onde foram identificadas, através de incisão na alça intestinal, várias estruturas esféricas que obstruíam a porção inicial do duodeno e foram identificadas como fitobezoários. No intestino grosso, em sua porção mais distal, havia bastante muco livre e poucas fezes. Fechou-se, portanto, o diagnóstico de obstrução intestinal por fitobezoários. Conclui-se que embora a obstrução intestinal seja de baixa ocorrência na clínica de ruminantes, face ao exposto, deve-se considerar a necessidade de maiores estudos experimentais e relatos que possam auxiliar o buiatra no pronto diagnóstico e tratamento da enfermidade, com o fim de evitar o óbito do animal e a perda econômica para o produtor.

Palavras-chave: Enteropatia; Fitoconcreções; Ovino; Ruminantes.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: ruanatorquato@gmail.com.

OSTEOMIELITE EM EQUINO: RELATO DE CASO

GUIMARÃES, A. L. C. G.¹
MAIA NETO, A. A.¹
ALMEIDA, C. M. U.¹
SILVA, B. A da¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
LIMA, J. M. S.¹
FERREIRA, H. I. P.¹

Osteomielite é infecção aguda ou crônica do osso, que se inicia com uma fase aguda, comumente evoluindo para fase crônica. É caracterizada por provocar claudicação, acúmulo doloroso de pus, necrose da parede óssea suprajacente e, em alguns casos, por formar fístula para promover drenagem da secreção. As osteomielites são classificadas em: aguda, crônica, hematogênica, pós-traumática e abscesso ósseo ou abscesso de Brodie. Caso sejam diagnosticadas previamente e tratadas corretamente o prognóstico é considerado favorável. O presente trabalho busca relatar um caso de osteomielite em um equino. Foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET, na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), um equino do sexo masculino, raça Quarto de Milha, 4 anos de idade, utilizado na prática esportiva de vaquejada. A alimentação era constituída por ração peletizada três vezes ao dia e feno a vontade. Na anamnese o proprietário relatou que o animal havia levado uma pancada há cerca de 5 meses no membro torácico esquerdo (MTE), apresentando aumento de volume no mesmo há aproximadamente um mês. Durante o exame físico geral o animal apresentou frequência cardíaca de 52 batimentos por minuto, mucosas normocoradas, frequência respiratória de 16 movimentos por minuto e temperatura retal de 37,6°C. Apesar da reclamação do proprietário se concentrar no MTE, durante o exame físico do sistema locomotor, o membro torácico direito (MTD) apresentou lesão na região do metacarpo, sendo esta sensível a palpação, com ferimento sugestivo de processo infeccioso. Foram solicitados exames complementares para avaliação, onde por meio de ultrassonografia no MAE observou-se acúmulo de líquido em bainha tendínea com presença de fibrina, já no MAD, procurou-se observar se havia comprometimento do tendão extensor do carpo, e se este não seria atingido pelo procedimento cirúrgico ao qual o animal deveria ser encaminhado. Após os procedimentos necessários o mesmo foi destinado ao centro cirúrgico para uma curetagem do MTD. O animal recebeu antibioticoterapia a base de Penicilina (40.000 UI – 21ml – a cada 48hrs por 7 dias), e perfusão regional com Amicacina (1g – por 30 minutos durante 10 dias), utilizou-se também antiinflamatórios como, Dexametasona (0,2 mg/kg – 11,3 ml – a cada 24hrs durante 3 dias) e Fenilbutazona (4,4 mg/kg – 10ml – a cada 24hrs durante 7 dias). O indivíduo foi acompanhado durante três meses, associando a medicação com o tratamento da ferida diariamente utilizando-se clorexidine e soro fisiológico a 0,9%, onde pode-se observar boa evolução e cicatrização. Conclui-se que a osteomielite é de fácil diagnóstico, porém como demonstrado é de evolução silenciosa, o que pode dificultar o seu tratamento, comprometendo assim o paciente e sua atuação no esporte. O animal em questão obteve total recuperação, não apresentando nenhuma complicação durante o tempo que esteve em tratamento.

Palavras-chave: Ferida; Infecção; Osso.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: luizacordeiro73@gmail.com.

PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM EQUINOS DA RAÇA QUARTO DE MILHA ANTES E APÓS AS ATIVIDADES EQUESTRES DE VAQUEJADA

PIMENTEL, S. M. B.¹
MENEZES, L. E. S. N.¹
OLIVEIRA, G. A.¹
PIMENTEL, M. M. L.¹
CRUZ, R. K. S.¹

A equideocultura exerce importante papel como fonte geradora de renda e empregos. O complexo do agronegócio equino no Brasil movimentava cerca de R\$ 16,1 bilhões, gerando 610 mil empregos diretos e 2.430 empregos indiretos. Dentre as inúmeras utilizações do cavalo, uma das mais populares e difundidas na região Nordeste é a vaquejada. Nessas provas, os animais são extremamente exigidos através de intenso esforço físico, sendo esse de curta duração, largando rapidamente, mudando de direção e parando abruptamente, empregando também elevada força física durante a derrubada do boi. O objetivo do presente estudo é descrever os parâmetros eletrocardiográficos nas derivações plano frontal e base ápice, de 23 equinos da raça Quarto de Milha. A pesquisa foi realizada em treinos oficiais de vaquejada, realizados no Estado de Alagoas, nas cidades de Marechal Deodoro, Pilar e Piaçabuçu. Foram utilizados 23 animais da raça Quarto de Milha, dentre machos e fêmeas, com idade superior a 3 anos, pesando em média 413 kg, clinicamente hígidos. Em relação a derivação plano frontal, foram observadas alterações significativas dentre os momentos de análise para as variáveis P(mV), PR (ms), QRS (ms), R(mV), T-(mV), T+(mV) e FC (bpm). E na derivação base ápice, as variáveis P(ms), P(mV), PR (ms), QRS (ms), R(mV), T-(mV), T+(mV) T+(mV) e FC apresentaram-se diferentes significativamente dentre os momentos, sendo o exercício responsável por promover tais alterações nesses complexos. A aplicação de duas derivações eletrocardiográficas objetivou a visibilização do melhor padrão de transmissão de ondas elétricas. Notou-se ainda a presença de 82,6% (19/23) de ritmo sinusal e 17,4% (4/23) de taquicardia sinusal antes da vaquejada, e 95,6% (22/23) de taquicardia sinusal e 4,4% (1/23) de ritmo sinusal após as atividades equestres, sendo o ritmo sinusal considerado como fisiológico para cavalos em repouso. O estresse dos animais deve ser considerado, pois eles podem assustar-se com a colocação dos eletrodos e haver demora para o retorno aos valores normais. Essa pode ser considerada a provável causa de taquicardia sinusal nos equinos do presente estudo. O escore cardíaco foi de 116,1±15,79ms no M0 e 99,69±28,3ms no M1, escore inferior a 100ms indicam más condições físicas, podendo esses animais sofrerem alguma lesão devido à fadiga causada pelo esforço. Conclui-se que os parâmetros eletrocardiográficos de equinos de vaquejada divergem em alguns aspectos em relação a duração, amplitude e morfologia, quando comparados a outras raças de equinos e outras atividades esportivas, e estes achados, justificam a obtenção de valores específicos para uma mesma raça e atividade desenvolvida.

Palavras-chave: Equino; Eletrocardiograma; Vaquejada.

¹ Centro Universitário CESMAC. Contato: sandrampimentel@outlook.com.

PLACENTITE EM ÉGUA QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO

VASCONCELOS, J. G.¹
FONSECA, A. G.²
SANTOS, K. M. M.²
LEITÃO, A. L.²
GUIMARÃES, J. S.²
SOARES, R. F.³

A placentite é uma inflamação da placenta, geralmente causada por um agente infeccioso e é uma das principais causas de perda reprodutiva na indústria de criação de equídeos. Objetivou-se relatar um caso de placentite em uma égua tordilha da raça quarto de milha, com 7 anos de idade, pesando 450 Kg, que deu entrada no dia 20 de julho de 2019 numa Central de Reprodução no município de Tatuí/SP. Na anamnese, proprietário relatou que o animal estava gestante (280 dias) e com desenvolvimento precoce da glândula mamária. Exame físico, mucosas normocoradas, normohidratado e linfonodos sem alterações, com apatia e temperatura de 38°C, desenvolvimento prematuro do úbere com lactação precoce. Foram solicitados exames complementares: Ultrassonografia Transretal da porção caudal do alantocóron e avaliação da viabilidade fetal. No ultrasson foi diagnosticado alteração na espessura na junção útero placentária (JUP), que se apresentava com 10 mm, enquanto os valores de referência para esta fase gestacional são de <8 mm. Foi observado a separação parcial do alantocóron do endométrio. O ritmo cardíaco do feto foi avaliado (80 bpm), juntamente com o tamanho e o movimento do feto e a clareza dos fluidos fetais, que se apresentavam dentro dos parâmetros normais. Baseando-se nos achados ultrassonográficos e nos sinais clínicos o diagnóstico foi placentite ascendente. Apesar do diagnóstico definitivo só ser realizado com a observação da placenta após o nascimento do potro, iniciou o tratamento buscando viabilizar a gestação. Foi instituída antibioticoterapia com Trimetoprim sulfam (30 mg/kg, IM, BID) durante 14 dias. Além disso, foi utilizado o anti-inflamatório flunixin meglumine (1mg/kg, IV, BID) durante 7 dias, e o Altrenogest, um análogo da progesterona, na dose de 0,088mg IM, SID uma vez por semana, totalizando duas aplicações nas duas semanas de tratamento. Após o tratamento, foi realizada uma ultrassonografia transretal onde foi observada a ausência de secreção entre a placenta e o endométrio, além disso a espessura da JUP diminuiu para 7 mm. O animal recebeu alta com um bom prognóstico. Conclui-se que devido à grande importância da placentite como causa de abortamento e parto prematuro em éguas, é essencial o conhecimento das diferentes formas de diagnóstico e tratamento desta enfermidade.

Palavras-chave: Aborto; Placentite; Ultrassonografia.

¹ Universidade Estadual do Ceará – UECE. Contato: julianagomes@aluno.uece.br.

² Faculdade Terra Nordeste – FATENE.

³ Universidade Estadual Paulista – UNESP.

POSTOPLASTIA EM BOVINO COM ACROPOSTITE-FIMOSE: RELATO DE CASO

CESÁRIO, B. C.¹
MAIA NETO, A. A.¹
SILVA, M. M.¹
SILVA, F. H. A.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹

A acropostite-fimose, ou acrobustite, é caracterizada pela inflamação da extremidade do prepúcio, uma das afecções mais frequentes na genitália externa de bovinos machos. Inclui-se o termo fimose à nomenclatura cujos touros acometidos apresentam fibrose e estreitamento do óstio prepucial, impedindo-os de expor o pênis, resultando em prejuízos para a reprodução animal. Existe predileção da enfermidade em touros com o prepúcio pendular, músculos prepuciais deficientes e orifício prepucial largo, características presentes nas raças zebuínas. O exame clínico específico, baseado na inspeção e palpação, é essencial para o diagnóstico. Esta afecção pode ser tratada conservativa ou cirurgicamente, a depender do grau e amplitude das lesões. Dentre as técnicas cirúrgicas para tratamento, a postoplastia com exérese da região lesionada é a mais recomendada, devido taxa de 90% de sucesso. Objetiva-se relatar caso cirúrgico de acropostite-fimose em bovino, macho, com cerca de 600 kg, 3 anos, gir. O animal foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), em Mossoró-RN, com histórico de há 2 meses apresentar aumento de volume na extremidade prepucial. Ao exame clínico geral, o animal possuía todos os parâmetros fisiológicos dentro da normalidade. Com o exame do aparelho gênito-urinário, verificou-se presença de feridas, edema e áreas com necrose e estreitamento do óstio prepucial. Portanto, foi diagnosticada acropostite-fimose. O paciente foi encaminhado para postoplastia pela técnica de Wilwerth (1944) com rafia de folheto prepucial em “V” ventro-caudal. O protocolo anestésico baseou-se em: medicação pré-anestésica com xilazina ($0,15\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$), via intramuscular (IM), aplicada com uso de uma zarabatana; indução anestésica feita com cetamina ($2\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$) associada a midazolam ($0,1\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$), via intravenosa (IV); manutenção anestésica e analgesia com éter gliceril guaiacol (EGG), na dose de $2\text{mL}\cdot\text{kg}^{-1}\cdot\text{h}^{-1}$, IV. Além disso, fez-se bloqueios dos nervos torácicos laterais com lidocaína a 2% ($9\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$) com vasoconstrictor. Foi aplicada xilazina (volume de 1,5mL) e NaCl (volume de 5mL) via peridural. No pré-cirúrgico aplicou-se flunixin meglumine ($1\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$), dexametasona ($0,1\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$) e dobutamina ($600\text{mL}^{-1}\cdot\text{h}^{-1}$), via IV. Após antisepsia e garroteamento prepucial, realizou-se cirurgia com o bovino em decúbito lateral. Iniciou-se o procedimento com incisão perimetral da área lesionada, e posterior divulsão até a lâmina interna prepucial. Manteve-se a parte íntegra da lâmina e retirou-se a porção lesionada. Para drenagem e aposição de bordas cirúrgicas, fez-se incisão (extensão de 2cm) próximo-distal, caudal à lâmina interna prepucial. A síntese prepúcio-pele foi realizada com fio PGA-910, padrão simples separado. No pós-cirúrgico imediato foi feita crioterapia local por 40 minutos e uso de *spray* repelente. Realizou-se orquiectomias. Houve resolução da afecção com cicatrizações por primeira intenção, sem intercorrências. Conclui-se que tendo em vista o valor sentimental do touro relatado, bem como seu bem-estar, foi adotada a conduta cirúrgica referida, como tratamento, devido suas maiores chances de sucesso pós-operatório.

Palavras-chave: Acrobustite; Bovino; Genitália; Prepúcio.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: brunacastroce@outlook.com.

PRESENÇA DE *Serratia marcescens* EM SECREÇÃO NASAL DE EQUINO

MESTIÇO: RELATO DE CASO

SANTOS, A. B. L.¹
ANDRADE, E. L. P.¹
COSTA, L. T. F. Q.¹
CARVALHO JÚNIOR, J. S. G.¹
MATOS, R. A. T.¹
SANTOS, C. R.¹
PIMENTEL, M. M. L.¹
CRUZ, R. K. S.¹

Serratia marcescens é definido como um bacilo gram-negativo para oxidase-negativo produzindo DNAase. O potencial de *Serratia marcescens* para utilizar uma ampla gama de nutrientes é expressa claramente por sua capacidade de sobreviver e crescer sob condições extremas, inclusive em desinfetante, anti-sépticos e água com duplo destilado. Um número inicial alto de bactérias pode levar a uma melhor sobrevivência após o crescimento complexo e utilização de oxigênio pela respiração, eliminando o efeito tóxico dos radicais de oxigênio. Nos últimos 30 anos, *Serratia marcescens* se tornou uma importante causa de infecção. A identificação precisa é importante na definição de surtos. Portanto, após o relato de infecções, é necessário investigar a origem do patógeno e manter vigilância, por meio de tipagem, para o efetivo controle e/ou erradicação dos casos. Objetiva-se relatar um caso de *Serratia marcescens* em secreção nasal de equino mestiço. Foi atendido no setor da Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais da Clínica Escola de Medicina veterinária do Centro Universitário Cesmac, em Marechal Deodoro, Alagoas, um equino, macho, nove anos. O animal apresentava-se bastante cansado, ofegante, caminhando com dificuldade (andar enrijecido), claudicação grau IV, dispneia, presença de crepitação grossa bilateral e secreção nasal purulenta bilateral, além de espirros e retorno nasal constantes de água e alimento. O proprietário relatou que essa sintomatologia teve início após o animal ser submetido a um exercício intenso, seguido de ingestão de água de uma piscina com cloro. Ao exame clínico observou-se mucosas hipercoradas, linfonodos submandibulares aumentados, frequência cardíaca 68 batimentos por minuto (ref. 28-40bpm), frequência respiratória de 60 movimentos por minuto (ref. 8-16mpm), temperatura retal de 38,6°C (ref. 37,5-38,5°C), tempo de preenchimento capilar de 3seg (ref. ≤ 2seg.) e ausculta do trato gastrointestinal normal. Foram realizados exames complementares como swab nasal, hemograma e bioquímica sérica, onde no swab foi observado presença da bactéria *Serratia marcescens*, respectivamente, o hemograma e bioquímica sérica confirmaram a suspeita clínica de rabdomiólise. Foi instituído o tratamento com Ceftiofur (4mg/kg/Intramuscular - IM, SID, durante 10 dias), Clenbuterol (11ml, via oral - VO, SID, por 10 dias) e óleo canforado (Intramuscular - IM, SID, durante 10 dias). Ao decorrer do tratamento o animal apresentou evolução muscular e locomoção, conseqüentemente obteve melhora com relação ao retorno e secreção nasal, com os aspectos fisiológicos dentro dos parâmetros normais. Conclui-se que apesar da bactéria *Serratia marcescens* apresentar alta patogenicidade no trato respiratório, digestivo, urinário e possuir resistência a vários tipos de antibióticos, o tratamento instituído foi eficaz para a erradicação da mesma e a integridade física do paciente foi restabelecida em 10 dias de tratamento.

Palavras-chave: Antibiótico; Bactéria; Infecção; Secreção; Swab.

¹ Centro Universtário CESMAC. Contato: @alinnebia83@gmail.com.

QUALIDADE FÍSICO-QUÍMICA DO LEITE NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB

SILVA, C. T.¹
MELO, A. H.¹
OLINTO, F. A.¹
ALBUQUERQUE, D. L.¹
OLIVEIRA, R. D.¹
FERREIRA, P. V.¹
NÓBREGA, I. F.¹
ALMEIDA, W. F. S.¹

A crescente demanda por produtos lácteos de alta qualidade vem levando a uma tendência progressiva de adaptação, por parte da indústria leiteira, às exigências ditadas pelo mercado consumidor. Dessa forma, em alguns estados do Brasil, já existe o processo de valorização para produtores que fornecem leite aos laticínios com teores mais elevados de gordura e proteína. O objetivo desse trabalho foi determinar as características físico-químicas do leite cru, de vacas em lactação no momento da ordenha manual com bezerro ao pé em propriedades da região de Sousa- PB. Foram coletadas 87 amostras individuais de vacas provenientes de seis propriedades rurais e encaminhadas ao laboratório para as análises de determinação dos teores de gordura, Sólidos Não Gordurosos (SNG), proteína, lactose, Sólidos Totais, ureia e caseína. Observou-se que a gordura apresentou variação, ficando com teores acima do mínimo (3g/100g) em 74,71% das amostras, já a proteína não teve grande variação, ficando com 71,36% das amostras sendo que o padrão estabelece valor acima de 2,9%. A lactose e a caseína tiveram seus teores médios de 4,29% e 2,45%, respectivamente, não apresentando variações significativas. Os dados referentes ao teor de ureia no leite, tiveram uma média de 16,12% referente as amostras avaliadas, Vale lembrar, que o estudo foi feito no início do período chuvoso, pastagem rica em proteína e a suplementação alimentar feita pelos proprietários a base de concentrado protéico. Já para SNG e sólidos totais, os valores observados estiveram acima dos padrões instituídos pela legislação vigente em, 56,32% e 71,26% das amostras respectivamente. Pode-se concluir que o leite produzido na região de Sousa, em sua maioria, obteve uma qualidade satisfatória perante a sua composição físico-química, tendo apenas algumas amostras fora da normalidade.

Palavras-chave: Composição; Gordura; Leite; Sertão.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: cidineitrajano@yahoo.com.br.

RECONSTRUÇÃO DA DELIMITAÇÃO RETO-VESTIBULAR EM ÉGUA COM LACERAÇÃO PERINEAL: RELATO DE CASO

SILVA, F. H. A.¹
CESÁRIO, B. C.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
CALADO, E. B.¹

Entre as injúrias comumente relacionadas ao parto da égua, encontram-se laceração perineal, fístula reto-vestibular, ruptura vaginal, laceração da cérvix, hemorragia uterina e prolapso uterino. Além disso, em quadros de distocia fetal ou feto grande para a idade gestacional, pode haver o aprisionamento do casco na dobra vaginal durante o parto. Associado a isso, uma assistência forçada incorreta ou antes de uma completa dilatação da cérvix, podem ocasionar essas afecções reprodutivas. As lacerações perineais são classificadas em primeiro, segundo e terceiro graus, baseadas em sua extensão. Lacerações de terceiro grau resultam em rupturas do corpo perineal, esfíncter anal, assoalho do reto e teto do vestíbulo vaginal. Neste contexto, lesões de terceiro grau ocorrem comumente em éguas primíparas e com maior frequência nas de comportamento impulsivo, possivelmente pela natureza tumultuosa de seus partos. Objetiva-se relatar um caso de laceração perineal em égua, quarto de milha, alazã, 3 anos de idade, pesando 370 kg. O animal foi atendido no setor de grandes animais do hospital veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Dix-Huit Rasado Maia. Conforme relatado pelo tutor, o histórico era de secreção purulenta drenando da região da vagina há cerca de 60 dias após o parto. Ao exame clínico do sistema genito-urinário, foi identificado que haviam rupturas do assoalho do reto e teto do vestíbulo, sendo diagnosticada laceração perineal de terceiro grau. Com a finalidade de evitar contaminação do canal vaginal por meio das fezes que passavam para a vagina, o animal foi encaminhado para cirurgia. Foram propostas, portanto, as reconstruções da delimitação reto-vestibular, assoalho do reto e teto do vestíbulo por meio da técnica cirúrgica de AANES (1964), feita em dois estágios. A cirurgia foi realizada com o animal em estação, mantido em anestesia por infusão contínua de detomidina 1% na dose de $5\text{mcg.kg}^{-1}.\text{h}^{-1}$, e anestesia epidural com bupivacaina 0,5% na dose de $0,016\text{mg.kg}^{-1}$, além de instilação de lidocaína a 10% no trans-cirúrgico. No primeiro estágio, foi realizada a reconstrução da delimitação reto-vestibular, mas sem a sutura do músculo esfíncter anal, com sutura padrão Cushing contínuo, usando material de sutura poliglactina nº 1. Todavia, parte das suturas romperam e a cirurgia foi refeita, sendo executada com sutura padrão Götze, usando material de sutura absorvível poliglicolida com caprolactone nº 1. Quanto ao segundo estágio, a paciente ainda aguarda a realização deste procedimento cirúrgico. O pós-operatório foi realizado com administração de flunixin meglumine ($1,1\text{ mg.kg}^{-1}$, IV, S.I.D. por 5 dias), gentamicina (8 mg.kg^{-1} , IM, S.I.D. por 7 dias) e dipirona (25mg.kg^{-1} , IV, aplicação única); assim como limpeza da sutura perineal com ducha por 15 minutos, S.I.D. por 10 dias. Além de mudança dietética, com redução na quantidade de fibra e fornecimento de farelo de trigo, ração comercial e água, por 7 dias, para as fezes permanecerem com consistência pastosa. Conclui-se que a paciente apresentou melhora significativa após refeito o procedimento cirúrgico e aguarda atingir condições clínicas ideais para concluir o tratamento, por meio da realização do segundo estágio cirúrgico.

Palavras-chave: Distocia; Equino; Laceração; Parto.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: herbeson2706@hotmail.com.

SÍNDROME CÓLICA EM ÉGUA GESTANTE: RELATO DE CASO

GUIMARÃES, A. L. C. G.¹
SILVA, M. M.¹
ALMEIDA, C. M. U.¹
SILVA, B. A. da¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
LIMA, J. M. S.¹
FERREIRA, H. I. P.²

A Síndrome Cólica nos equinos é caracterizada por manifestação de dor e desconforto abdominal, sendo esta uma das principais enfermidades que acometem a espécie. Dentre as causas que geram tal manifestação clínica, estão principalmente as compactações de cólon, que podem ocorrer em qualquer segmento intestinal, mas, em equinos, é particularmente frequente no intestino grosso, sobretudo, no cólon maior. Acredita-se que alimentos ricos em fibra de baixa digestibilidade, alterações dentárias e na motilidade do cólon, desidratação, e outros, podem ocasionar compactação do cólon maior. Objetiva-se com o presente trabalho relatar um caso de abdômen agudo em égua com 5 meses de gestação. Foi atendido no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET, na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), uma égua, raça Quarto de Milha, 8 anos de idade, prenhe e utilizada para na prática esportiva de vaquejada. A alimentação era constituída de ração peletizada e feno a vontade. Na anamnese o proprietário relatou que o animal encontrava-se deitado e demonstrando sintomas de dor e incômodo abdominal, além disso, não defecava. Na propriedade foram administrados 20L de soro, 30 ml de dipirona, e 1 cálcio enteral, porém não se observou melhora do quadro. Durante avaliação dos parâmetros fisiológicos, o animal apresentou mucosas congestas, frequência cardíaca de 40 batimentos por minuto, frequência respiratória de 16 movimentos por minuto e pulso digital. O exame específico do sistema gastrointestinal através de auscultação, apontou padrão hipomotílico. Foi realizado o hemograma e bioquímica sérica, os quais apontaram número de hemácias dentro das referências fisiológicas, 9,07 milhões/mm³ (Ref. 7 – 13 milhões/mm³) e um aumento na fosfatase alcalina, 1287 UI/L (Ref. 143 – 395 UI/L) com uma alteração da gama-glutamil transferase, 140,9 UI/L (Ref. 4,3 – 13,4 UI/L). O animal foi encaminhado para o centro cirúrgico, onde foi constatado que este possuía uma compactação de cólon. Após o procedimento foi realizada conduta padrão com antibioticoterapia, Gentamicina (6,6 mg/kg – 75ml – via intravenosa uma vez ao dia por sete dias), Penfort reforçado (15.000 UI/kg – 3 frascos – via intramuscular uma vez ao dia por sete dias), Metronidazol (15 mg/kg – 13 frascos – uma vez ao dia por sete dias) e antiinflamatório não esteroide, Flunixin meglumina (1,1 mg/kg – 10 ml – uma vez ao dia por sete dias). O paciente foi acompanhado por 2 meses após a cirurgia, sendo realizados exames recorrentes e o tratamento da ferida cirúrgica, uma vez ao dia, usando iodo tópico e soro fisiológico 0,9%. O mesmo foi liberado após sua total recuperação e cicatrização de ferida cirúrgica. Conclui-se que procedimentos cirúrgicos em animais gestantes são sempre de grande risco, entretanto, o animal relatado encontra-se bem, e totalmente recuperado. Afêmea conseguiu levar a gestação até o final, confirmando, assim, o sucesso do método cirúrgico e clínico.

Palavras-chave: Gestação; Equino; Abdômen agudo.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: luizacordeiro73@gmail.com.

² Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET/UFERSA.

SEPTICEMIA POR RINITE EM EQUINO: RELATO DE CASO

SILVA, B. A. P.¹
SOUSA, L.¹
PESCINI, L. Y. G.¹
ALENCAR-ARARIPE, M. G.¹
PESSOA, R. H. P.²
FREITAS, N. P. P.²
AZEVEDO, E. P.³

O choque séptico é uma condição de falência circulatória aguda causada por uma infecção generalizada no organismo. Pode ser decorrente de baixa imunidade, da permanência de indivíduos em locais extremamente contaminados, ou de uma grande lesão infectada ou não tratada. Nesse caso específico de choque, uma infecção local é transmitida a diferentes partes do organismo por meio da corrente sanguínea. Os agentes que se encontram em grande quantidade no sangue produzem toxinas que induzem a produção de diversos mediadores inflamatórios como interleucinas, prostaglandinas e óxido nítrico. Tais mediadores inflamatórios são potentes vasodilatadores que diminuem o retorno venoso, a pressão arterial e, conseqüentemente, a pressão de enchimento capilar, dificultando a chegada de oxigênio e nutrientes aos tecidos. Objetivou-se com esse estudo relatar o caso de um equino de 9 anos de idade, macho, da raça Brasileiro de Hipismo que foi atendido na Escola de Equitação Christus com histórico de dores na arcada dentária e dificuldade na ingestão de alimentos. Foi realizada uma cirurgia para retirada dos dentes comprometidos, posteriormente, foram receitados anti-inflamatórios e antibióticos e o animal permaneceu em observação. Semanas após a cirurgia, foi observado a presença de secreção purulenta na cavidade nasal. Quatro meses após a cirurgia a secreção purulenta, aumentou em grande quantidade e o equino foi encaminhado novamente a terapia a base de metronidazol (15 mg/kg) BID e gentamicina (1 ml/10 kg) SID, porém após 24 horas de tratamento o equino estava em um quadro de apatia, astenia e desidratação grave. Durante todo o dia, foi receitado soro, soro vitaminado e glicosado na tentativa de melhora, mas o quadro agravou-se durante a noite. Apresentando-se inquieto, o animal caía e tentava se levantar gerando múltiplas lesões por trauma, até a observação de sinais clínicos de afecções do sistema nervoso como nistagma, redução de reflexo pupilar e palpebral, sendo assim, realizada a eutanásia durante a madrugada. Na manhã seguinte foi feita a necropsia e os achados foram petéquias na mucosa ocular, sinusite no seio maxilar rostral e caudal sem alteração focal, dentes extraídos cicatrizados, nódulos no fígado endurecidos, deslocamento e torção no ceco (180°), nódulos no pulmão endurecidos, insuficiência cardíaca, intestino delgado em sofrimento de alça com mudança de coloração e nódulo no pescoço com presença de líquido e cálculos (seroma na bursa do atlas). Portanto, pode-se concluir que o equino tinha histórico, sinais clínicos e achados de necropsia compatíveis com o diagnóstico de choque séptico e lesões de caráter traumático também compatíveis ao comportamento anti morte.

Palavras-chave: Equino; Rinite; Sepsis.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: b.dalmeidaa@gmail.com.

² Universidade Estadual do Ceará – UECE.

³ Médico Veterinário autônomo.

TENOTOMIA DO TENDÃO FLEXOR PROFUNDO E SUPERFICIAL NO TRATAMENTO DE DEFORMIDADES FLEXURAS EM ARTICULAÇÕES METACARPOFALANGEANAS DE BEZERRO: RELATO DE CASO

MAIA NETO, A. A.¹
GUIMARÃES, A. L. G.¹
CESÁRIO, B. C.¹
ALVES, L. S.¹
BENEVIDES, B. C. S.¹
OLIVEIRA, W.¹
PEREIRA, E. T.¹
CALADO, E. B.¹

A função do aparelho locomotor é trabalho mecânico, onde ossos e músculos são os principais elementos desse sistema orgânico complexo. Sem eles não seria possível o sistema de movimento, estabilidade e suporte. Existem numerosas enfermidades que acometem o sistema locomotor em animais de fazenda, que vão desde afecções raras de origem genética, a doenças adquiridas a exemplo de artrite séptica e fraturas. As deformidades podem ser congênitas ou adquiridas afetando mais comumente membros torácicos. Essa deformidade é vista entre a primeira e segunda semana de vida do animal. O objetivo do trabalho é relatar caso clínico cirúrgico de deformidades flexurais congênitas em articulação metacarpofalangeana em bezerro. Foi atendido no dia 24 de outubro de 2019 na vacaria da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA), um bezerro mestiço, com 10 dias de vida. O proprietário relatou que o animal não conseguia ficar em posição quadrupedal devido ao enrijecimento bilateral das articulações metacarpofalangeanas. Ao exame físico, observou-se que o paciente não conseguia se locomover normalmente, apoiava-se na região dorsal do boleto, para deambulação. Durante o exame de extensão e flexão, foram constatadas rigidez da cinesse articular metacarpofalangeana em ambos os membros torácicos, impossibilitando sua extensão fisiológica. O bezerro foi diagnosticado com deformidade flexural bilateral da articulação metacarpofalangeana. Foi preconizado tratamento cirúrgico por tenotomias dos tendões flexores digitais profundos e superficiais. O bezerro foi colocado em decúbito lateral e realizada as tricotomias das regiões metacarpianas de ambos os membros torácicos, feita a antisepsia com iodo povidona seguida de álcool a 70%, após realizado bloqueio loco regional da área de diérese com lidocaína 2%. Em cada membro, realizou-se uma incisão de pele, de aproximadamente cinco centímetros de comprimento na face medial da região metacarpiana. Incisa a pele, fáscia subcutânea e bainha tendínea, seguiu com dissecação para exposição dos tendões flexores digitais profundos e superficiais. Após a exposição dos tendões, com o auxílio de uma pinça de Crile curva, foram realizadas as tenotomias em ambos os membros. As sínteses das bainhas tendíneas foram feitas com vicryl 3-0, em padrão simples contínuo. Quanto às sínteses dérmicas, foram feitas com náilon monofilamentar 2-0, em padrão simples separado. Ao término das suturas, foram realizadas imobilizações dos membros, com algodão, ataduras, talas em policrotoleto de vinila (P.V.C.) e algodão, para auxílio na correção angular articular e postural. Foi prescrita realização da troca da bandagem a cada três dias, ou quando necessário, com ajustes dos pensos. Houve cicatrização por primeira intenção com correção dos desvios angulares de membros torácicos sem intercorrências. Conclui-se que estas deformidades possuem tratamentos e que seu prognóstico não depende apenas da conduta preconizada, mas também do grau de acometimento articular e da idade do paciente.

Palavras-chave: Articulação; Cirurgia; Tendão.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: mncurisco@yahoo.com.br.

TÉTANO EM SUÍNO NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ/RN: RELATO DE CASO

BATISTA, V. H. T.¹
MELO FILHO, J. O. J.¹
AQUINO, C. A. Q.¹
SILVA, B. A. B.²
LIMA, J. M. S.²
FRANÇA, A. C. S.²
PEREIRA, E. T. E.²
FERREIRA, H. I. P.²

O tétano é considerado uma enfermidade infecciosa, na qual o *Clostridium tetani* produz toxinas com predileção pelo sistema nervoso central (SNC) e que, devido à alta mortalidade e período de convalescença, possui relevância na clínica veterinária. Os suínos raramente são afetados e, quando isso ocorre, geralmente tem o histórico de procedimento invasivo prévio, sem as devidas medidas para antisepsia e assepsia. Indivíduos dessa espécie, quando afetados, demonstram rigidez muscular, orelhas eretas e decúbito lateral com rápida evolução clínica para o óbito. Essa rigidez muscular, principalmente dos membros posteriores, pode ser explicada pela ação da tetanospasmina, uma toxina neurogênica que impede a liberação do neurotransmissor responsável pelo relaxamento muscular, dessa forma, os membros permanecem contraídos, observando-se assim a espasticidade. Nesse contexto, objetivou-se descrever um caso de tétano em suíno no município de Mossoró/RN. Foi atendido, no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, um suíno, macho, 3 meses de idade, pesando aproximadamente 10 Kg. A queixa principal do proprietário estava relacionada à dificuldade de se alimentar e ganhar peso que o animal passou a apresentar após o procedimento de orquiectomia. A cirurgia foi realizada na propriedade, sem a presença do profissional Médico Veterinário, e sem as devidas condições de higiene. Ao exame clínico, o animal encontrava-se apático, debilitado, depressivo, em decúbito lateral permanente, aparente tetania nos membros posteriores, ausência de apetite, rigidez mandibular, orelhas eretas e cauda erguida. Diante da anamnese e achados clínicos, estabeleceu-se o diagnóstico de tétano. A partir do diagnóstico, foi instituída a conduta terapêutica com Penicilina G (40.000UI/Kg, *s.i.d.*, por 2 dias, intramuscular - IM); Acepran (0,05 mg/Kg, *s.i.d.*, por 2 dias, IM) e soro antitetânico (50.000 UI, *s.i.d.*, IM, dose única). Devido ao estado clínico do animal, medidas de reposição hídrica foram instituídas por via oral. Após 3 dias de internamento o animal apresentou evolução do quadro clínico, com piora drástica, o que levou à decisão de eutanásia. Desta forma, é necessário a conscientização quanto aos riscos da doença aos animais, além das perdas econômicas que podem gerar aos produtores, diante disso, a alta letalidade da doença reforça a necessidade de adoção de boas práticas de manejo, higiene, cuidados pós-operatórios, e sobretudo, vacinação dos animais como medida profilática.

Palavras-chave: Bactéria; Tétano; Suíno; *Clostridium tetani*.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: victorhugoteixeira53@gmail.com.

² Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET/UFERSA.

ÚLCERA DE CÓRNEA EM EQUINO: RELATO DE CASO

SOUSA, M. R. F.¹
LEITE, N. M.²
SILVA, M. C.²
ROCHA, M. V.²
MAIA, M. A. E.³
SOUSA, L. F.¹

As úlceras córneas estão entre as afecções oculares mais comuns e um dos problemas mais desafiadores na medicina equina, visto que, representa um risco de perda de visão quando não tratada de forma correta. Os olhos proeminentes dos equinos favorecem os acidentes traumáticos, sendo esta a causa principal para o desenvolvimento da ulceração corneana, portanto, as infecções secundárias devem sempre ser consideradas. O olho do equino apresenta desafios particulares tanto em termos diagnósticos como terapêuticos. Com isso, o sucesso no tratamento é menos frequente quando comparado a outras espécies. Objetivou-se com este estudo relatar um caso de úlcera de córnea em um equino, atendido na Clínica Veterinária Horse Vet em Macaíba- Rio Grande do Norte. Foi atendido um cavalo, 16 anos de idade, de pelagem baio. O proprietário relatou durante a anamnese que o animal apareceu com o olho direito muito edemaciado e lacrimejando, impossibilitando de abrir o olho. Ao exame oftálmico, ficou constatado que o paciente apresentava alta sensibilidade à luz, blefaroespasmos, epífora e opacidade corneana. O diagnóstico foi feito por meio dos sinais clínicos e da retenção do corante de fluoresceína, que auxilia na identificação da extensão da úlcera, corando o epitélio lesado na tonalidade verde brilhante. Assim, constatada a úlcera de córnea foi instituída terapia com administração intravenosa de 1,1mg/kg BID de Flunixin Meglumina, durante 5 dias e para o tratamento tópico, foi feita aplicação de soro autólogo, colírios oftálmicos a base de Sulfato de Tobramicina, Ciprofloxacina, Moxifloxacino e soro autólogo. A frequência do uso dos colírios foi de 2 horas, intercalando 1 minuto entre cada colírio, totalizando 12 aplicações ao dia, aplicados na pálpebra inferior e massageados para que abrangessem toda a superfície do olho. O olho foi protegido com um antrolho durante o período do tratamento. O tratamento teve duração de 40 dias, onde foi observada melhora gradativa da lesão córnea com o passar de cada dia de terapia. A resposta progressiva aconteceu devido o uso dos anti-inflamatórios utilizados, associados a antibioticoterapia, que diminuíram a formação de cicatriz e reduziram as manifestações inflamatórias e infecções secundárias. Além disso, também foi relevante a utilização de soro autólogo, sendo uma opção alternativa, barata e que auxilia como adjuvante em úlceras de córnea em equinos, visto que contém enzimas com ação antiproteolítica que inibem a ativação e produção de proteases e colagenases que degradam o colágeno, principal proteína da matriz celular ocular, assim como de vitaminas que favorecem o crescimento de ceratócitos, auxiliando no processo de cicatrização e remodelação da lesão. Assim, o protocolo adotado nesse caso foi eficaz para o tratamento de úlcera de córnea, demonstrando uma resolução completa da lesão quarenta dias após o início da terapia instituída, evitando a perda da visão do paciente. A associação de soro autólogo ao protocolo de antibioticoterapia e anti-inflamatórios apresenta alta eficácia no tratamento de úlcera de córnea em equinos.

Palavras-chave: Córnea; Equino; Soro; Ulceração.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: rafaela.prosseguir@gmail.com.

² Faculdade Terra Nordeste – FATENE.

³ Clínica Veterinária HorseVet.

ÚLCERA DE CÓRNEA PROFUNDA EM EQUINO: RELATO DE CASO

PAIVA, R. R. L. T.¹
FÉLIX, N. S.¹
CESÁRIO, B. C.¹
SILVA, F. H. A.¹
MARQUES, I. S.¹
SILVA, J. N. D.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
MAYER, L. L.¹

Os olhos proeminentes dos equinos favorecem os acidentes traumáticos, sendo este um fator predisponente para o desenvolvimento de ulceração corneana. As úlceras de córnea estão entre as afecções oculares mais comuns nessa espécie e não raro resultam em perda da visão. Clinicamente, o animal apresenta epífora, blefaroespasmos, fotofobia, congestão de conjuntivas e opacidade de córnea. Quando não há intervenção terapêutica, o quadro pode evoluir para a dissolução corneal que se manifesta como uma opacidade cinza e gelatinosa na região periférica ou axial da córnea. As úlceras de córnea são classificadas conforme sua profundidade em superficial ou profunda (neste caso, também chamada de descemetocele). As superficiais degeneram o epitélio, já as profundas chegam ao estroma, podendo levar ou não a liquefação, as quais são denominadas de úlcera em *melting*. Objetiva-se relatar um caso de úlcera corneana profunda em equino, fêmea, raça quarto de milha, 6 anos de idade, designada para vaquejada. O animal foi atendido em uma propriedade na cidade de Jaguaruana, no Ceará. Na anamnese, o proprietário relatou que o equino bateu a cabeça ao embarcar no transporte, cortando a região frontal e machucando o olho direito. No dia seguinte, observou que o olho da égua estava lacrimejando e com o aspecto esbranquiçado. Nesta ocasião, o proprietário iniciou a aplicação de medicamentos e produtos caseiros, que foram feitos por quase 30 dias, porém sem obter resultados e, por isso, solicitou o atendimento clínico na propriedade. No exame oftálmico, o médico veterinário observou que o animal apresentava hifema, hipópio, blefaroespasmos, epífora, opacidade de córnea, cegueira e apatia. Além disso, foi realizado o teste de fluoresceína como exame complementar, no qual foi corada a ulceração da córnea e as bordas da lesão da membrana Descemet. Frente ao histórico, a sintomatologia clínica e o teste de fluoresceína, o animal foi diagnosticado com úlcera de córnea profunda com *melting* no olho direito. A terapia sistêmica prescrita foi o Ceftiofur (4,4mg/kg, intramuscular, *s.i.d.*, 5 dias) e Meloxicam (0,6mg/kg, intravenosa, *s.i.d.*, 5 dias). Como tratamento tópico prescreveu-se colírio à base de tobramicina, outro tendo a base de diclofenaco de sódio e soro autólogo, todos na mesma posologia (1 gota, *q.i.d.*, 21 dias), além de uma pomada composta por acetato de retinol, metionina e cloranfenicol (1 camada de 1cm aplicada na conjuntiva, *q.i.d.*, 21 dias). Como cuidados adicionais o proprietário também foi orientado a submeter animal ao repouso absoluto, observação diária e resguardá-lo de condições e ambientes nos quais ficasse exposto a poeira ou vento. Decorridos 60 dias do tratamento, houve a remissão das alterações oftálmicas, o animal voltou a enxergar e a executar suas funções normalmente. Conclui-se que a úlcera de córnea classificada como descemetocele, é uma enfermidade de prognóstico reservado quando diagnosticada tardiamente, e que possui como recomendação para seu tratamento a intervenção cirúrgica. Porém, foi possível resolver o caso abordado apenas com a conduta clínica, o que demonstra a elevada importância do atendimento profissional e a colaboração do tutor, para a recuperação do paciente.

Palavras-chave: Cavalos; Descemetocele; Lesão; *Melting*.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA. Contato: ruanatorquato@gmail.com.

UROLITÍASE OBSTRUTIVA EM CAPRINO: RELATO DE CASO

ALMEIDA, C. M. U.¹
CESÁRIO, B. C.¹
GUIMARÃES, A. L. C. G.¹
LIMA, J. M. S.¹
SILVA, B. A.¹
FRANÇA, A. C. S.¹
PEREIRA, E. T.¹
FERREIRA, H. I. P.¹

A urolitíase obstrutiva é uma doença metabólica de etiologia complexa e multifatorial que acomete pequenos ruminantes. É relatada em diferentes países, sendo frequente no semiárido, onde o acesso à água é um fator limitante na região. O aumento da ocorrência da enfermidade deve-se também à produção de animais confinados, alimentados com grãos ou seus subprodutos, visando a comercialização em feiras e leilões. Esses fatores, resultam em desbalanceamento de íons, principalmente da relação Ca:P, levando a precipitação deste com formação de cálculos urinários, repercutindo a importância da dieta e do manejo na patogênese da enfermidade para o rebanho. Com isso, objetiva-se relatar um caso de urolitíase em caprino com obstrução uretral e ruptura da bexiga. Um caprino, da raça Kalahari Red, macho, 6 meses de idade, estava sendo confinado há 3 dias em uma feira para comercialização de caprinos. Apresentava-se com anúria há aproximadamente quatro dias e liberação de fezes endurecidas e ressecadas, o que o fez ser encaminhado ao Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Ao exame clínico observou-se o animal alerta, com taquicardia e taquipneia. Para confirmar a presença de cálculos foi realizada ultrassonografia, onde visualizou-se a bexiga distendida e repleta de pontos hiperecóticos manifestando a imagem conhecida como “céu estrelado”. Coletou-se amostras de sangue para a realização de hemograma e bioquímicas séricas, onde verificou-se anemia leve (Hemoglobina 7,41 g/dL - ref. 8-14 g/dL; Hematócrito 23% - ref. 24-48%; VCM 18 fL - ref. 19-37 fL) com desvio a esquerda (Bastonetes 3/mm³ - ref. 0-2 mm³) e azotemia pós-renal (Ureia 170mg/dL - ref. 21,4-42,8 mg/dL; Creatinina 0,8 mg/dL - ref. 1-1,8 mg/dL). Dessa forma, com histórico e anamnese apresentados pelo animal associados ao resultado laboratorial obtido e achados ultrassonográficos, permitiu o diagnóstico definitivo de urolitíase obstrutiva. No tratamento, optou-se pelo procedimento cirúrgico devido o tempo de anúria e presença de azotemia pós-renal, com consequente repleção da bexiga, sendo utilizada a técnica de secção do processo uretral. Posteriormente, foi realizada a lavagem retrógrada com auxílio de uma sonda uretral número 04 e solução fisiológica de cloreto de sódio (NaCl 0,9%) para promover a desobstrução. Entretanto, à medida que os cálculos eram deslocados, restabelecendo o fluxo urinário, instantaneamente obstruía-se de novo a uretra com novos cálculos. Com isso, relatou-se o prognóstico desfavorável do animal ao proprietário e recomendou-se outras técnicas cirúrgicas, porém o proprietário optou por não tratar o animal. Este foi destinado ao abate, onde evidenciou-se, na cavidade peritoneal, grande quantidade de líquido livre, translúcido amarelado e com odor de urina. A bexiga encontrava-se intensamente distendida, e exibia superfície serosa hemorrágica com ponto de ruptura. Conclui-se que dessa forma, quando a urolitíase é diagnosticada no início do quadro tem boas chances de correção. Em contrapartida, a maioria dos animais acometidos pela enfermidade são destinados ao abate, tendo sua vida reprodutiva interrompida, acarretando diversas perdas econômicas.

Palavras-chave: Azotemia; Caprino; Obstrução; Urólito.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: cibelle.uchoa@hotmail.com.

USO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS NO TRATAMENTO DE PROCESSO INFLAMATÓRIO EM REGIÃO DO BOLETO EM EQUINO: RELATO DE CASO

SILVA, B. A. P.¹
SOUSA, L. F.¹
PESCINI, L. Y. G.¹
MARTINS, L. T.¹
PESSOA, R. H. P.²
FREITAS, N. P. P.²
AZEVEDO, E. P.³

O plasma rico em plaquetas (PRP) é um biofármaco produzido a partir do sangue do próprio paciente e possui de 3 a 5 vezes a mais a contagem de plaquetas fisiológicas circulantes. Tal fragmento celular é capaz de liberar diversos fatores de crescimento como o fator de crescimento endotelial vascular, fator de crescimento fibroblástico, fator de crescimento β transformador, dentre outros, que são responsáveis por todo o processo cicatricial de feridas, incluindo todas as fases da cicatrização, fase inflamatória, proliferativa e de remodelação. Portanto, é uma ótima opção de tratamento em casos de afecções musculares, ligamentares e ósseas. Foi atendida na Escola de Equitação Christus um equino, fêmea, de 8 anos de idade, da raça Brasileiro de Hipismo, que apresentava claudicação grau II no membro anterior direito. Devido a isso, o animal rejeitava o trabalho e quando conseguia saltar não apoiava o peso no membro afetado. Foi solicitado pelo Médico Veterinário responsável um exame de ultrassonografia, onde haviam alterações compatíveis com o diagnóstico de moderadas tendinites e desmites crônicas do tendão flexor superficial dos dedos, ligamento acessório e ligamento suspensor do boleto e moderadas áreas de capsulite e sinovite. Foi visibilizado também áreas de moderada entesopatia nas inserções dos ramos do ligamento suspensor nos ossos sesamoides proximais e nas inserções do ligamento inter sesamoideo nos ossos sesamoides proximais. Dado o correto diagnóstico, o paciente foi encaminhado para terapia. Para a produção do PRP, 12 tubos de 5 ml de sangue com anticoagulante citrato de sódio foram coletados do paciente e foram transferidos para dois tubos falcon de 50 ml em ambiente estéril. Duas etapas de centrifugação são realizadas para a produção do biofármaco, a primeira para separar as células vermelhas do plasma e a segunda para concentrar as plaquetas no fundo do recipiente, dando origem a 5 ml de PRP fresco. Foram administrados os 5 ml de PRP intraarticular pelo recesso palmar da articulação metacarpofalangeana associado ao uso de ácido (MAP 5) e triancinolona (atriben). Três dias após a aplicação, o animal não reagia aos testes de dor feitos no local afetado e pôde voltar novamente ao trabalho apoiando normalmente seu peso em todos os membros. Três meses depois da aplicação, o animal está em trabalho e segue sem retorno de quadro. Portanto, o PRP demonstrou ser uma ótima linha de tratamento, diminuindo significativamente as áreas de inflamação das estruturas articulares de forma rápida e duradoura.

Palavras-chave: Equino; Diagnóstico; Inflamação.

¹ Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Contato: b.dalmeida@gmail.com.

² Universidade Estadual do Ceará – UECE.

³ Médico Veterinário autônomo.

PARTE V: ANIMAIS SILVESTRES

AVALIAÇÃO DA INTEGRIDADE DE MEMBRANA ESPERMÁTICA DE CUTIA (*Dasyprocta leporina*) ATRAVÉS DO TESTE HIPOSMÓTICO

DANTAS, M. R. T.¹
LUZ, N. R. N.¹
SILVA, A. M.¹
SANTOS, C. S.¹
OLIVEIRA, M. F.¹
SILVA, A. R.¹

A cutia (*Dasyprocta leporina*) é um roedor silvestre adaptado a região semiárida que possui importância ecológica como dispersor de sementes e presa de carnívoros. Desta forma, justifica-se o estabelecimento de protocolos de análise espermática, visando a conservação desta espécie através da formação de bancos de germoplasma. Neste sentido, objetivou-se avaliar a integridade funcional de membrana do espermatozoide epididimário de cutia através do teste hiposmótico, comparando-se soluções com diferentes osmolaridades. Para tanto, foram coletados sete pares de epidídimos de cutias machos, sexualmente maduros e eutanasiados, conforme aprovação pela Comissão de Ética no Uso de Animais da UFERSA (CEUA: Parecer 11/2019). Em seguida, os epidídimos foram subdivididos em cabeça, corpo e cauda, e os espermatozoides de cada região foram recuperados pelo método de flutuação. Posteriormente, foi realizado o teste hiposmótico utilizando-se água destilada (0 mOsm/L), bem como com soluções de citrato de sódio e frutose com diferentes osmolaridades (50 e 200 mOsm/L). Este teste tem por finalidade avaliar o influxo de fluidos para o interior do espermatozoide, através da membrana plasmática, até que haja o equilíbrio entre os meios. O mesmo pode ser usado como indicativo de que o transporte de água através da membrana se deu normalmente. Considerou-se os espermatozoides que se mostraram com caudas enroladas, àqueles com plena funcionalidade de membrana. Utilizou-se o teste Holm-Sidak para os procedimentos de comparação múltipla entre as regiões e as diferentes osmolaridades. Constatou-se que a solução de 50 mOsm/L obteve a maior média de espermatozoides funcionais para as 3 regiões do epidídimo (cabeça 69,57 %; corpo 77,29%; cauda 82,71%), diferindo estatisticamente das demais soluções 0 mOsm/L e 200 mOsm/L ($P < 0,05$). No entanto, não houve diferença estatística entre as diferentes regiões analisadas ($P < 0,05$). Desta feita, recomenda-se que o teste hiposmótico a ser utilizado para avaliação da integridade funcional da membrana espermática nesta espécie, seja a solução de 50 mOsm/L contendo citrato de sódio e frutose.

Palavras-chave: Conservação; Espermatozoide; Epidídimo; Osmolaridade; Silvestre.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: mk_ufersa@hotmail.com.

AVALIAÇÃO PÓS-MORTE DE ANIMAIS VÍTIMAS DE ATROPELAMENTOS NA BR-230 NO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA

SARMENTO, W. F.¹
NEVES, A. A. S. N. N.¹
OLINTO, F. A.¹
SILVA, C. T.¹
ALBUQUERQUE, D. L.¹
OLIVEIRA, R. D.¹
NÓBREGA, I. F.¹
ARRAIS, K. L. A.¹
ALMEIDA, H. C.¹

A falta de planejamento nas construções e manutenções das rodovias brasileiras resulta em expressivos impactos negativos sobre a biodiversidade, fatores como alta velocidade, pluviosidade e animais abandonados, causam a morte por atropelamento de várias espécies como também ocasionando risco aos condutores de veículos que trafegam as estradas. O objetivo desse trabalho, descrever as principais lesões pós-morte dos animais encontrados. A pesquisa foi realizada na BR-230 entre os km 443 e 506 no alto sertão paraibano, a rodovia foi monitorada no período de julho de 2017 a janeiro de 2018. Com a ajuda do google earth, foi identificado 4 pontos de agrupamentos de atropelamentos ao longo das rodovias, com o alto número de mortes. Foram avaliadas as lesões de 61 vertebrados e comparado ao grau das lesões com a tabela de Kolata, o resultado foi que 10 vertebrados (16.39%) apresentaram grau 0, 5 vertebrados avaliados (8.20%) obtiveram grau 1, 10 animais (16.39%) obtiveram grau 2, 8 (13.12%) atingiram grau 3 na tabela, 20 vertebrados (32.79%) atingiram grau 4 e 8 animais estudados (13.11%) grau 5, as extremidades foram as partes do corpo dos animais mais afetadas (20 vertebrados) e o pescoço foi a menos afetada (3 vertebrados). É preciso adotar políticas de manejo e medidas que possam prevenir ou diminuir os impactos causados pelas rodovias.

Palavras-chave: Acidentes; Impactos; Lesões; Rodovias.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: wlyssesferreira17@gmail.com.

DEFICIÊNCIA NUTRICIONAL EM PERIQUITO AUSTRALIANO: RELATO DE CASO

SOUZA, J. G.¹
FALCÃO, B. M. R.¹
FIGUERÊDO, M. B. S.¹
BATISTA, L. N.¹
CARREIRO, A. N.¹

O periquito-australiano (*Melopsittacus undulatus*), também conhecido como periquito-comum, é uma pequena espécie de ave, com cauda longa pertencente à família *Psittacidae*, sua alimentação é baseada em sementes e é a única espécie do gênero *Melopsittacus*. Problemas causados por deficiência nutricional são clinicamente os mais comuns das doenças não infecciosas, levando assim a diversos problemas osteometabólicos, respiratórios e estresse. Objetiva-se relatar o tratamento realizado em periquito australiano jovem com quadro compatível com deficiência nutricional. Foi levado para atendimento no Hospital Veterinário Universitário Professor Ivon Macêdo Tabosa da Universidade Federal de Campina Grande, na cidade de Patos, na Paraíba, um periquito australiano, de 3 meses de idade, de sexo indeterminado, pesando 27,0 gramas. Segundo relato dos tutores, o animal fora adquirido há aproximadamente 2 semanas e seguindo recomendações da pessoa a quem foi comprado, o animal era alimentado apenas com angu, não sendo oferecida outra fonte de alimento. O animal apresentava penas das asas cortadas, a fim de se evitar fugas e o corte havia sido feito antes mesmo da compra do animal e deste aprender a voar. O histórico ainda incluía diversas quedas pois ao tentar voar, o animal não tinha equilíbrio e se chocava constantemente contra o chão ou paredes. O exame físico completo foi realizado apenas após oxigenação e posterior hidratação subcutânea do animal, além de administração de polivitamínico por via oral, devido a seu estado de apatia, desidratação e dispneia ao chegar no consultório. No exame físico o animal se mostrava com membros pélvicos em abdução constante, linhas de estresse em diversas penas e opistótono. Os tutores não autorizaram exames complementares de hemograma, parasitológico de fezes e radiografia por restrições financeiras dos mesmos. Foi então passado tratamento a ser realizado em casa e solicitado que o animal voltasse para acompanhamento. O tratamento incluiu a mudança na alimentação que deveria ser feita com papa comercial própria para psitacídeos; polivitamínico por VO, SID, por 21 dias; probiótico na forma de pó a ser adicionado duas vezes ao dia na papa, durante 7 dias e enrofloxacino, VO, SID, por 7 dias, na dose de 15 mg/kg. Recomendou-se também melhora do manejo ambiental e inclusão de banho de sol no início da manhã, por 20 minutos, com opção de abrigo para o animal. Após 3 dias do tratamento o animal se mostrava mais ativo, aceitando a alimentação bem, conseguindo se locomover com os membros pélvicos e com a cabeça em posição normal. Com 10 dias já apresentava postura e parâmetros fisiológicos normais. Conclui-se que devido a falta de exames, não foi possível confirmar a real situação fisiológica da ave no momento do atendimento, contudo, o tratamento de suporte e as explicações sobre a gravidade do caso para os tutores fez com que os mesmos seguissem o tratamento instituído e fosse possível notar melhora clínica do animal.

Palavras-chave: Aves; Filhotes; Nutrição; Urgência.

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: joycegalvaosouza@gmail.com.

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DO ESPERMATOZOIDE EPIDIDIMÁRIO DE CUTIA (*Dasyprocta leporina*)

DANTAS, M. R. T.¹
LUZ, N. R. N.¹
PEREIRA, A. G.¹
SILVA, A. M.¹
SANTOS, C. S.¹
OLIVEIRA, M. F.¹
SILVA, A. R.¹

Roedores silvestres histricognatos como a cutia (*Dasyprocta leporina*), apresentam importância ecológica como dispersores de sementes, além de participação na cadeia alimentar de carnívoros, sendo peças vitais na manutenção de florestas tropicais. No entanto, é uma espécie pouco estudada quanto às suas características espermáticas, sendo necessários estudos para melhor compreensão de sua fisiologia reprodutiva. Assim, este trabalho objetivou descrever a morfologia do espermatozoide de cutias oriundo de três regiões distintas do epidídimo: cabeça, corpo e cauda. Para tanto, foram utilizados sete pares de epidídimos de cutias machos, sexualmente maduros e eutanasiados, conforme aprovação pela Comissão de Ética no Uso de Animais da UFERSA (CEUA: Parecer 11/2019). Posteriormente, estes foram colocados em placas petri contendo solução de Soro Fetal Bovino (PBS), onde os espermatozoides das diferentes regiões epididimárias foram recuperados por meio da técnica de flutuação. Em seguida, as células espermáticas foram coradas com Rosa Bengala e dispostas em lâminas para análise morfológica por microscopia de luz (100x), observadas 200 células e classificadas como espermatozoides morfológicamente normais ou anormais, procedendo-se a identificação dos defeitos de acrossoma (ac), cabeça (cb), peça intermediária (pi) e cauda (cd). Para comparação das diferentes regiões epididimárias no tocante ao número de espermatozoides morfológicamente anormais, utilizou-se o teste de Tukey ($P < 0,05$). Os espermatozoides das três regiões do epidídimo não apresentaram diferença significativa quanto a morfologia normal (cabeça = 83,42%; corpo = 88,00%; cauda = 88,57%) ou quanto aos defeitos espermáticos encontrados. Em cada uma das regiões do epidídimo, o defeito espermático significativamente menos predominante foi aquele relativo ao acrossoma ($P < 0,05$). De modo geral, na cabeça do epidídimo, observaram-se as seguintes proporções de defeitos espermáticos: ac = 2,57%, cb = 6,86%, pi = 14,57% e cd = 10,86%; já no corpo do epidídimo, observou-se: ac = 3,14%, cb = 6,56%, pi = 6,57% e cd = 8,86%; finalmente, na cauda epididimária, verificaram-se: ac = 3,14%, cb = 8,55%, pi = 6,29% e cd = 6,86%. Os resultados sugerem que, ao longo do trânsito epididimário em cutias, não ocorrem maiores alterações quanto à morfologia dos espermatozoides mediante avaliação sob microscopia de luz. Esta informação contribui para uma melhor compreensão do processo de maturação espermática na espécie.

Palavras-chave: Espermatogênese; Epidídimo; Histricognatos; Maturação.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: mk_ufersa@hotmail.com.

ESTEREOLOGIA DO ENCÉFALO DE EMAS (*Rhea americana americana* LINNAEUS, 1758)

COSTA, H. S.¹
SOUSA, A. C. F. C.¹
ARAÚJO JÚNIOR, N. H.¹
DIAS, M. M. B.¹
TERTULINO, M. D.¹
REBOUÇAS, C. E. V.¹
LOPES, I. R. G.¹
OLIVEIRA, M. F.¹

A ema é uma ave pertencente ao gênero *Rhea*, nativa da América do sul. Existem, três subespécies a *Rhea americana americana*; *Rhea americana intermedia* e *Rhea americana albescens*. Sendo a *Rhea americana americana* presente no Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e norte do Pará. Assim como o avestruz, esta ave vem sendo alvo de interesse para a avicultura, por possuir maior adaptabilidade às condições ambientais e por apresentar alto potencial produtivo, sendo necessário conhecer mais a fundo a biologia e morfologia desta espécie. Assim, objetivou-se descrever a estereologia do encéfalo de emas. O experimento foi aprovado pelo ICMBio (nº 53573-2) e CEUA conforme processo nº 23091.010469/2016-03. Para realização deste trabalho, foram utilizados 22 animais provenientes do CEMAS-UFERSA. Os animais foram descongelados e incisados no plano sagital, na região cervical, para exposição da artéria carótida comum esquerda, a qual foi canulada para lavagem do sistema com solução salina a 0,9%, e logo após foi perfundida com formaldeído a 3,7% para fixação do encéfalo por 72 horas e em seguida foram dissecados. Os encéfalos foram lavados em água corrente e depois incluídos em gelatina incolor na proporção de 2,5 pacotes em 500 ml de água, que eram mantidas em refrigerador por 24 horas, a fim de obter consistência ideal para os cortes. Após polimerização da gelatina, foram realizados cortes de 04 mm de espessura com o auxílio de um encefalótomo graduado. Estes eram mergulhados em água morna, para retirada da gelatina, posteriormente foram colocados em cassetes, identificados e mantidos em formaldeído a 3,7% por 24 horas, para garantir a completa retirada da gelatina. Após, os cortes foram lavados em água corrente e em seguida corados segundo a técnica de Mainland. A experimentação estereológica foi realizada segundo o método de Cavalieri, para obtenção do volume de cada região do encéfalo (hemisférios cerebrais, trato óptico, lobos ópticos, cerebelo e troco cerebral), bem como o volume do encéfalo. No encéfalo foi possível observar os hemisférios cerebrais, trato óptico, cerebelo, lobos ópticos e tronco cerebral, e, ainda a diferenciação entre as substâncias branca e cinzenta, bem como a presença dos ventrículos laterais localizados nos hemisférios cerebrais. O encéfalo apresentou variação de 33,663 cm³ e 71,971 cm³, para as idades de 01 mês e 18 meses, respectivamente. Conclui-se que na estereologia os hemisférios cerebrais de emas são as regiões mais desenvolvidas do encéfalo, com variação de 18,252 cm³ e 43,416 cm³ (1-18 meses), sendo classificada como lisencéfalo, por não possuir giros encefálicos.

Palavras-chave: Encéfalo; Encefalótomo; Lisencéfalo; Volume.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: herson-costa@hotmail.com.

INFECÇÃO CAUSADA POR *Pseudomonas aeruginosa* EM CAVIDADE NASAL DE PERIQUITO-AUSTRALIANO (*Melopsittacus undulatus*): RELATO DE CASO

BATISTA, A. I. V.¹
GURGEL, J. V.¹
SOUSA, A. C. F. C.¹
MARQUES, M. G. S.¹
PEREIRA, L. M. F.¹
SANTOS, C. S.¹
PEREIRA, A. W. S.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹

Os periquitos-australianos são aves da Ordem dos *Psittaciformes* muito criadas em cativeiro devido a sua beleza e docilidade. Devido a algumas particularidades anatômicas e histológicas, como a ausência de pleura e de macrófagos residentes no parênquima pulmonar, as aves são mais susceptíveis a infecções no sistema respiratório. A *Pseudomonas aeruginosa* é uma bactéria gram-negativa que está presente no ambiente, geralmente no solo e em locais úmidos. Esse microorganismo pode colonizar o trato respiratório das aves, causando rinite, sinusite e laringite podendo evoluir para pneumonia, broncopneumonia e aerossaculite. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de um periquito-australiano atendido no Hospital Veterinário da UFERSA que apresentou infecção por *P. aeruginosa* em cavidade nasal. No dia 7 de novembro de 2019, deu entrada um periquito-australiano fêmea, pesando 28,8 gramas, com escore 3, dispnéico, com mucosas normocoradas e com aumento de volume e rubor no lado direito da cera nasal. A ave não possuía contactantes e a limpeza da gaiola era diária. Suspeitando-se de uma inflamação de origem traumática o tratamento foi instituído utilizando-se cetoprofeno na água de bebida, durante 3 dias. Após 7 dias, o animal voltou à clínica apresentando conteúdo caseoso e aumento de volume da mesma narina percebido nas últimas 24 horas pelo tutor. Realizou-se curetagem e limpeza com solução de gentamicina no mesmo dia. Uma amostra do conteúdo nasal foi coletada para exame microbiológico e antibiograma. O resultado sugeriu infecção por *P. aeruginosa*, sendo sensível a gentamicina. Logo, a ave foi internada e o tratamento foi instituído realizando-se limpeza diária com solução fisiológica; aplicação de pomada a base de gentamicina, sulfadiazina, sulfanilamida e vitamina A por 5 dias; tramadol, BID, por 4 dias e enrofloxacino, SID, por 8 dias, ambos por via IM. No decorrer do tratamento parte do epitélio da cera nasal foi perdido devido a ação do microorganismo. Após o tratamento o animal não apresentava sinais clínicos e um novo exame microbiológico foi realizado. O resultado foi negativo, sugerindo ausência de infecção. Conclui-se que a falta de higiene das gaiolas e o fornecimento de dieta inadequada podem predispor doenças na cavidade nasal de aves. Além disso, *P. aeruginosa* é um microorganismo natural da microbiota gastrointestinal das aves e a contaminação da água e da comida pelas fezes desses animais é comum. Logo, essa infecção pode ser evitada a partir da higiene constante do ambiente onde as aves estão inseridas, evitando a acumulação de fezes e a contaminação. O controle de parâmetros do ar também é importante para que haja uma preservação do sistema de proteção do trato respiratório, e também para evitar a contaminação por outros patógenos que podem induzir a imunossupressão e causar a proliferação desse microorganismo. Por fim, a utilização do enrofloxacino; e da pomada a base de gentamicina, sulfanilamida, sulfadiazina e vitamina A se mostrou um tratamento eficaz para o presente caso.

Palavras-chave: Infecções; *Pseudomonas aeruginosa*; Psitacídeos.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: aksaingridmv@gmail.com.

INGLUVIOPLASTIA EM RING NECK (*Psittacula krameri*): RELATO DE CASO

SOUZA, J. G.¹
FIGUEREDO, M. B. S.¹
BATISTA, L. N.¹
DUARTE, S. G. S.¹
MOURA, M. F. N.¹
LIMA, D. A.¹
FREITAS, V. M. L.¹

Conhecida como periquito-de-colar, periquito-de-colar-rosa, periquito-rabo-de-junco ou simplesmente Ring Neck (*Psittacula krameri*), esta ave está amplamente distribuída na Europa, Ásia e África. Pertence à família dos periquitos e papagaios, tem plumagem predominantemente verde, possuindo cauda afilada e longa, bico grande, em forma de gancho e de coloração vermelha. A ingluvioplastia, trata-se de uma técnica cirúrgica recomendada nos casos em que há queimadura de inglúvio, geralmente provocada pelo fornecimento de alimentos acima da temperatura recomendada, de 42°C. Antes da realização da cirurgia deve-se esperar de 2 a 10 dias para se conhecer a total extensão da área necrosada e, só após esse período, recomenda-se o procedimento, que consiste na remoção de todo o tecido necrosado. É comum a ocorrência de deiscência da sutura após a cirurgia, pois tecidos intactos ainda podem tornar-se necróticos. Tem como objetivo descrever o tratamento realizado para recuperação de um Ring Neck (*Psittacula krameri*) após sofrer queimadura no inglúvio por alimentação fornecida em alta temperatura. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, Paraíba um Ring Neck, de 4 meses, parâmetros fisiológicos dentro do esperado para a espécie, escore corporal 2,5 (1-5) e sexo indefinido, pois não havia exame de sexagem ou característica de dimorfismo sexual. O tutor relatou que foi fornecido alimento por outra pessoa a uma temperatura superior a máxima recomendada, de 42°C, sendo assim o animal ao ingerir a papa quente causou uma grave queimadura no inglúvio. Ao chegar para atendimento, foi realizado o exame físico completo no animal, o qual apresentava todos os parâmetros fisiológicos dentro da normalidade esperada para a espécie. No entanto, foi constatada área difusa de necrose por grande extensão do inglúvio e realizados procedimentos emergenciais no animal, como hidratação subcutânea com soro ringer com lactato (50ml/kg) devido a queimadura. Como recomendado esperou-se 3 dias para o total conhecimento da área necrosada e, após isso, o animal foi encaminhado para procedimento cirúrgico. O protocolo anestésico realizado foi Midazolam (0,5 mg/kg) e Tramadol (5 mg/kg) através da via intramuscular. Primeiramente foi fornecido oxigênio a 100% durante cinco minutos, para só então fornecer isoflurano, por máscara inalatória, para indução anestésica. Foi realizado bloqueio local circular com Lidocaína 2% com vasoconstritor. A manutenção anestésica foi realizada também com Isoflurano, diluído em 100% de oxigênio em circuito aberto, ou seja, sem reinalação. O procedimento cirúrgico foi baseado na remoção total do tecido necrosado presente no inglúvio, e realização da esofagostomia para a colocação de sonda esofágica, onde pudesse ser feita a alimentação parenteral. No tratamento pós cirúrgico foi utilizado na antibioticoterapia, Oxitetraciclina 50 mg/kg, duas vezes ao dia, durante uma semana, como antiinflamatório e analgésico foi escolhido o Cetoprofeno na dose de 2 mg/kg, uma vez ao dia, durante quatro dias, e uso de suplemento vitamínico, uma vez ao dia, durante sete dias, todos via oral. Juntamente com as medicações, foi recomendado o aumento da frequência de alimentação, mantendo o mesmo volume total. No retorno o animal apresentou melhora, porém o mesmo removeu a sonda e havia uma pequena fistula. Por essa razão, foi prescrita pomada a base de Colagenase + Cloranfenicol para acelerar o processo de cicatrização e evitar nova cirurgia. Conclui-se que o tratamento clínico-cirúrgico mostrou-se eficiente, juntamente com o manejo adequado, em que o animal apresentou completa recuperação.

Palavras-chave: Cirurgia; Ingluvioplastia; Necrose; *Psittacula krameri*.

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: joycegalvaosouza@gmail.com.

INTOXICAÇÃO CAUSADA POR ROSA DO DESERTO (*Adenium obesum*) EM DUAS CALOPSITAS (*Nymphicus hollandicus*): RELATO DE DOIS CASOS

BATISTA, A. I. V.¹
SOUSA, A. C. F. C.¹
SILVA, A. L. S.¹
GURGEL, J. V. O.¹
ALMEIDA, G. F. O.¹
MARQUES, M. G. S.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹
PEREIRA, A. W. S.¹

As calopsitas são muito utilizadas como pet por serem dóceis e inteligentes. Devido o comportamento curioso, estas possuem o hábito de bicar objetos, tornando-se mais susceptíveis a intoxicações. A rosa do deserto (*Adenium obesum*) é uma planta que possui grande relevância no mercado por sua beleza, apesar de estudos afirmarem que a ingestão desta pode levar a quadros de intoxicação que envolvem o aparecimento de sintomas cardiovasculares, hepáticos e neurológicos. Esse trabalho tem como finalidade relatar a intoxicação causada por *A. obesum* em duas calopsitas atendidas no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O primeiro caso se trata de uma calopsita que foi atendida à tarde, fêmea, pesando 89g, com escore corporal 3 (na escala onde 1, significa caquético e 5, obeso). Foi relatado que o animal havia ingerido *A. obesum* na manhã do mesmo dia. A ave apresentava-se apática, bradicárdica, dispnéica, havia sofrido dois quadros de convulsão e três episódios de regurgitação em casa. Sabendo da toxidez da planta, foi administrado ondansetrona (0,4mg/ml) à cada 8 horas (TID), e dexametasona (2mg/ml) à cada 12 horas (BID), ambas por via intramuscular (IM). Além disso, a fluidoterapia pela via subcutânea (SC) foi realizada, utilizando-se solução de ringer lactato associado com glicose 2,5% associado à antitóxico injetável TID. Na manhã do dia seguinte, o animal veio à óbito devido a progressão do quadro. O segundo caso se trata de uma calopsita, macho, pesando 80g, com escore 4,5 (na escala de 1 a 5). No exame físico percebeu-se que ele estava apático, bradicárdico e eupnéico. Na consulta foi relatado que o animal havia ingerido *A. obesum* há aproximadamente 8 horas e havia sofrido 2 episódios de regurgitação e hiperexcitabilidade. Foi instituído o tratamento com furosemida (1,5mg/ml) BID, durante 3 dias por via IM, alimentação forçada com alimento em pó específico diluído em 5ml de água com 1 gota de suplemento vitamínico e 2 gotas de mercepton. Além disso, a fluidoterapia pela via SC foi realizada, utilizando-se solução de ringer lactato associado à hepatoprotetor contendo vitaminas do complexo B e frutose. Após o tratamento, o animal não apresentava nenhum sinal de intoxicação e recebeu alta médica. Pesquisas demonstraram a cardiotoxicidade da *A.obesum*, o que convergiu nos dois casos causando bradicardia nas aves. A alteração respiratória notada apenas no primeiro caso pode ter relação com a bradicardia severa observada, funcionando como um sistema compensatório. Por sua vez, os sinais neurológicos e a regurgitação presentes nos dois casos também foram observados em outros animais, concordando com a literatura. Conclui-se que a *A. obesum* é uma espécie vegetal tóxica às calopsitas e possui efeitos cardiotoxícos e neurotóxicos, podendo ser letal para a ave. Logo, recomenda-se que a criação de *A. obesum* não seja realizada juntamente com a de calopsitas, ou que haja o completo isolamento entre a ave e as plantas. Além disso, a intensidade dos sinais clínicos pode ser influenciada por fatores como a sensibilidade do indivíduo, ou da espécie, e o tempo entre a ingestão e o atendimento. Sabe-se que a *A. obesum* já foi descrita como uma espécie tóxica para alguns mamíferos, porém a literatura carece de informações sobre a toxidez dessa planta em aves. Portanto, é necessária a realização de mais estudos a fim de compreender a toxicodinâmica e toxicocinética nesses pacientes.

Palavras-chave: *Adenium obesum*; Calopsitas; Toxicologia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: aksaingridmv@gmail.com.

MORFOMETRIA DO ENCÉFALO DE EMA (*Rhea americana americana* LINNAEUS, 1758)

COSTA, H. S.¹
SOUSA, A. C. F. C.¹
ARAÚJO JÚNIOR, N. H.¹
BORGES, R. S. M.¹
TERTULINO, M. D.¹
REBOUÇAS, C. E. V.¹
OLIVEIRA, R. E. M.¹
OLIVEIRA, M. F.¹

A ema é a maior ave nativa da América do Sul, sendo pertencente à família Rheidae e estando inserida no grupo das Ratitas, por sua inaptidão ao voo. A carne da ema é uma boa fonte de proteína e vem se destacando por possuir baixa taxa lipídica de apenas 1,59%, baixo conteúdo de colágeno, proporcionando maciez a carne. Objetivou-se realizar a morfometria do encéfalo e seus componentes: lobos ópticos, cerebelo e encéfalo. Foram utilizados 22 encéfalos de emas, sendo filhotes, jovens e adultas, ambos os sexos, que vieram a óbito por causas naturais e encontravam-se congelados em freezer no CEMAS/UFERSA. O experimento foi aprovado pelo ICMBio (nº53573-2) e CEUA conforme processo nº 23091.010469/2016-03. Após aprovação o foram descongelados e incisados no plano sagital, na região cervical, para exposição da artéria carótida comum esquerda, a qual foi canulada e o sistema vascular lavado com solução salina e logo após, perfundido com formaldeído a 3,7%, a fim de obter a fixação dos encéfalos, durante 48 horas, e depois, iniciaram-se as dissecações e remoção dos ossos da calota craniana. Em seguida, os encéfalos foram mensurados quanto à massa (g), largura (mm), comprimento (mm) e altura (mm). Os lobos ópticos e cerebelo mensurados quanto à largura (mm), comprimento (mm) e altura (mm). Com os valores obtidos, calculou-se a média O encéfalo apresentou-se com 50,267 mm de comprimento, 41,855 mm de largura, 29,320 mm de altura e 21,774 g de massa. Em relação aos componentes do encéfalo, verificou-se que o lobo óptico direito apresentou 12,647 de comprimento, 11,470 de largura e 15,495 de altura, já o lobo óptico esquerdo foi 12,355 de comprimento, 10,827 de largura e 15,122 de altura. O cerebelo observou-se valores que chegaram até 21,462 mm de comprimento, 18,207 mm de largura e 21,487 mm de altura. Conclui-se que os dados relacionados aos lobos ópticos e cerebelo, possuem grandes indícios de evolução, apesar de serem lisencéfalo, porém aumentado de tamanho como forma de adaptação. Assim, infere-se que a espécie possui grande apuração visual e de equilíbrio, já que são aves tidas como corredoras.

Palavras-chave: Cerebelo; Morfometria; Óptico; Ratita.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: herson-costa@hotmail.com.

OCORRÊNCIA DE *Pulex irritans* E *Ctenocephalides felis felis* EM GAMBÁ-DE-ORELHA-BRANCA (*Didelphis albiventris*) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO

BATISTA, A. I. V.¹
MARQUES, M. G. S.¹
ROLIM, C. M. M.¹
GOMES, L. L. V.¹
SOUZA, P. D. C.¹
PEREIRA, A. W. S.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹
PEREIRA, J. S.¹

O gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) é um marsupial da ordem Didelphimorphia e da família Didelphidae e são classificados assim por terem a gestação dividida em duas fases: uma no útero e outra no marsúpio. Dentre os ectoparasitos encontrados nesses animais, *Pulex irritans* e *Ctenocephalides felis felis* estão na família Pulicidae, que podem parasitar ainda cães e gatos. Estes estão envolvidos na transmissão de algumas doenças, pois são vetores de diversos patógenos que podem acometer tanto animais quanto o ser humano. Além disso, há o desenvolvimento de reações alérgicas no hospedeiro devido ao efeito da picada e a inoculação da saliva, ocasionando prurido, dermatite e alopecia. O objetivo desse trabalho é relatar a ocorrência de *Pulex irritans* e de *Ctenocephalides felis felis* em um gambá-de-orelha-branca atendido no Setor de Animais Silvestres do Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (HOVET-UFERSA). No dia 12 de dezembro de 2019, um gambá-de-orelha-branca de vida livre foi trazido para o HOVET-UFERSA, pela polícia ambiental de Mossoró-RN. O animal era macho, adulto, possuía escore 2 (na escala onde 1 se refere a caquexia, e 5, a obesidade) e pesava 900g. Na ocasião do atendimento, observou-se que o animal possuía o membro torácico direito edemaciado (sugestivo de trauma), estava apático, com alopecia em cabeça e dorso, além de apresentar pelagem opaca e mucosas hipocoradas. No dia 14 de dezembro de 2019, o animal foi a óbito e, logo após, foi realizada a coleta manual dos ectoparasitos presentes. Estes foram acondicionados em um frasco contendo álcool 70% e encaminhados ao Laboratório de Parasitologia Animal da UFERSA, onde as pulgas foram processadas utilizando-se solução de potassa a 10% para o clareamento, lavadas, e em seguida montadas com meio de Hoyer entre lâmina e lamínula. A partir de um microscópio óptico de luz, observou-se a ocorrência de 11 exemplares fêmeas de *Ctenocephalides felis felis* e 3 espécimes fêmeas de *Pulex irritans*. A identificação foi realizada através da morfologia utilizando-se chaves taxonômicas específicas descritas por Linard (2000). Conclui-se que a presença de alopecia e mucosas hipocoradas no indivíduo em questão podem ter ocorrido, respectivamente, devido à reação alérgica, causando dermatite, e ao hábito hematófago característico das pulgas. Pesquisas futuras podem ser realizadas com a finalidade de observar a bioecologia desses ectoparasitos em gambás-de-orelha-branca e investigar as consequências que a população desses animais pode sofrer, como a ocorrência de doenças importantes para os marsupiais e os riscos associados para a população humana e outras espécies. Por fim, a associação parasito-hospedeiro encontrada nesse trabalho é relatada pela primeira vez em Mossoró, Rio Grande do Norte, e constitui um novo dado aplicável aos ectoparasitos de *D. albiventris* no nordeste do Brasil, contribuindo assim para dados ecológicos e para a conservação da espécie.

Palavras-chave: Ectoparasitose; Marsupial; Pulgas.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: aksaingridmv@gmail.com.

Ornithodoros spp. EM CUTIAS (*Dasyprocta leporina*) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO

ROLIM, C. M. M.¹
PEREIRA, A. G.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
SILVA, J. N. D.¹
OLIVEIRA, M. L. L.¹
DUARTE, V. M. S.¹
PEIXOTO, J. Y. F.¹
PEREIRA, J. S.¹

A cutia é uma espécie de roedor silvestre que, na região Nordeste do Brasil, encontra-se como fonte alternativa de proteína na alimentação de famílias de baixa renda. Como parte da fauna silvestre nacional, estes animais têm sofrido significativa redução de suas populações, tanto pela caça predatória como pela destruição de seu habitat natural. Outro fator que comumente os acomete, são as ectoparasitoses, destacando aqui os carrapatos, comuns de ambientes tropicais e que são responsáveis por proporcionar grandes prejuízos a saúde de diversos animais, tanto pelo hábito hematófago, quanto por transmitir inúmeros patógenos. Dentre estes destacam-se os carrapatos Argasidae, que infestam além dos mamíferos roedores, marsupiais, morcegos, também acometem as aves de ambiente de cativeiro ou até natural. O presente trabalho objetivou relatar a ocorrência de carrapatos Argasidae *Ornithodoros* spp. em cutia *Dasyprocta leporina* cativas do Centro de Multiplicação de Animais Silvestres (CEMAS) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), localizado em Mossoró, Rio Grande do Norte (05°11'15''S e 37°20'39''W), autorizado para criação com fins científicos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) na cidade de Mossoró, RN, sob registro nº 1478912. Para coleta dos carrapatos, foi realizada a inspeção corpórea em uma cutia com suspeita de ectoparasitoses. Quando observado a presença dos carrapatos, realizou-se giros sobre o próprio eixo dos referidos ectoparasitos, a fim de evitar a perda de estruturas do gnatossoma. Após recuperação dos espécimes, cada um deles foram transferidos para eppendorf contendo álcool 70º e encaminhados ao Laboratório de Parasitologia Animal (LPA) para identificação dos mesmos. Estes foram identificados através de microscopia óptica de luz, utilizando-se chaves taxonômicas de Kohls et al. (1969), Jones e Clifford (1972) e Barros-Battesti et al. (2013). Recuperou-se vinte larvas com formato sub oval e margens arredondas; hipostômio com dentículos e placa dorsal com formato semelhante a uma pera. Todas as larvas foram classificadas como *Ornithodoros* spp. A associação carrapato-hospedeiro encontrada neste estudo é relatada pela primeira vez em Mossoró, Rio Grande do Norte e constitui um novo dado ecológico aplicável aos ectoparasitos de *D. leporina* cativa no nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Carrapatos; Cativeiro; Ectoparasitos.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: caiomedvet97@outlook.com.

Ornithodoros spp. EM PORQUINHO DA ÍNDIA (*Cavia porcellus*) EM MOSSORÓ, RN: RELATO DE CASO

GOMES, L. V. L.¹
ROLIM, C. M. M.¹
DANTAS, I. L. M.¹
SILVA, J. N. D.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
DUARTE, V. M. S.¹
PEIXOTO, J. Y. F.¹
PEREIRA, J. S.¹

O porquinho da índia *Cavia porcellus* (Linnaeus, 1758) é um roedor dócil, utilizado como animal de estimação e também de laboratório para fins científicos. Pode ser acometido por ectoparasitoses, dentre elas, as infestações por carrapatos das famílias Ixodidae e Argasidae. Estes últimos, além de infestar mamíferos roedores, marsupiais e morcegos, também infestam as aves de ambiente de cativeiro ou natural. De tal forma, esses ectoparasitos podem ser responsáveis pela transmissão de patógenos como vírus, bactérias e protozoários, ocasionando febres recorrentes e inflamações cutâneas desencadeadas pelas picadas destes ácaros. O presente trabalho teve como objetivo relatar um caso de parasitismo de carrapatos Argasidae em porquinho da índia (*C. porcellus*) cativo de Mossoró, RN. O referido hospedeiro era cativo do Centro de Multiplicação de Animais Silvestres (CEMAS) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), localizado em Mossoró, Rio Grande do Norte (05°11'15''S e 37°20'39''W), autorizado para criação com fins científicos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) na cidade de Mossoró, RN, sob registro nº 1478912. Para coleta dos carrapatos, foi realizada a inspeção física em um espécime de *C. porcellus* com suspeita de ectoparasitoses. Quando observado a presença dos carrapatos, realizou-se giros sobre o próprio eixo dos referidos ectoparasitos, a fim de evitar a perda de estruturas do gnatossoma. Após recuperação dos espécimes, cada um deles foram transferidos para eppendorf contendo álcool 70º e encaminhados ao Laboratório de Parasitologia Animal (LPA) para identificação dos mesmos. Estes foram identificados através da técnica de microscopia óptica de luz, utilizando-se chaves taxômicas de Kohls et al. (1969), Jones e Clifford (1972) e Barros-Battesti et al. (2013). Todos os carrapatos foram identificados como larvas que apresentavam formato sub oval com margens arredondadas, hipostômio com denticulos e placa dorsal com formato semelhante a uma pêra, classificando-se como do gênero *Ornithodoros*. O presente relato alerta para a ocorrência da relação parasitária descrita, onde os tutores devem estar atentos sobre a ocorrência destes carrapatos, os quais muitos deles desencadeiam sérias dermatites em humanos, além dos mesmos serem veiculadores de patógenos que podem gerar a morte de seus hospedeiros.

Palavras-chave: Argasidae; Ectoparasitoses; Roedores; Zoonoses.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: ligiavanesssa@hotmail.com.

OSTEOMIELEITE CAUSADA POR PODODERMATITE EM IRERÊ (*Dendrocygna viduata*) (LINNAEUS, 1766): RELATO DE CASO

SOUSA, A. C. F. C.¹
DIAS, M. M. B.¹
BATISTA, A. I. V.¹
GURGEL, J. V. O.¹
BEZERRA, R. C.¹
TERTULINO, M. D.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹
PEREIRA, A. W. S.¹

Os irerês são anatídeos encontrados na África Ocidental, América do Sul e Central. Esta espécie é difundida por todo território brasileiro e apresenta hábitos migratórios para outros países. Pododermatite é definida como qualquer reação inflamatória ou degenerativa que afete os pés das aves, podendo ser associada com agentes patogênicos diversos. Em alguns casos as infecções podais podem evoluir para quadros de osteomielite, septicemia e óbito. O objetivo desse trabalho é relatar um caso de pododermatite séptica. No dia 02 de Agosto de 2019 foi encaminhado ao Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido em Mossoró/RN, um irerê, adulto, 08 anos de idade e pesando 514 gramas. A queixa principal era que o animal apresentava extrema dificuldade para caminhar e encontrava-se apático. A ave era mantida solta no quintal, sendo este de cimento e com cocho de água insuficiente para o nado. Os tutores relataram que, esporadicamente, colocavam o animal em uma caixa d'água para nadar. Sua alimentação era à base de milho, arroz e leite. No exame físico foi observada hiperqueratose em membros pélvicos e lesões podais com presença de conteúdo caseoso em ambos os membros, sendo mais grave na esquerda. Para avaliar melhor a extensão das lesões foi realizado o exame radiográfico, sendo constatado o quadro de pododermatite séptica com presença de osteólise em ambos os tarsometatarsos. Devido ao estado crítico do animal e ambiente inadequado, o mesmo foi internado para melhor controle medicamentoso e correção do manejo. O tratamento consistiu em enrofloxacino BID por via intramuscular durante 10 dias, meloxicam SID por via intramuscular durante 07 dias, tramadol BID por via oral durante 08 dias, calcioral por via oral durante 15 dias, 01 cápsula de colágeno hidrolisado por dia oral durante 30 dias e curativo com pomada contendo cicatrizante e gentamicina durante 10 dias. Sua dieta era ração para anatídeos, acrescida de suplementação com aminoácidos e polivitamínicos. Com ausência de sinais da dor foi integrado ao tratamento banho de 30 min SID. O banho era realizado em uma vasilha plástica que permitia o mergulho e o nado do animal, servindo como hidroterapia e contribuindo com o bem-estar. Ao final do tratamento as lesões haviam regredido e o paciente se locomovia sem grandes dificuldades apresentando apenas claudicação discreta e esporádica no membro esquerdo. Pesquisas realizadas com colágeno hidrolisado extraído de pés de frango demonstraram rápida e fácil absorção, proporcionando aumento da matriz óssea orgânica, sugerindo efeitos benéficos em casos de perda de massa óssea. Em virtude dos fatos mencionados conclui-se que a pododermatite pode ser causada por vários factores, neste caso, foi principalmente por erro de manejo alimentar e ambiental fatores que levaram a pré-disposição do animal a esta infecção. O tratamento instituído neste trabalho demonstrou-se ser eficaz contra pododermatite séptica com presença de osteólise.

Palavras-chave: Anatídeos; Colágeno; Hidroterapia; Séptica.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: carolfreitas04@outlook.com.

Primasubulura jacchi EM SAGUI-DE-TUFOS-BRANCOS (*Callithrix jacchus*):

RELATO DE CASO

FIGUEREDO, M. B. S.¹
BATISTA, L. N.¹
FALCÃO, B. M. R.¹
SOUZA, J. G.¹
MENESES, R. M.¹
OLIVEIRA NETO, T. S.¹
OLIVEIRA, J. B.²
MEDEIROS, G. X.¹

Os saguis-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*) são primatas antropoides pertencentes à família *Cebidae* e subfamília *Callitrichinae*. São animais de pequeno porte, com peso que varia de 300 a 450 gramas e que se adaptam bem à vida em cativeiro. O estudo sobre parasitos gastrintestinais em primatas é de grande importância para o manejo da população de macacos e para a manutenção da saúde das pessoas, pois são animais comuns em cativeiro. Importante também, pois propiciam um conhecimento sobre o ambiente, bem como funciona como um indicador ecológico da saúde das populações. Tem como objetivo relatar um achado de parasitas e posterior identificação dos mesmos, encontrados no intestino grosso de saguis-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*). Estava sendo realizado no Laboratório de Anatomia Veterinária na Universidade Federal de Campina Grande um trabalho de pesquisa com saguis congelados, estes animais foram doados pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), no qual estava ocorrendo a identificação e localização dos órgãos cavidade abdominal, quando em um deles foi identificado no intestino grosso a presença de parasitas longos e finos, em maior quantidade no ceco, porém com grande presença tanto no cólon ascendente, transverso e descendente e no reto. Ao observar tal constatação, fez-se a secção da parede de algumas partes do intestino grosso, e assim foram retirados incontáveis parasitas para serem identificados. Os mesmos foram lavados em água destilada e fixados em solução contendo formaldeído a 10 % para posterior identificação. Sendo assim, o material foi encaminhado para o Laboratório de Parasitologia no Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no qual foi realizada a identificação a partir da morfologia externa do parasita, principalmente a parte anterior do parasita e aparelho bucal, a partir da metodologia de Vicente et al. (1997) e de Anderson et al. (2009). Ao identificar, concluiu-se que se tratava de um parasita da espécie *Primasubulura jacchi*, uma vez encontrados em animais vivos, podem causar lesões ulcerativas da mucosa intestinal e diarreia. Conclui-se que é de suma importância o estudo e a pesquisa sobre o *Primasubulura jacchi* e outros parasitas em primatas, principalmente em *Callithrix jacchus*, pois existe um maior contato entre estes e o ser humano, sendo assim auxilia o médico veterinário na identificação e posterior tratamento específico.

Palavras-chave: Identificação; Nematoda Parasitologia; Primatas.

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: moana_figuereado@hotmail.com.

² Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

PRIMEIRO RELATO DE PARASITO DA SUBFAMÍLIA ANISAKINAE EM CACHALOTE PIGMEU (*Kogia breviceps*) ENCALHADA NA COSTA DO NORDESTE

MAIA, K. S.¹
ALMEIDA, C. V. S.¹
SILVA, C. G.¹
FREITAS, C. I. A.¹

No ambiente marinho, a água é um dos principais carreadores de diferentes patógenos de importância à saúde animal quer sejam parasitários ou infecciosos, podendo contribuir para seu encalhe, contaminação ou depauperação da higidez. A *Kogia breviceps* (de Blainville, 1838) é um cetáceo comumente conhecido por Cachalote pigmeu, um dos dois únicos membros do gênero *Kogia*, considerada solitária e vivem em águas profundas onde buscam suas presas, os cefalópodes, sendo endêmicas das águas dos oceanos Atlântico, Pacífico e Indiano em regiões temperadas e tropicais. O presente trabalho objetivou relatar a ocorrência de parasitos nematoides em *Kogia breviceps* (Cetacea: Kogiidae) proveniente de encalhe na costa do Rio Grande do Norte. Com autorização do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis), os parasitos foram coletados por necropsias realizadas pelo PCCB (Projeto Cetáceos da Costa Branca - RN/CE) em um exemplar de Cachalote pigmeu encalhado. Os parasitos foram fixados e conservados em álcool 70% em frascos com local e data da coleta, e enviados para o Laboratório de Estudos em Imunologia e Animais Silvestres (LEIAS) para realização da classificação parasitária. Foram selecionadas amostras de espécimes para serem identificados. Estes passaram pelo processo de compressão em A.F.A e diafanização em Lactofenol, seguido de preparação de lâminas em balsamo do Canadá para observação de algumas estruturas em microscopia para identificação seguindo chaves taxonômica propostas para este grupo parasitário. De acordo com características próprias observadas nos espécimes, estes foram identificados como pertencentes ao filo nematoda; classe Chromadorea; ordem Rhabditida; família Anisakidae e subfamília Anisakinae, helminto descrito, inclusive, como de importância para a saúde pública como contaminante de pescado e zoonose. Com essa identificação, este trabalho relata a primeira ocorrência de um parasito nematode da Subfamília Anisakinae em um Cachalote pigmeu (*Kogia breviceps*) na região costeira do Nordeste. Ressaltando a importância do estudo para posterior utilização em diagnósticos laboratoriais parasitários. Por se tratar de um relato preliminar, o presente trabalho continuará com as identificações até a classificação de espécie, e obterá dados dos índices de prevalência, intensidade e abundância parasitária para uma publicação futura.

Palavras-chave: Cetáceo; Helminto; Nematoda; Parasito; Sanidade.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: Kaynara1997@gmail.com.

PROLAPSO CLOACAL DECORRENTE DE DISTOCIA EM GALINHA DOMÉSTICA (*Gallus domesticus*): RELATO DE CASO

PEREIRA, A. G.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹
PEREIRA A. W. S.¹
ALMEIDA, C. V. S.¹
MARQUES, M. G. S.¹
BATISTA, A. I. V.¹
BEZERRA, C. R.¹
CARVALHO, M. A.¹

Galinhas (*Gallus domesticus*) são aves domésticas pertencentes à Ordem Galliforme, Família *Phasianidae*. São de grande importância para o ser humano, sendo o animal doméstico mais difundido e abundante do planeta e uma das fontes de proteína mais acessíveis, fornecendo carne e ovos. Diferentemente da maioria dos mamíferos, que possuem as saídas dos sistemas reprodutivo e gastrointestinal separadas, as aves se caracterizam por uma única saída (orifício), denominada cloaca. O prolapso cloacal ocorre quando os tecidos internos da cloaca se projetam para fora da sua abertura e pode ser persistente ou temporário. No dia 07 de janeiro de 2020, foi atendida no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia uma galinha da raça Índio Gigante, primípara, de onze meses de idade, pesando 3,6 kg. A mesma estava com prolapso cloacal havia 24 horas. Ao exame físico e anamnese notou-se que o animal apresentava ataxia e tinha uma dieta inadequada para suas exigências nutricionais, sendo estes sinais sugestivos de hipocalcemia. O tecido prolapsado ainda estava estável, porém bastante inflamado e com fezes ressecadas e aderidas. Por se tratar da primeira postura e diante do quadro de prolapso, foi solicitado exame radiográfico, o qual evidenciou a presença de um ovo retido. O protocolo terapêutico adotado foi o uso de Meloxicam, IM na dose de 0,5 mg/kg BID, durante 3 dias, Enrofloxacin, IM na dose de 15 mg/kg SID, durante 7 dias, e Gluconato de Cálcio a 1%, SC na dose de 50 mg/kg, dose única. Além disso, foi realizada limpeza com solução fisiológica gelada, no intuito de reduzir o edema e diminuir a contaminação. No início do segundo dia de tratamento houve redução total do prolapso e a postura do ovo, tendo sido esse quase completamente ingerido pela ave. O tutor optou, então, por dar continuidade ao tratamento em casa e foi dada alta à paciente. Diante disso, conclui-se que o prolapso cloacal ocorreu devido à retenção do ovo, que possuía formato irregular e tamanho acima do normal, dificultando a postura. Acresce que o fato de a ave ser primípara, além de apresentar sinais de hipocalcemia, também contribuiu para o desenvolvimento do caso. O uso de anti-inflamatório e soro fisiológico gelado favoreceu a regressão espontânea do prolapso e a aplicação de Gluconato de Cálcio reverteu a condição de hipocalcemia, possibilitando a postura.

Palavras-chave: Ave; Postura; Primípara; Radiografia.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: anaglloria14@gmail.com.

PROLAPSO DE BOLSA JUGAL EM *Phodopus campbelli*: RELATO DE CASO

SOUZA, J. G.¹
HENRIQUE, F. V.¹
BATISTA, L. N.¹
FIGUERÊDO, M. B. S.¹
FALCÃO, B. M. R.¹
FREITAS, V. M. L.¹

O hamster anão russo (*Phodopus campbelli*) trata-se de um mamífero pertencente a ordem dos roedores e família Cricetinae. Comumente encontrada nas residências, devido a apresentar-se de pequeno porte e por ser um animal solitário, não necessitando companhia de outros. Animais dessa espécie são comumente levados para atendimento veterinário, devido a prolapso de bolsa jugal, no qual trata-se de um compartimento nas laterais da cavidade oral, tendo como objetivo o armazenamento de alimentos. Objetiva-se relatar a resolução cirúrgica de um prolapso de bolsa jugal de causa desconhecida em exemplar de *Phodopus campbelli*. Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário Professor Ivon Macêdo Tabosa da Universidade Federal de Campina Grande, em Patos, na Paraíba, um hamster anão russo (*Phodopus campbelli*), macho, de 2 meses de idade, pesando 20 gramas, com histórico de ter apresentado uma massa próxima à boca desde o mesmo dia, pela manhã. Após o ocorrido, a tutora conseguiu colocar a massa para dentro da boca, porém, ela voltou a sair. Ao exame físico o animal se mostrava ativo, e o olho direito mais fechado que o esquerdo. A massa descrita pela tutora foi identificada como sendo a bolsa jugal direita que estava prolapsada. Apresentava até então, coloração avermelhada, porém, haviam sinais de inchaço, possivelmente pelo comprometimento de sua circulação e pelos movimentos repetitivos que o hamster fazia com as mãos ao tentar retirar este incômodo de sua boca. Devido ao pequeno porte do animal e dificuldade em se conseguir um acesso intravenoso, o mesmo recebeu hidratação preventiva com ringer lactato por via subcutânea 1 (uma) hora antes do procedimento cirúrgico. Realizou-se oxigenação por 15 minutos e em seguida, anestesia com isoflurano, além de anestesia local com lidocaína. O procedimento cirúrgico incluiu a exposição da bolsa com auxílio de pinça Adson sem dente, transfixação na base com fio poliglactina 910 4-0 e realização da ligadura com um nó de cirurgião e dois nós simples. Após isto, foi feito pinçamento com pinça mosquito acima do nó e ressecção da bolsa com bisturi cabo 3, lâmina 15. Realizou-se remoção da pinça e visualização direta para constar a ausência de hemorragia. O tratamento pós-cirúrgico foi realizado com enrofloxacino VO, BID, na dose de 10 mg/kg por 5 dias; probiótico em pasta, VO, TID, por 5 dias; cetoprofeno, VO, BID, na dose de 4 mg/kg. No retorno cirúrgico o animal se mostrou ativo, pesando 22 gramas e segundo a tutora, alimentando-se normalmente desde o dia da cirurgia. Não havia sinais de inflamação ou infecção. Conclui-se que o procedimento cirúrgico se mostrou eficaz e seguro, assim como a hidratação subcutânea do animal antes deste, estando o animal saudável e se alimentando normalmente até o momento da produção deste trabalho.

Palavras-chave: Cirurgia; Hamster; Prolapso.

¹ Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: joycegalvaosouza@gmail.com.

Pulex irritans EM JAGUATIRICA (*Leopardus pardalis*) EM MOSSORÓ, RN:

RELATO DE CASO

BATISTA, A. I. V.¹
CARVALHO, M. A.¹
ROLIM, C. M. M.¹
GOMES, L. V. L.¹
PEREIRA, A. G.¹
PEREIRA, A. W. S.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹
PEREIRA, J. S.¹

A jaguatirica (*Leopardus pardalis*) é um felídeo silvestre de porte médio, com peso corporal que varia entre 7 e 16 kg. São animais que possuem distribuição em todas as regiões brasileiras e que são muito importantes ecologicamente, uma vez que se localizam no topo da cadeia alimentar, auxiliando no controle populacional de muitas espécies. Apesar disso, o *L. pardalis* é considerado ameaçado de extinção, localizando-se na categoria vulnerável devido a diversos fatores como, por exemplo, a caça e a perda de habitat. Dentre os ectoparasitos encontrados nesses animais, *Pulex irritans* está na família Pulicidae, que corresponde à família das pulgas que parasitam cães e gatos. Esta é envolvida na transmissão de algumas doenças, por ser vetor de diversos patógenos aos animais e ao ser humano. Além disso, pode ocasionar o desenvolvimento de reações alérgicas no hospedeiro, devido ao efeito mecânico da picada e a inoculação da saliva, ocasionando prurido, dermatite e alopecia. O objetivo desse trabalho é relatar a ocorrência de *Pulex irritans* em uma jaguatirica atendida no Setor de Animais Silvestres do Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (HOVET-UFERSA) na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte. No dia 11 de dezembro de 2019, uma jaguatirica foi trazida para o HOVET-UFERSA, pela polícia ambiental. Esta havia sido encontrada no centro da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte, e sua origem era incerta podendo ser advinda de vida livre ou de cativeiro ilegal. O animal era macho, jovem, ativo, apresentava-se hiperpneico e com as mucosas normocoradas, possuía escore 2 (na escala onde 1 refere-se a um animal caquético e 5 a um animal idoso) e pesava 7 kg. Na ocasião do atendimento, observou-se também ectoparasitos. Para a realização de exames e para a coleta de materiais biológicos, o animal foi anestesiado. Após o desaparecimento dos reflexos palpebrais foi realizada a coleta manual dos ectoparasitos presentes. Estes foram acondicionados em um frasco contendo álcool 70% e encaminhados ao Laboratório de Parasitologia Animal da UFERSA onde foram processados utilizando-se solução de potassa a 10% para o clareamento, lavadas, e em seguida montados com meio de Hoyer entre lâmina e lamínula. A partir de um microscópio óptico de luz, observou-se a ocorrência de 3 espécimes fêmeas de *Pulex irritans*. A identificação foi realizada através da morfologia utilizando-se chaves taxonômicas específicas descritas por Linard (2000). Conclui-se que no presente caso, o animal não apresentou sinais clínicos decorrentes da ectoparasitose, considerando que o nível de infestação era baixo. A partir desse estudo, novas pesquisas podem ser realizadas com a finalidade de observar a bioecologia desses ectoparasitos em jaguatiricas, com o objetivo de investigar as consequências que a população desses animais pode sofrer, como a ocorrência de doenças importantes para os felídeos e as consequências para a conservação desses animais. A ocorrência de *P. irritans* em jaguatirica relatada nesse trabalho é relatada pela primeira vez em Mossoró, Rio Grande do Norte, e constitui um novo dado aplicável aos ectoparasitos dessa espécie de felino no nordeste do Brasil, contribuindo assim para dados ecológicos e para a preservação da espécie.

Palavras-chave: Ectoparasitose; Felídeos; Pulgas.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: aksaingridmv@gmail.com.

Pulex irritans EM RAPOSA *Lycalopex vetulus*: RELATO DE CASO

DANTAS, I. L. M.¹
AGUIAR, A. A. R. M.¹
ROLIM, C. M. M.¹
SILVA, J. N. D.¹
GOMES, L. V. L.¹
PAIVA, R. R. L. T.¹
DUARTE, V. M. S.¹
PEREIRA, J. S.¹

A Raposa *Lycalopex vetulus* (LUND, 1842) é uma espécie endêmica encontrada em diversas regiões do Brasil. Devido a expansão das cidades para o campo algumas localidades do país têm registrado a espécie como vulnerável a extinção. *L. vetulus* pode ser acometida por ectoparasitas, dentre estes, são descritas infestações por insetos hematófagos da ordem Siphonaptera, as Pulgas. *Pulex irritans* é uma pulga que acomete além de canídeos, o homem, felinos, suínos, roedores, em ambiente doméstico ou selvagem. A importância da *P. irritans* em acometer animais silvestres está pautado no seu hábito sugador que ocasiona diversos distúrbios cutâneos e a torna reservatório e veiculador de patógenos com potencial zoonótico. O presente trabalho objetivou relatar um caso de ocorrência de pulgas em *L. vetulus*. No dia 29 de março de 2019, na cidade de Mossoró/RN, após ser encontrada numa propriedade particular, uma raposa do campo foi resgatada e contida fisicamente para que pudesse ser realizada a soltura em ambiente natural. Na ocasião, observou-se a presença de ectoparasitas sobre o corpo do animal, possibilitando a catação manual de 20 espécimes de ectoparasitas, que foram posteriormente transferidos para o eppendorf contendo álcool 70° e encaminhados para o Laboratório de Parasitologia Animal (LPA) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido para a identificação. Estes foram clarificados com hidróxido de potássio (KOH) a 10% e montadas entre lâminas e lamínula em meio de hoyer. A identificação foi feita através da morfologia utilizando-se chaves taxonômicas específicas (LINARDI; GUIMARÃES, 2000). Todos os espécimes de ectoparasitos recuperados foram classificados como pulgas *Pulex irritans*. O presente relato traz como conclusão mais um registro de relação parasitária de pulgas com animais silvestres na localidade de Mossoró/RN. Fato, este, que auxilia no conhecimento dos ectoparasitos que infestam raposas e assim possa contribuir para o controle populacional ou até mesmo diminuição de suas espécies em ambiente natural.

Palavras-chave: Canídeos; Ectoparasitas; Siphonaptera.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: iany.moreira@hotmail.com.

REDUÇÃO DE PROLAPSO CLOACAL EM ARARA-CANINDÉ (*Ara ararauna*):

RELATO DE CASO

SOUSA, A. C. F. C.¹

DIAS, M. M. B.¹

BATISTA, A. I. V.¹

GURGEL, J. V. O.¹

BEZERRA, R. C.¹

SOUSA, D. R. F.¹

PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹

PEREIRA, A. W. S.¹

As araras fazem parte da ordem dos Psitacídeos possuindo a capacidade de imitar sons, incluindo fala e canto, variadas colorações, exuberância, inteligência e sociabilidade. Estes aspectos contribuíram para o aumento da criação dessa espécie em cativeiro, como animais de estimação, em zoológicos, criadouros conservacionistas e comerciais. A arara-canindé pode ser encontrada nas florestas brasileiras e após sua comercialização ter sido licenciada pelo IBAMA ocorreu um aumento na ocorrência dessa espécie na rotina clínica de animais silvestres. O prolapso cloacal pode ocorrer devido a um período de postura prolongado, postura de ovo com tamanho maior do que o normal para a espécie, diarreia, constipação, toxemia, desordens nutricionais, neoplasias e esforços idiopáticos. O tecido prolapsado apresenta-se edemaciado ou hemorrágico por conta da sua exteriorização, podendo ter como consequência a obstrução, ruptura. O objetivo desse trabalho é relatar a resolução de um prolapso cloacal em um exemplar de arara-canindé (*Ara ararauna*). No dia 12 de dezembro de 2019 foi encaminhado ao Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia, na Universidade Federal Rural do Semi-Árido em Mossoró/RN, uma arara-canindé, macho, com 28 anos, pesando 1 quilo. O atendimento foi realizado no período da tarde e o tutor relatou que o animal apresentava-se apático desde a manhã do mesmo dia. No exame físico foi observada exteriorização da mucosa cloacal a qual se apresentava edemaciada. Por se tratar de um prolapso recente, com tecido ainda viável, foi dado início ao procedimento de correção. O animal foi submetido à anestesia e após confirmação do plano anestésico o tecido foi irrigado com solução fisiológica a 0,9 %, gelada. Após diminuição do edema foi realizada a recolocação do tecido com o auxílio de um swab e posteriormente foi introduzida uma tampa de seringa de diâmetro compatível com o lúmen da cloaca. Após correção do prolapso foi realizada a sutura em bolsa de tabaco, sendo esta caracterizada por um conjunto de pontos simples dispostos em círculo, em que o fio vai formar pontos sero-musculares por toda a extensão do órgão. Esta técnica é indicada para fechamento de feridas circulares, correção de prolapsos, redução de lúmen e isolamento cavidades do meio externo. Conclui-se que o prolapso cloacal é uma desordem relativamente comum, podendo ser de caráter agudo, como em distocias, esforços repetitivos que pode levar a quadros de obstrução necrose e ou hemorragia. Sua forma crônica pode ser causada por fatores nutricionais, presença de neoplasias, inflamações de origem infecciosa ou não. Segundo Tully (2010) a técnica de eleição para correção é o uso de uma ou duas suturas transversais, sendo esta mais eficaz que a bolsa de tabaco. Já neste trabalho foi usada a segunda técnica e esta se apresentou bastante eficiente.

Palavras-chave: Anatomia; Cloaca; Psitacídeos; Prolapso.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: carolfreitas04@outlook.com.

REMOÇÃO DE OVOS RETIDOS EM JABUTI-PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*) ATRAVÉS DE CIRURGIA VÍDEO-ASSISTIDA: RELATO DE CASO

VELOSO, L. S.¹
TERTULINO, M. D.¹
NOGUEIRA, I. C. S.¹
CABALERO, R. C.²

Os jabutis são quelônios de hábitos terrestres, que representam proporção significativa dos animais atendidos na clínica de animais silvestres. Enfermidades associadas ao sistema reprodutor de jabutis, dentre elas a retenção de ovos, são um dos principais problemas que acometem esses animais quando mantidos em cativeiro. Os processos patológicos que envolvem a retenção de ovos relacionam-se a diversos fatores. Ovos grandes ou deformados, trauma, infecção bacteriana, distúrbios endócrinos e atonia muscular são causas potenciais para a retenção de ovos em répteis. Somam-se, ainda, como causas desse processo, dieta inadequada e influências ambientais desfavoráveis, em especial a falta de um local adequado para a confecção do ninho e temperaturas inapropriadas. Quando os ovos ficam retidos por muito tempo podem aderir à mucosa do oviduto com possibilidade de infecção e morte por septicemia. Deve ser considerada também a ação traumática das cascas dos ovos retidos sobre a mucosa do oviduto como fator importante para que ocorram possíveis aderências. Em casos nos quais o tratamento clínico não é viável ou efetivo, deve-se recorrer ao tratamento cirúrgico, o acesso à cavidade celomática é feito geralmente através do plastrão, por meio da remoção dos escudos córneos e placas ósseas ventrais com o auxílio de serras (osteotomia), sendo indicado principalmente em afecções nos sistemas reprodutivo, urinário e gastrointestinal. Este acesso mostra-se desvantajoso em função do maior tempo cirúrgico e da intervenção ser bastante traumática e dolorosa para o paciente. Este trabalho relata a retirada de ovos retidos através de uma técnica vídeo-assistida, via cloacal. Um jabuti, fêmea, com 10 anos de idade, pesando 2,9 kg, criada em apartamento com piso de cerâmica, foi consultada com a queixa de inapetência e tentativas de cavar. Ao exame físico constatou-se severa desidratação e apatia. O animal foi encaminhado para o setor de diagnóstico por imagem onde foi realizado exame radiográfico no posicionamento dorsoventral para visualização da cavidade celomática. Ao exame radiográfico foram visualizadas cinco estruturas ovaladas radiopacas confirmando a presença de ovos. O animal foi encaminhado para a cirurgia. Utilizou-se cetamina + midazolam como medicação pré-anestésica, propofol na indução e isoflurano na manutenção. A retirada dos ovos foi realizada através de uma técnica vídeo-assistida, utilizada como guia para a visualização e alcance dos ovos retidos. Adentrou-se a cloaca com uma ótica de 10 mm e angulação de 30º, após o alcance dos ovos, realizou-se a ruptura e retirada de suas cascas com o auxílio de uma pinça Grasper de apreensão, posteriormente, realizou-se a aspiração de todo o conteúdo dos ovos com o aspirador cirúrgico. O procedimento cirúrgico durou cerca de 40 minutos. Por ter sido submetida a uma técnica minimamente invasiva, com acesso cirúrgico através de um orifício natural, a paciente recuperou-se de forma rápida e satisfatória.

Palavras-chave: Cirurgia; Jabuti; Ovos; Quelônio.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: lsv.lari@gmail.com.

² Universidade Federal da Bahia – UFBA.

TRATAMENTO DE FERIDA LACERANTE EM COELHO *Oryctolagus*

cuniculus: RELATO DE CASO

SOUZA, A. K. A.¹

SILVA, A. C. F.¹

ALVES, M. M.¹

ARAÚJO, A. L.¹

Uma ferida consiste na interrupção da continuidade de um tecido corpóreo e pode ser classificada conforme diferentes critérios, sendo aberta e fechada. O uso indiscriminado de antibióticos aumenta o número de cepas resistentes, obrigando a utilização de novas drogas. A administração de medicamentos adequados melhora o processo de cicatrização, entretanto, se utilizado de forma errônea pode retardar a cicatrização. O objetivo deste presente estudo é relatar o tratamento de uma ferida aberta em coelho *Oryctolagus cuniculus*, utilizando açúcar e pomada, respeitando as fases de cicatrização. Foi atendido um animal coelho da espécie *Oryctolagus cuniculus*, macho, com aproximadamente sete meses de idade, pesando 2,60 quilos. Durante a anamnese, foi relatado que há aproximadamente 15 dias o animal apresentava uma ferida na região torácica esquerda e estava sendo tratado com alantol a cada 12 horas, dipirona a cada oito horas durante três dias, e enrofloxacina a cada 12 horas durante 10 dias. O animal apresentava inapetência, diminuição da produção de fezes, inquietação e não obteve melhoria da ferida, entretanto, os parâmetros fisiológicos estavam normais. Na região torácica esquerda apresentava uma ferida aberta lacerada com bordas irregulares medindo 4cm³ de circunferência e 2cm de profundidade, com presença de pus, tecido necrótico e fibrina, sendo classificada como ferida aberta lacerada e contaminada. A pomada de Alantol® apresenta a alantoína que é um composto químico e promove debridação química de proteínas, não tem ação microbiana e não deve ser utilizada em tratamento com presença de tecido de granulação, pois interfere na fase de proliferação celular e retarda a cicatrização. Foi realizado uma intervenção médica na ferida isolando-a com gel hidrossolúvel estéril, para evitar contaminação com pelo, e em seguida realizou-se tricotomia de 3cm além das bordas da ferida. Procedeu-se com desbridamento mecânico utilizando gaze e solução isotônica de cloreto de sódio a 0,9% fazendo movimentos circulares no local para remover o tecido desvitalizado e em seguida lavagem abundante com a mesma solução. Com a ferida limpa e tecido saudável colocou-se açúcar granulado ocupando toda a profundidade, já que o mesmo possui alta osmolaridade, o qual absorve toda umidade que facilitaria a proliferação das bactérias, além disso o açúcar diminui o edema, atrai macrófagos, acelera a descamação do tecido desvitalizado, provê energia para o metabolismo celular, promove formação de uma camada protetora de proteína na ferida e ajuda na formação de um bom tecido de granulação. Logo após, confeccionou-se o curativo de absorção em três camadas, a primeira de contato utilizando gaze estéril, a segunda utilizando algodão hidrofílico e a terceira usando atadura estéril cirúrgica e esparadrapo poroso cirúrgico, passando por toda a região torácica. Foi recomendado cetoprofeno a cada 24 horas durante três dias e enrofloxacina a cada 12 horas durante dez dias, e por cinco dias iniciais a colocação apenas do açúcar a cada 12 horas. Em quatro dias de tratamento foi observado uma melhora estética significativa da ferida, além da redução da secreção com tecido saudável. No sexto dia de tratamento foi associada a pomada Ganadol® até o 20º dia, permitindo um ambiente úmido e uma manutenção do tecido de granulação formado, em seguida foi realizado apenas a utilização de pomada aloe e vera que contribuiu na deposição de colágeno, resultando em uma boa cicatrização. Concluímos que o uso do açúcar associada a pomada Ganadol® favoreceram uma cicatrização eficiente no reparo desta ferida crônica. E o tratamento adequado das feridas abertas requer conhecimento amplo do processo de cicatrização, a fim de poder escolher a intervenção terapêutica mais adequada.

Palavras-chave: Açúcar; Cicatrização; Curativo; Pele.

¹ Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Contato: andressalencarfdj@gmail.com.

USO DA LASERTERAPIA COMO TERAPIA COMPLEMENTAR NO TRATAMENTO DE LUXAÇÃO ATLANTOAXIAL EM CALOPSITA (*Nymphicus hollandicus*): RELATO DE CASO

MOREIRA, A. C.¹
MEDEIROS, N. O.¹
SOUZA JUNIOR, Z. J.¹
OLIVEIRA, A. L. R.¹
PRAZERES JÚNIOR, F. R.¹
PEREIRA, A. W. S.¹
MARQUES, M. G. S.¹

A procura por médicos veterinários especializados em clínica de animais silvestres e exóticos tem crescido exponencialmente. Isso ocorre pelo aumento do interesse na criação dessas espécies como animais de companhia, já que muitas delas são consideradas de fácil obtenção e criação. Nesse contexto podemos citar as aves, principalmente as espécies da ordem Psittaciforme, cuja criação em cativeiro é amplamente difundida em todo o mundo. As calopsitas (*Nymphicus hollandicus*) são um exemplo de espécie pertencente a essa ordem que se encontra no topo das espécies favoritas no mercado pet mundial. Diante disso, surge a busca por avanços na medicina de animais silvestres e exóticos, contando com o uso de tecnologias modernas e atualizadas para auxiliar no diagnóstico e tratamento. A laserterapia consiste no uso da luz em comprimentos de ondas conhecidos, sendo estes o vermelho e o infravermelho, capaz de promover analgesia, diminuição do processo inflamatório, biomodulação e aceleração do processo de cicatrização. Com base nisso, esse trabalho objetiva relatar o caso de uma calopsita submetida a laserterapia como terapia complementar no tratamento de luxação atlantoaxial. No dia 02 de dezembro de 2019, uma calopsita jovem de 2 meses, não sexada, pesando 87g, foi atendida no setor de animais silvestres (HOVET/UFERSA), apresentando “head-tilt”, condição em que ocorre a inclinação ou torção lateral da cabeça e pescoço, sendo relatado pela tutora que o animal havia sofrido uma queda na semana anterior. Após avaliação e exame clínico do paciente, foi constatado que o mesmo não apresentava sinais neurológicos nem quaisquer outras alterações. Em seguida, o médico veterinário responsável encaminhou o animal para exame radiográfico, obtendo resultado sugestivo de uma luxação atlantoaxial (contato entre as vértebras c1 e c2). A partir disso, foi instituída uma terapia medicamentosa com Cetoprofeno 100mg/L na água de bebida, durante 5 dias e Tramadol 5mg/kg VO, durante 3 dias. De forma complementar, utilizou-se um colar cervical para estabilizar e manter o posicionamento correto das vértebras cervicais, e foram realizadas sessões de laserterapia. Para isso foi administrado o feixe de luz infravermelho de forma bilateral, com potência de 2 joules, em intervalos de 48 horas, sendo feitas um total de 3 sessões. Ao retorno do paciente após o tratamento, foi observada melhora no quadro, com correção da postura e alinhamento das vértebras. Pode-se concluir, portanto, que a terapia instituída obteve resultados positivos, podendo se considerar então a laserterapia como um método eficaz e seguro, promovendo analgesia, redução da inflamação e rápida recuperação de tecidos adjacentes.

Palavras-chave: Laserterapia; Luxação; Calopsita; Exame Radiográfico.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: amandacmvvet@gmail.com.

VASCULARIZAÇÃO DO ENCÉFALO EM EMAS (*Rhea americana americana* Linnaeus, 1758)

COSTA, H. S.¹
SOUSA, A. C. F. C.¹
SOUSA, R. L. P.¹
TERTULINO, M. D.¹
GURGEL, J. V. O.¹
LOPES, I. R. G.¹
CARMO, L. D. A. O.¹
OLIVEIRA, M. F.¹

As emas (*Rhea americana americana*) são aves silvestres pertencentes ao grupo das Ratitas, importantes do ponto de vista científico, dada sua adaptabilidade em cativeiro e interesse zootécnico. Objetivou-se, neste estudo, identificar as artérias cerebrais e o circuito arterioso cerebral, de modo a estabelecer o padrão e sistematização vascular cerebral. Foram utilizados 21 encéfalos de emas, jovens e adultas de ambos os sexos, os quais vieram a óbito por causas naturais e foram conservados em freezer. Os exemplares foram descongelados e incisados no plano sagital, na região cervical, de modo a permitir a exposição da artéria carótida comum esquerda, a qual foi canulada e o sistema vascular lavado com solução salina a 0,9%, e logo após, perfundido com látex Neoprene 650, corado com pigmento vermelho, de forma a permitir a adequada visualização das artérias. O circuito arterioso cerebral apresentou-se de forma fechada, em 100% das amostras, caudalmente e rostralmente, sendo composto pelas artérias: basilar, ramos caudais da carótida do cérebro, ramos rostrais da carótida do cérebro, cerebrotomoidais e anastomose intercerebral rostral. Conclui-se que a anatomia macroscópica do encéfalo de emas foi semelhante ao observado ao de avestruzes, possuindo ainda uma vascularização encefálica do tipo I, devido receber contribuição apenas do sistema carotídeo.

Palavras-chave: Artérias; Cérebro; Morfometria.

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Contato: herson-costa@hotmail.com.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Regina Valéria da Cunha Dias

Possui graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural da Amazônia (1998), Residência em Medicina Veterinária pela UFRPE, Clínica de bovinos, Campus Garanhuns (1999), Mestrado em Clínica e Cirurgia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e Doutorado pela Universidade Federal de Viçosa (2012). Atualmente é professora associada nível 1 da Universidade Federal de Juiz de Fora, lotada no Departamento de Medicina Veterinária, responsável pela disciplina de Clínica Médica de equídeos no curso de graduação em Medicina Veterinária. Tem experiência na área de Medicina Veterinária e Zootecnia, com ênfase em Clínica Veterinária e Produção animal, atuando principalmente nos seguintes temas: equinos e bovinos.

Adrielly Lorena Rodrigues de Oliveira

Possui pós-graduação *latu-sensu* na modalidade Residência em Medicina Veterinária na área de Clínica e Cirurgia dos Animais Silvestres na Universidade de Brasília. Possui graduação em Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Tem experiência com clínica e cirurgia de aves, répteis e mamíferos silvestres e pets não convencionais. Participou como voluntária nas ações de atendimento emergencial aos animais silvestres vítimas dos incêndios florestais no Pantanal Mato-Grossense no Posto de Atendimento Emergencial aos Animais Silvestres (PAEAS).

Alex Raísa da Silva Viana

Médica veterinária formada pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) em 2021, pós-graduanda em Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais pela Faculdade Qualittas.

Glícia Fernanda Oliveira Almeida

Médica Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Especialização em andamento em Clínica Médica e Cirúrgica de Pets Exóticos e Animais Silvestres (QUALITTAS). Experiência na área de animais silvestres e exóticos, com alguns

estágios em zoológicos, clínicas e hospitais, obtendo experiência em: manejo, clínica, nutrição e cirurgia.

Yara Stephanie Ramos Ribeiro

Graduanda do 7º período de Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural do Semi-árido. Já realizei estágio na área de clínica médica de pequenos animais no hospital veterinário da universidade e atualmente estagio no Laboratório de Microbiologia Veterinária da mesma. Participei de cursos e palestras voltadas para clínica médica e cirúrgica de animais silvestres, com foco em lagomorfos. Tenho interesse nas áreas de clínica e cirurgia de pequenos animais e pesquisa.



Av. Francisco Mota, 572 (Campus Leste, Centro de Convivência)
Costa e Silva | Mossoró-RN | 59.625-900 | +55 (84) 3317-8267
<http://edufersa.ufersa.edu.br> | edufersa@ufersa.edu.br



Av. Francisco Mota, 572 (Campus Leste, Centro de Convivência)
Costa e Silva | Mossoró-RN | 59.625-900 | +55 (84) 3317-8308 /3317-1096
<https://bibliotecas.ufersa.edu.br> | <https://colecoes@ufersa.edu.br>

Composição dos Anais

Versão digital: PDF-A

Número de páginas: 103

Acesse os Anais no Portal Atena (UFERSA): <https://periodicos.ufersa.edu.br/atena>

ISBN: 978-65-87108-45-2

CDL



9 786587 108452